REVISTA DA SEMANA

22 ★ 3-6-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO:

A CANONIZAÇÃO DA BEMAVENTURADA EMILE DE RODAT

DESTA VEZ SERA' MELHOR!

MUITAS FOTOGRAFIAS COLORIDAS E MUITAS OUTRAS
NUMA SÓ CÔR, PORÉM TÔDAS EM TAMANHO GRANDE



Esta e muitas outras fotografias especiais dos mais populares "astros" e "estrêlas" do
CINEMA ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA

Á VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS DO RIO E DOS ESTADOS NO FIM DESTE MÊS

O ALBUM DE
A CENA

CONTÉM AINDA:

Fichário completo dos artistas e biografias e curiosidades a respeito dos mesmos

★

ARTIGOS:

O MUNDO PRECISA RIR

★

CINEMA EUROPEU DOS ÚLTIMOS TRINTA ANOS

★

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO RÁDIO

★

CINESTESIA, UMA DISTRAÇÃO SEM DOR

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembolso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana — Rua Visconde de Maranguape n. 15 — Rio de Janeiro.

FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANTO



A CANONIZAÇÃO DA BEMAVENTURADA EMILIE DE RODAT

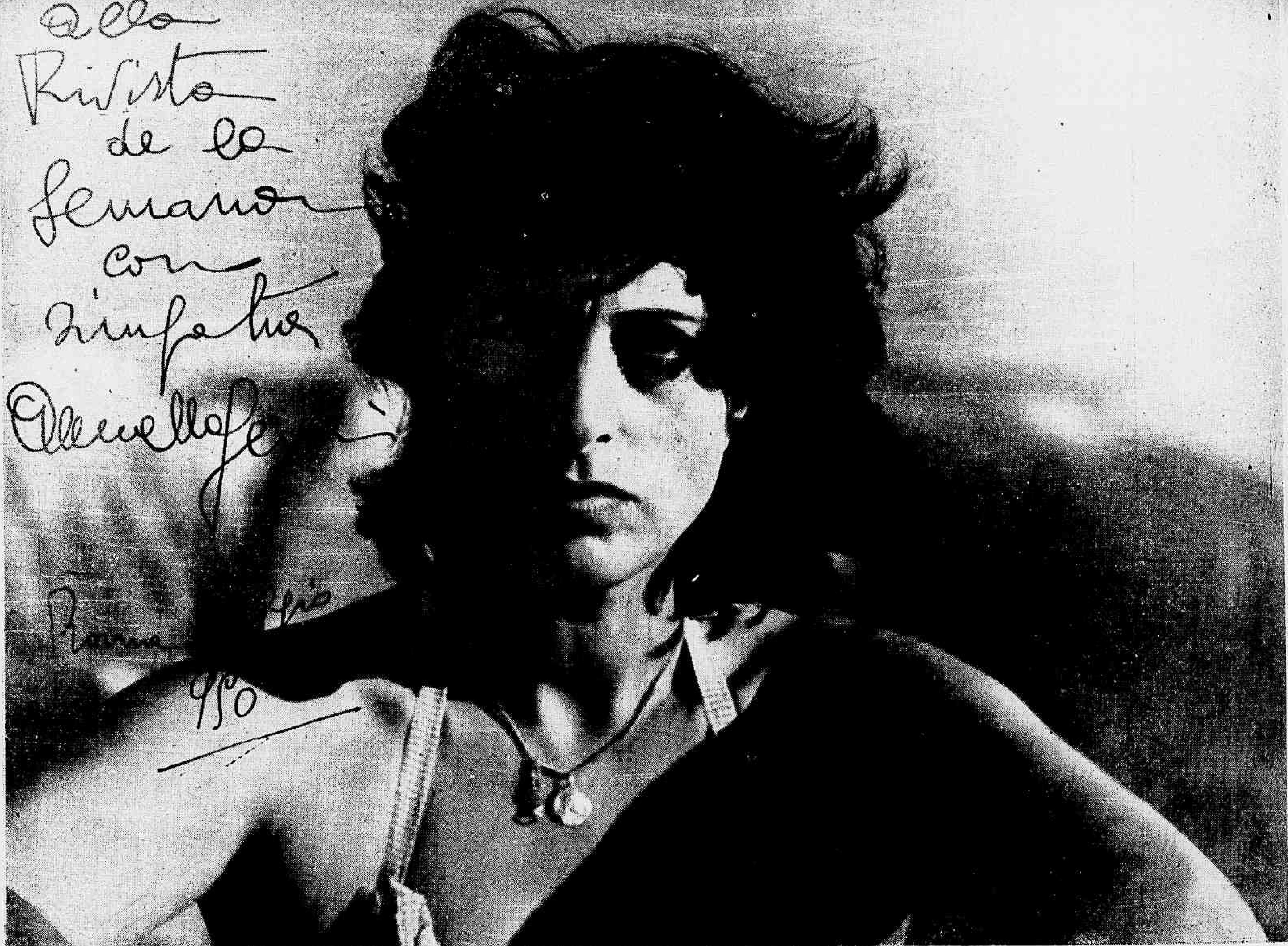
Na véspera, o representante da REVISTA DA SEMANA é recebido em audiência por S.S. Pio XII ★ A bênção e a saudação do Chefe da Igreja em português ★ Cinqüenta mil peregrinos lotam a Basílica de São Pedro na cerimônia máxima da nova santa francesa ★ Flagrantes e pormenores do templo em dia de grande festa

Por CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa)

ROMA, abril **(Via Air France)** — O ofício da Antecâmara Pontifícia dizia apenas isto: "Sua Santitá riceverá in audienza il Signore Silveira nel giorno di domani alle ore 12. — Vaticano, 21 Aprile 1950. — Il Maestro di Camera di S.S.". No rodapé, uma advertência: "Signore, velo e rigorosamente accollate. Eclesiasti, abito piano". Na parte alta, junto ao emblema papal: "S. Pietro Reparto — Ingresso Scala Braschi".

Muito antes da hora marcada, na manhã seguinte, cruzamos o Arco dos Sinos, à esquerda da Basílica; e depois de sucessivas apresentações daquele convite aos soldados da guarda suíça, passamos pela sacristia, deixamos de lado a entrada solene para o Museu do Vaticano, subimos inúmeros degraus de mármore e somos conduzidos pela Escada Régia à entrada que se destina aos altos dignitários eclesiásticos e civis, romarias e pares de matrimônios vindos a Roma em viagem nup-

(Cont. na pág. 8)



Anna Magnani, a notável artista italiana, possui uma máscara naturalíssima. Não usa a maquillage e, exceto em raríssimos casos, em que é exigido pelas indispensáveis necessidades técnicas, é o verdadeiro rosto da atriz que vemos na tela. Ela sofreu muito para poder chegar ao estrelato e à fama de que desfruta. Sabe, portanto, viver seus papéis sem fingir muito.

ANNA MAGNANI, ARTISTA E MULHER

Rápida entrevista com a popular, temperamental e humana artista romana ★ Admiradora do Brasil ★ Gosta do samba ★ Mãe carinhosa ★ Sacrifícios e fôrça de vontade para chegar ao estrelato

Por SYLVIO SILVEIRA

SEM dúvida alguma, no cinema italiano de hoje, Anna Magnani ocupa um lugar de destaque. A irrequieta artista é querida não só pelos seus compatriotas como também pelos milhares de fãs que ela conquistou desde seu aparecimento em "Roma, cidade aberta", no mundo inteiro. Ela conservou o caráter despreocupado de sua primeira infância, que transcorreu no Palazzo Cenci. Estudou em seguida num colégio no Gianicolo, um dos bairros de Roma, de onde foi expulsa porque lhe acharam entre os livros um diário em que caricaturava as Irmãs professôras. Do colégio de freiras até o cinema, o caminho percorrido foi longo e difícil, mas Anna Magnani soube manter a fronte sempre erguida e venceu. Na vida privada como na tela, ela conserva-se humanamente simples e verdadeira. E' sempre a mesma, e nessa procura apaixonada da verdade é que está a causa mais forte de seus sucessos.

Falamos-lhe do Brasil e dos admiradores incontáveis que tem em nosso país, e ela assim nos respondeu:

— Diga aos leitores da sua revista que sou uma enamorada da linda terra brasileira. Todos os minutos de minha vida estão hoje entregues ao cinema, e quando me sinto fatigada, depois de um dia de estafante trabalho no estúdio, vou distrair-me na "boite" em que trabalham Fon-Fon e Horacina Corrêa, pois a música da sua terra me entusiasma bastante. Com sinceridade, as melodias brasileiras servem para mim de tônico, empolgam-me e fazem-me vibrar de maneira estranha. Danço o samba tantas vêzes quantas a orquestra o executar. Sou uma verdadeira fã do samba. A música de minha predileção é



No princípio de sua carreira artística, quando apenas fazia «pontas», foi-lhe aconselhado abandonar o cinema por não se adaptar ao seu temperamento. Mas... os vates erraram.



Apesar de ser agora uma artista de renome, continuou a ser acessível. Ei-la comprando castanhas assadas de uma vendedora ambulante nas ruas de Roma, coisa comum na Itália.



Anna e Roberto Rossellini que a lançou em «Roma, Cidade Aberta». Ela deve muito ao seu regista e o reconhece.

"Na Baixa do Sapateiro". Creia que serei capaz de a cantar do princípio ao fim, e com a sua letra original. Essa música tem muita poesia e um não-sei-quê que nos põe a cabeça tonta. Não é possível permanecer sentada quando se escuta um samba.

E depois:

— Sei que tenho uma dívida muito grande contraída com os brasileiros, diante das simpatias que me dispensam na sua pátria. Era meu desejo aproveitar êste ensejo para resgatar essa dívida, concedendo à REVISTA DA SEMANA uma reportagem mais ampla, mas fica para outra oportunidade. Neste momento tenho que filmar doze a quinze horas por dia. Sou grata pelas atenções que êsse adorável público me proporciona, público que já conheço através das boas amizades que tenho contraído com muitos brasileiros vindos a Roma e com quem se me oferece oportunidade de conversar. Conto com bons amigos no Brasil e compreendo a estima que ali me dispensam; estou disposta a colocar de lado inúmeros convites recebidos para filmar no exterior, preferindo aceitar um que agora me chega às mãos para filmar nesse país. Será a concretização do meu maior desejo: colocar o Brasil inteirinho dentro do meu coração. Diga, portanto, aos leitores da sua revista que irei ao Brasil muito breve. Nas palestras que tenho mantido com os seus patrícios, tão simpáticos, demonstrei o desejo de saber tudo o que se refere aos seus hábitos, e cheguei à conclusão de que fàcilmente me tornarei uma brasileira... honorária, logo nos primeiros dias de permanência no Rio. Espero muito breve dizer com segurança a data da minha partida, creio que se dará dentro de poucas semanas. E por agora, um grande abraço ao Brasil, aos brasileiros — e o meu "até breve".

E' bem possível, portanto, que em breve a artista italiana visite o Brasil, onde por certo encontrará tôda a simpatia que dedica a seus habitantes, devida apenas ao ligeiro contacto com brasileiros que visitam a Itália e com as músicas que ouve tocar nas "boites" das cidades italianas e que acompanha com a letra original.



Anna gosta de animais. Tem um apêlo de arames, Pippo. Na foto está abraçada a um bode, durante uma filmagem.



Micia, uma loba preta, é a favorita de Anna Magnani e é conhecidíssima em Roma. A artista declarou que julga as pessoas pelo modo como se comportam com os animais. Em baixo, vemos a artista junto com o pequeno Luca, seu filho, que ela adora e a quem muito se dedica, pois uma paralisia infantil o aleijou. Isso desculpa o seu temperamento.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ N.º 22 ★ 3-6-950

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

LIÇÃO DE MORAL

Verificou-se nesta cidade um drama dos mais pungentes, no qual se viram e ainda se vêem envolvidas cinco crianças entre sete e quatorze anos, de ambos os sexos. Um casal, pai e mãe dos meninos, foi habitar um hotel em Botafogo. Mas pouco tempo depois, o chefe da família viajou para São Paulo, deixando a espôsa e os filhos bem instalados. Os meninos em idade escolar foram matriculados num colégio e tudo corria bem.



Mas, como êle estivesse demorando mais do que era possível, a espôsa, aflita, resolveu verificar o que se passava e embarcou também para a capital paulista em busca do homem. E os dias se passaram. As crianças continuaram no hotel e a freqüentar as aulas do seu educandário. Mas, em face do silêncio dos seus genitores, o proprietário do hotel se inquietou e comunicou o fato ao Juízo de Menores.

Até aí tudo normal e seguindo seu curso de acôrdo com as circunstâncias; mas, bastou que o fato tomasse aspecto público para que uma parte da imprensa procurasse explorar com sensacionalismo o drama íntimo, episódio corrioneiro entre gente desprotegida da fortuna. Sabemos perfeitamente que um dos nossos hábitos de jornalismo é trazer à luz do dia os fatos sensacionais e convertê-los em maior sensação ainda. Mas, no caso dêsse casal que abandonou cinco filhos num quarto de hotel, o aspecto do sensacionalismo teria outro caráter. Estariam mesmo as crianças abandonadas pelos pais? Nada de positivo fôra apurado para antecipar-se uma situação dessas. Foi quando a irmã maiorzinha dos garotos, ela com apenas 14 anos, falando a outros jornais deu à imprensa do Rio uma lição de moral profissional, censurando o escândalo que estavam tecendo em tôrno do assunto. Que aula!

O EXÉRCITO DA DEMOCRACIA

E' o dos eleitores. O Brasil está ativando o alistamento eleitoral para as próximas decisões nas urnas. Nosso exército já atinge cêrca de nove milhões de votantes. Em relação à massa de habitantes em idade de votar, ainda é pouco. Mas, desde que o voto seja consciente, terá a vantagem da qualidade e não da quantidade. Qual será a situação por Estados, dêsse exército de eleitores? Segundo os mais recentes dados vindos a público em jornais do Rio, está assim distribuída a massa eleitoral: Amazonas, 48.692; Pará, 213.060; Maranhão, 168.635; Piauí, 164.739; Ceará, 460.340; Rio Grande do Norte, 168.025; Paraíba, 231.991 Pernambuco, 372.353; Alagoas, 97.863; Sergipe, 103.194; Bahia, 580.408; Espírito Santo, 137.406; Distrito Federal, 687.395; Estado do Rio, 459.317; São Paulo, 1.658.224; Paraná, 265.801; Santa Catarina, 292.863; Rio Grande do Sul, 808.133; Minas Gerais, 1.530.188; Goiás, 141.495; Mato Grosso, 88.567; total: 8.678.689. Esses dados, porém, já sofreram diversas alterações para mais, segundo notícias esparsas que estão sendo publicadas na imprensa do Rio e provindas de fontes de apurações recentes em vários Estados da federação. E' provável que já estejamos com um total acima de nove milhões de votantes, o que constitui notável progresso entre a campanha eleitoral de 1945 e a que se vai travar dentro de poucos meses. A democracia no Brasil, a «plantinha tenra» a que se referiu o governador Mangabeira num de seus discursos políticos, já está com as raízes profundas e cada vez mais firmes na consciência da pátria. Agora, o que temos de fazer é ir cuidando carinhosamente de adubá-la com o exercício do voto livre e secreto. E êste país será um grande povo dentro de uma grande pátria.



POLÍTICA ASSASSINA

A notícia mais deplorável que circulou por todo o país em fins da semana passada, foi aquela do conflito armado entre o dr. Paulo Eleutério Filho, oficial de gabinete do Governador do Pará e o heroico capitão Humberto Vasconcelos.



Quem não guarda o nome de Humberto? Era êle ainda aspirante quando, em 1934, subministrando a seus alunos uma aula sôbre o uso de granadas, acionou a mola da espoleta da que lhe servia de lição prática, verificando no mesmo instante que, por inadvertência, havia usado uma granada carregada. O aspirante não perdeu a calma naquele minuto de agonia. Diante dele estava numeroso grupo de soldados; o recinto era fechado, não havendo tempo de jogar longe o engenho de guerra. Então o aspirante Humberto recorreu a esta medida extrema e heroica: ordenou que todos os sus alunos se deitassem ao chão, enquanto êle, passando a granada para a mão esquerda, ergueu o braço e apertou-a com tôda a fôrça, aguardando a explosão. Instantes depois o estampido espalhava estilhaços por todos os lados, mas sem ferir nenhum dos rapazes. Sòmente êle, o heroico instrutor caía por terra com o braço esquerdo esfacelado, banhado de sangue e salpicado de destroços de carne e ossos. Correu todo mundo para socorrê-lo. Para salvar a vida dos estudantes, sacrificara a vida. Internado no Hospital do Exército, foi submetido a uma operação, deixando o nosocômio apenas com o braço direito. O Govêrno, em homenagem a êsse herói, manteve-o na ativa, chegando êle ao pôsto de capitão. Pois é êsse homem que, agora, por motivos políticos, trava duelo com o dr. Paulo Eleutério Filho, e ambos caem varados de balas. Seu antagonista já morreu e êle está às portas da morte. O motivo do choque foi uma referência insultuosa de um jornal de Belém contra Humberto. Política, política assassina.

FOGOS DE SÃO JOÃO

Nunca se viu tanta precocidade em festejar uma data como o que ocorre neste Rio de Janeiro com as chamadas comemorações juninas. Podemos estar ainda em abril e já os meninos e desocupados se entregam a farras de fogos e bombas em lugares onde, de forma alguma, deveria ser permitido qualquer barulho. Em maio, então, cresce de tal forma a ofensiva do barulho da pólvora e da fumaceira, que até parece estarmos vizinhos a campos de batalha entre xércitos enfurecidos. Chamamos a atenção das autoridades para o que ocorre em bairros residenciais como o do Jardim Botânico, várias zonas de Copacabana e outros logradouros da cidade. Em muitos lugares em que há hospitais e casas de saúde, maternidades, escolas, etc., o uso de fogos de estampidos é um abuso inqualificável.



E' interessante notar que os bandos de desocupados parece que metem medo à própria polícia, pois esta assiste às exibições e faz vista grossa como se aquilo que se está praticando nas ruas e praças fôsse permitido. O ano passado, o atrevimento dessa gente sem compostura chegou a êste aperfeiçoamento: jogar bombas dentro de ônibus e de bondes repletos de passageiros! As crônicas aí estão para atestar o resultado de tanta desfaçatez. Muitos feridos foram a farmácias e ao Pronto Socorro pensar os ferimentos e queimaduras de caráter, por vêzes, grave. Em certo edifício de apartamentos da Av. N. S. de Copacabana, atiraram bombas «cabeça de negro» à altura de uma residência em que havia uma senhora enfêrma, a qual, por pouco, não morreu com o susto por que passou. E tudo isso é feito entre risadas e bebedeiras. Chamamos a atenção das autoridades para o que já se está fazendo em maio. Em junho... que não acontecerá?

A PERSONAGEM DA SEMANA

QUARTA-FEIRA, 17 de maio de 1950, foi um dia de intensa expectativa nos meios políticos do país, e, especialmente, no seio do PSD, cujos próceres se reuniram às 21,30 horas para escolher o seu candidato à sucessão presidencial, «ad referendum» da Convenção a realizar-se durante a primeira quinzena do mês seguinte. Depois que a UDN lançou, de maneira definida e definitiva o nome do Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes ao próximo pleito para presidente da República, viu-se o PSD na conjuntura de seguir-lhe o exemplo e escolher também o seu candidato. Reunido o Conselho Nacional às 21,30 do dia 17 de maio, sob a presidência do sr. Cirilo Júnior e presente grande número de filiados ao partido, após as confabulações e discursos inerentes a tais reuniões, é homologada a candidatura do sr. Cristiano Monteiro Machado, por maioria de votos dos representantes estaduais. Houve, dentre algumas manifestações discordantes, a do delegado do Espírito Santo, sr. Santos Neves, o qual se absteve de votar no sr. Cristiano Machado em virtude de haver uma pendência de limites entre aquêle Estado e Minas Gerais. Aprovado o seu nome por maioria de votos, falou o sr. Acúrcio Tôrres e, dentre outras sugestões, lembrou que fôssem todos os presentes à residência do sr. Cristiano Machado a fim de ser-lhe comunicada a escolha do seu nome e, depois, irem ao Catete para congratular-se com o chefe do Govêrno, «o primeiro dos pessedistas». A imprensa do dia seguinte noticiou amplamente o fato e apreciou o nome do candidato do PSD, divulgando-lhe os principais traços biográficos. O sr. Cristiano Machado é um mineiro de tradicional família e possuidor de virtudes morais e intelectuais. E já ocupou cargos de realce e responsabilidade no seu Estado, tendo sido Secretário da Educação no Govêrno Valadares. O sr. Cristiano Machado tomou parte ativa na memorável campanha da Aliança Liberal, da qual resultou a queda da Primeira República e implantação da segunda, através da Revolução de Outubro de 1930. Foi deputado federal por Minas até 1937, quando se verificou o golpe de Estado e a volta do país à ditadura. O sr. Cristiano Machado exerce hoje o mandato de deputado por seu Estado na Câmara Federal. Elemento de destaque nas hostes do Partido Social Democrático de Minas Gerais, o sr. Cristiano Machado fazia parte da chamada «Ala Liberal» do mesmo partido, ala que se formou por ocasião da escolha do sr. Bias Fortes para candidato à chefia do Executivo Mineiro, ocasião em que foi pôsto à margem o nome do sr. Wenceslau Braz. O nome do ilustre prócer pessedista se tornou o foco de tôdas as atenções na semana que passou, restando agora que a Convenção Nacional do Partido Social Democrático, marcada para os dias 9 e 10 de junho, ratifique a escolha do Conselho que o aclamou por maioria, a 17 de maio.



Deputado Cristiano Machado, candidato do PSD à Presidência da República



NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Por que motivo recebeu o Brasil, no século passado, cêrca de 3 mil emigrantes norte-americanos:

— Derrota dos confederados?
— Crise econômica nos Estados Unidos?
— Questão religiosa?

2 Que significa a palavra «begum» anteposta à espôsa de Aga Khan:

— Soberana?
— Princesa?
— Rainha?

3 Qual é a pátria de Galileu:

— Galiléia?
— França?
— Itália?

4 Que quer dizer «sincipúcio»:

— Medicamento anti-febril?
— O ponto mais alto da cabeça?
— Intervenção cirúrgica?

5 Em que local do Rio foi assassinado Pinheiro Machado:

— Na Câmara dos Deputados?
— No Hotel Glória?
— No Hotel dos Estrangeiros?

6 Que significa o têrmo «misoneísmo»:

— Vista curta?
— Horror à altura?
— Aversão a novidades?

7 Que outro nome teve a rua Camerino:

— Rua da Misericórdia?
— Rua da Imperatriz?
— Cadeia Velha?

8 Em que ponto do Rio antigo ficava o mercado de negros escravos:

— Na rua do Valongo?
— Na Praça Mauá?
— No Cais Pharoux?

9 Qual o nome popular do carrasco que enforcou Tiradentes:

— João Pente Fino?
— Zé do Garrote?
— Capitania?

10 Que quer dizer «grisu»:

— Bebida alcoólica dos africanos
— Gás existente nas minas de carvão?
— Espécie bovina?

11 Em que ano Niterói passou a ser capital do Estado do Rio:

— 1835?
— 1822?
— 1889?

12 Que quer dizer «estêncil»:

— Medida mexicana?
— Sinônimo de milha marítima?
— Papel para copiar em mimeógrafo?

3 Que significa «falésia»:

— Perda de memória?
— Uma região da Ásia?
— Corte abrupto de uma montanha sôbre o mar?

14 Em que local do Rio se erguia o Teatro Lírico:

— Na Praça Paris?
— Na Rua 13 de Maio?
— Na atual Praça Floriano?

15 Que sucedeu a Flaubert ao publicar o seu romance «Madame Bovary»:

— Foi processado?
— Recebeu prêmios do govêrno?
— Roubaram-lhe os originais?

16 A que escola literária pertence a poesia «O Noivado do Sepulcro»:

— À Escola Mineira?
— À Ultra-Romântica?
— À Gongórica?

17 Que quer dizer «quintilha»:

— Estrofe de cinco versos?
— Medida para vinho?
— Uma chácara pequena?

18 Que nome tem a parte da Didática que demonstra a existência de Deus:

— Teorema?
— Teocracia?
— Teodicéia?

19 Qual dos revolucionários da conspiração mineira que sugeriu para a bandeira republicana o lema «Libertas quæ sera tamen»:

— Tiradentes?
— Alvarenga Peixoto?
— Bárbara Heliodora?

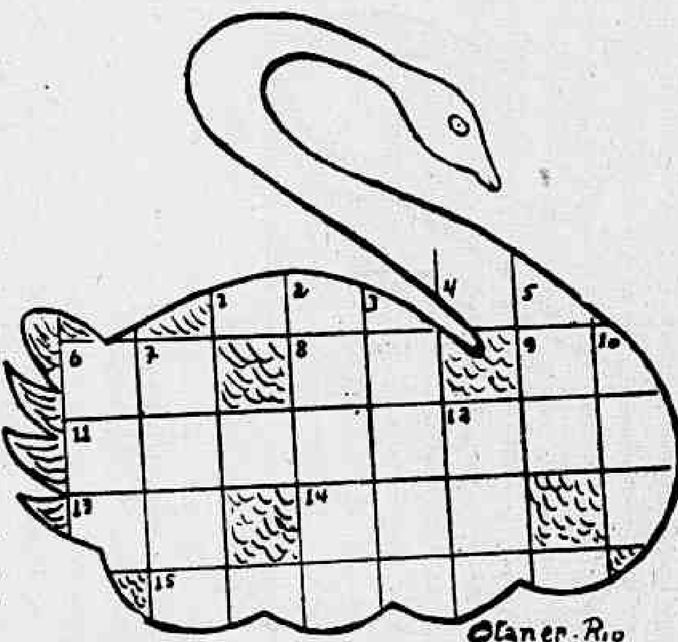
20 Qual o homem de letras e poeta que teve, no Brasil, mais longa vida:

— Juvenal Galeno?
— Raimundo Correia?
— Olavo Bilac?

(Respostas na pág. 58)

PALAVRAS CRUZADAS

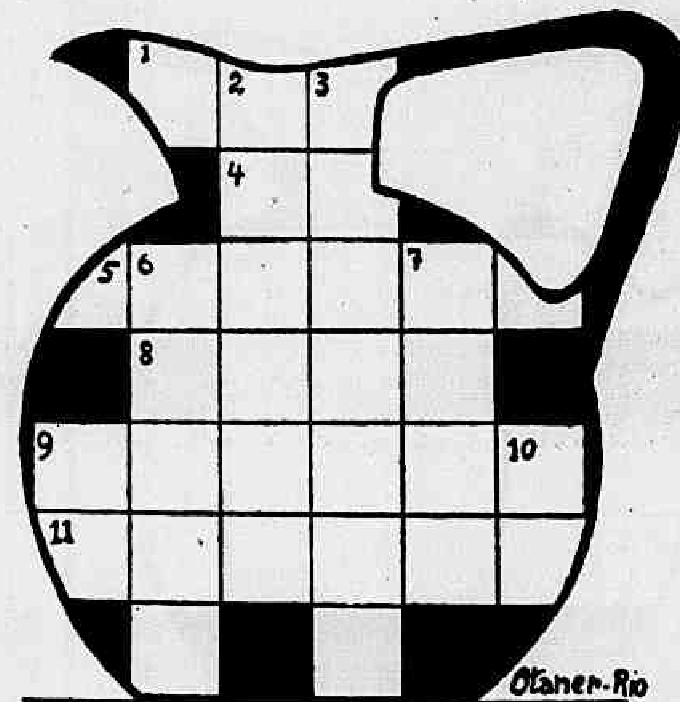
PARA VETERANOS



PROBLEMA N. 4

HORIZONTAIS: 1. Tinta — 4. Maneiras — 6. Raineta — 8. Raiz — 9. Sufixo que indica autor — 11. Apaixonado — 13. Debica — 14 Upa! — 15. Orvalhinha, planta droserácea.

VERTICAIS: 2. Escudo oval da antiga infantaria grega (pl.) — 3. Arreata — 5. Grande porção — 6. Mofar — 7. Acrescentar — 10. Navio de combate cuja proa é munida de um esporão de aço — 12. Análogo.



PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 4

HORIZONTAIS — 1. Aia — 4. Outra coisa — 5. Pancada com taco — 8. Móvel onde a gente se deita — 9. Sujeito maçador, pau — 11. O que governa na abadia (plural).

VERTICAIS: 2. Fêmea do macaco — 3. Alameda ladeada de árvores — 6. Termina — 7. Ponha a data — 9. Aqui — 10. Existes.

Soluções dos problemas do número anterior

PARA NOVATOS — **Horizontais:** Corrida — Ali — Rol — Armar. **Verticais:** Cá — Ola — Rir — Ira — Dor — Al — Mi.

PARA VETERANOS — **Horizontais:** — — Ré — Mó — Cateiro — Mira — Nilo — Edacidade — Lê — Ara — En. **Verticais:** — Ar — Ão — Égide — Molde — Ara! — Taca — Inda — Ria — Suavidade — Oen — Ir.

★

COLABORAÇÃO — Com o máximo prazer aceitamos a colaboração dos cruzadistas que nos queiram favorecer com seus problemas, os quais devem obedecer às seguintes condições

a) desenho feito a nanquim, em papel de desenho, devendo cada problema vir acompanhado de um «fac-simile» a lápis com a respectiva solução:

b) não são admitidas palavras invertidas, decepadas, isto é, sem letra inicial ou final, bem como iniciais de nomes próprios ou de coisas;

c) são admitidos os dicionários mais comuns; Pep. Dic. Bras. da Língua Portuguêsa, Simões da Fonseca e Cândido Figueiredo (edições pequenas), Pequena Enciclopédia de Monossílabos, Enciclopédia do Charadista.

d) os colaboradores deverão, para nossa verificação, indicar os dicionários usados na confecção dos seus problemas.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

A "REVISTA DA SEMANA" E AS COMEMORAÇÕES DO ANO SANTO

Acompanhe essas extraordinárias festividades religiosas lendo as reportagens que a "REVISTA DA SEMANA" já começou a publicar a respeito do magno assunto.

Em cada número da "REVISTA" será lançada uma reportagem feita para o seu grande público, pelo enviado especial da redação a Roma. A "REVISTA DA SEMANA" é vendida em todos os pontos de jornais do Brasil ao preço de Cr$ 3,00. Uma assinatura (porte simples) custa, por seis meses, Cr$ 70,00, e por um ano Cr$ 140,00; sob registro custa, por seis meses, Cr$ 85,00 e por um ano Cr$ 170,00.

Redação: Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.

FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANTO

(Cont. da pág. 3)

cial para receber a bênção do Sumo Pontífice. Lá deixamos, em baixo e pelos corredores, os vistosos guardas que se perfilam de pernas abertas e punhos na cinta, como numa tela clássica ou passeiam com a regularidade de um pêndulo de relógio. E vamos ter, enfim, ao núcleo mais antigo dos palácios vaticanos. Em um dêles Pio XII receberá os convidados dêsse dia sombrio de sábado, junto à Biblioteca, outro monumento repleto de preciosidades que não temos tempo para examinar nessa ocasião.

De relance, passamos por imensos salões, pisando mármore coberto por valiosos tapêtes que abafam os passos, sob forros dourados e esculpidos, entre paredes que desaparecem sob a tapeçaria e os brocados. E' então, na chamada Biblioteca particular, uma espécie de escritório privado, que Sua Santidade nos recebe a nós e a mais seis peregrinos distinguidos com honra idêntica.

Tudo ali traduz requintes de pompa, impressionando o visitante, embora nos tenham informado que o Papa não mora nesses aposentos. Terminadas as solenidades protocolares de cada dia, êle sobe ao terceiro andar e ali o espera um quarto de dormir muito simples, com uma cama de latão, um guarda-roupa singelo, duas mesas vulgares e ao lado uma sala de jantar sem pretensões, além de outro escritório austeramente mobilado com peças comuns.

Não entramos nessas dependências particulares, mas da parte externa, já na véspera, o dr. Dioclécio Rédig de Campos, da Embaixada do Brasil junto ao Vaticano, homem ilustre de quem falaremos com vagar em outra oportunidade, nos informou que até madrugada alta se vê luz no gabinete de trabalho papal. E mesmo quando as trevas e o silêncio se espalharam por todo o Vaticano e todos repousam ainda se pode ver, de longe, o reflexo de iluminação nesse aposento em que êle estuda e lê.

Mas não sobra tempo, agora, para essas divagações: todos esperamos a aparição do Chefe Supremo da Igreja, que não se faz esperar. Lá em baixo, no templo de São Pedro, efetua-se à mesma hora uma cerimônia do Convênio Internacional, com a presença de vinte mil peregrinos que também esperam ver o Papa. Êle dispõe, quando muito, de vinte minutos para atender a êstes convidados especiais — quatro senhoras e dois cavalheiros que falam os mais variados idiomas. Brasileiro, um único, o repórter da REVISTA DA SEMANA.

E faz-se sem aparato a entrada de Pio

A GRANDE CERIMONIA

Flagrante obtido na Basílica de São Pedro, quando, encerradas as solenidades da canonização da bemaventurada Emile de Rodat, presididas por Pio XII, Sua Santidade, voltava a percorrer a grande nave do templo, na cadeira gestatória. Mais de cinqüenta mil pessoas se aglomeravam na passagem, do séquito e a tôdas era distribuída a bênção papal.

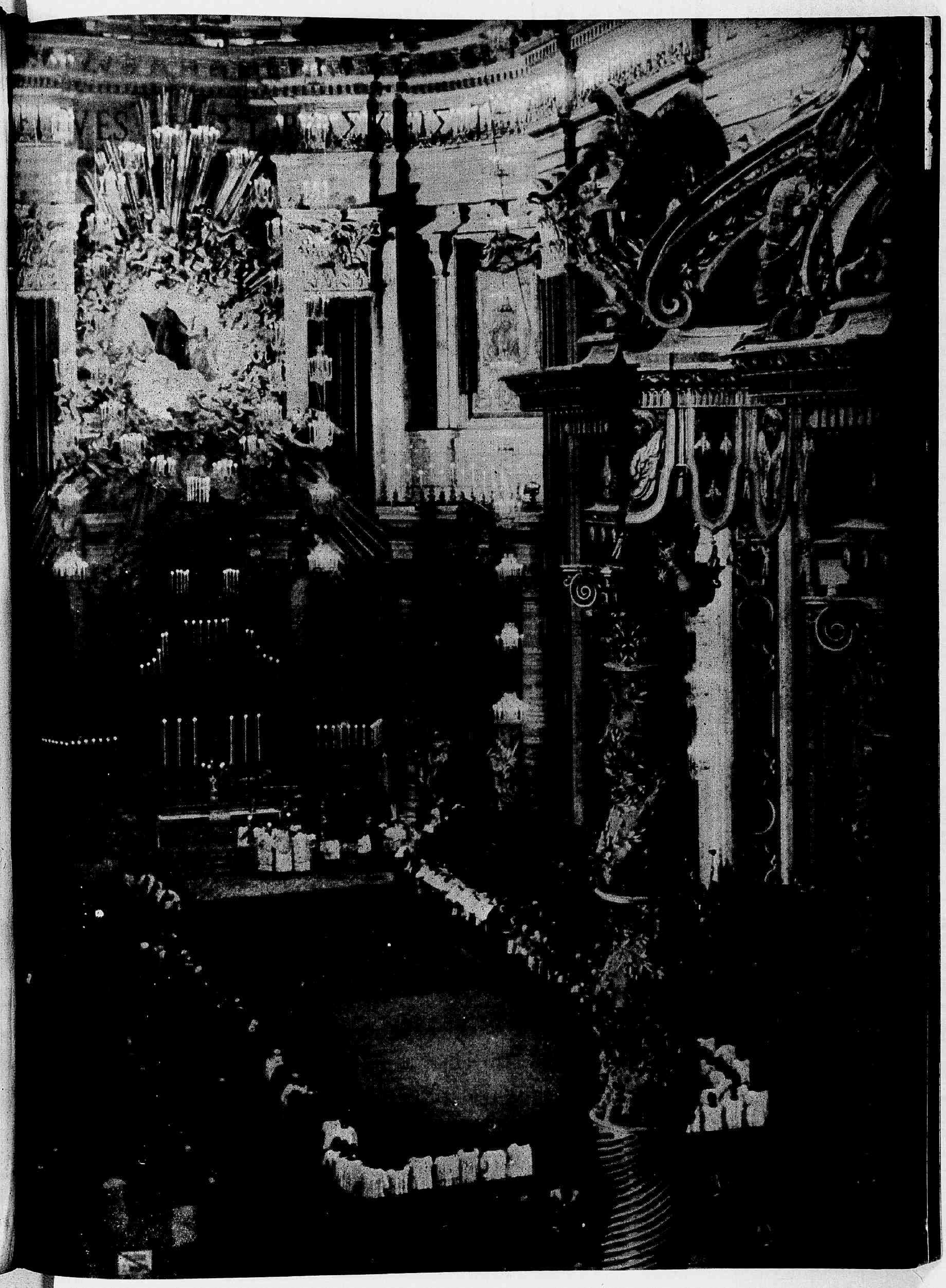
A BASILICA

Não é fácil reproduzir, em uma gravura fotográfica, as proporções imensas da Basílica de São Pedro. Este clichê permite ao leitor avaliar, o que é a Basílica. A harmonia perfeita dos detalhes, também gigantescos, tira a evidência da medida de comparação, mas basta dizer que, do fundo da igreja, as pessoas situadas no altar-mór, são vistas minúsculas.



A BENÇÃO

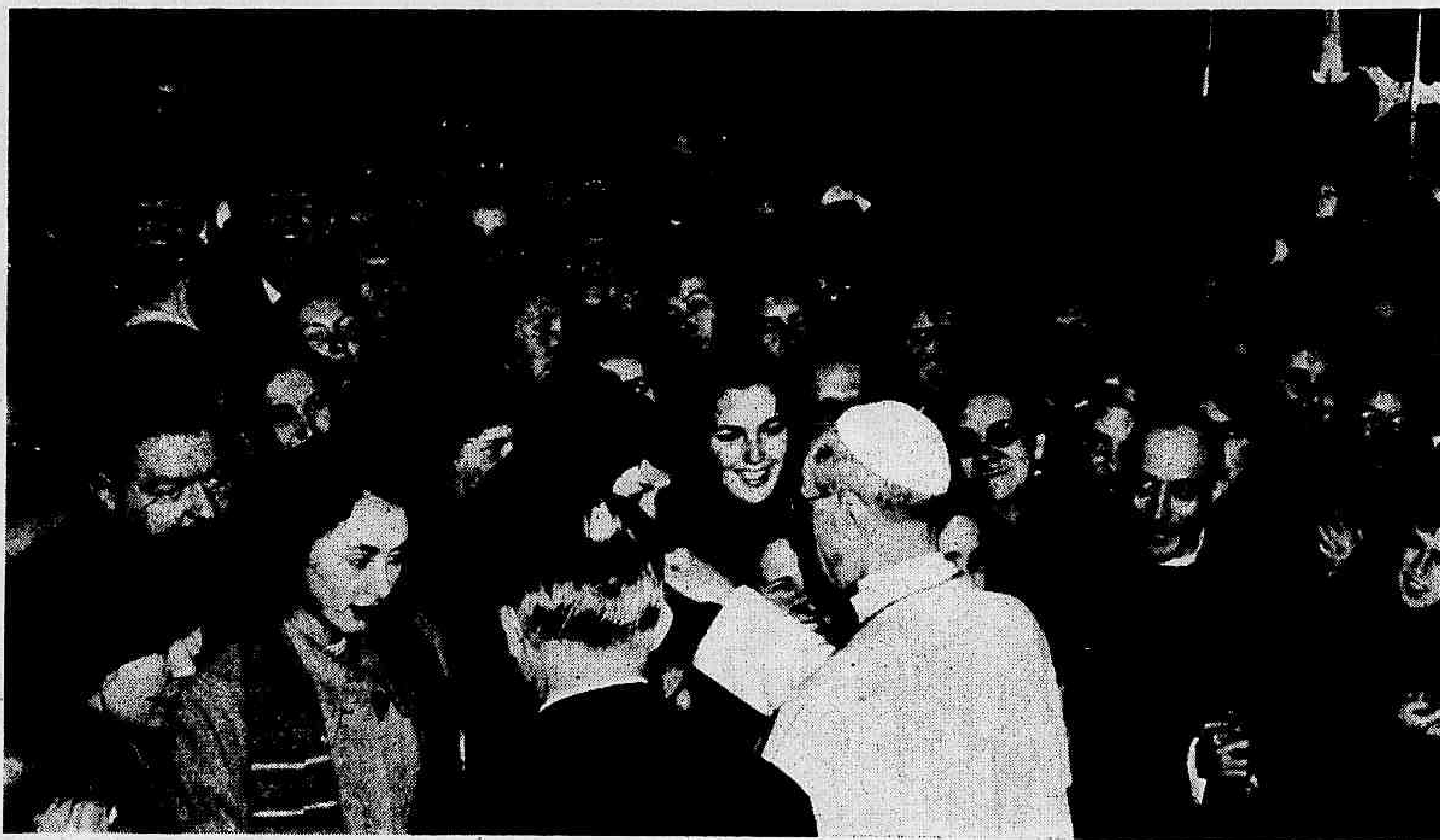
A Basílica vaticana, em dia de canonização ou festa pascal, é uma grinalda fulgurante de trinta mil lâmpadas, pondo em relêvo um halo de luz nas linhas do templo. O Pontífice benze o povo, entre os solenes flabelos ondeantes e o pensamento se transporta à entrada de Jesus em Jerusalém. Aqui, um aspecto obtido no dia em que foi canonizada Emilie de Rodat.





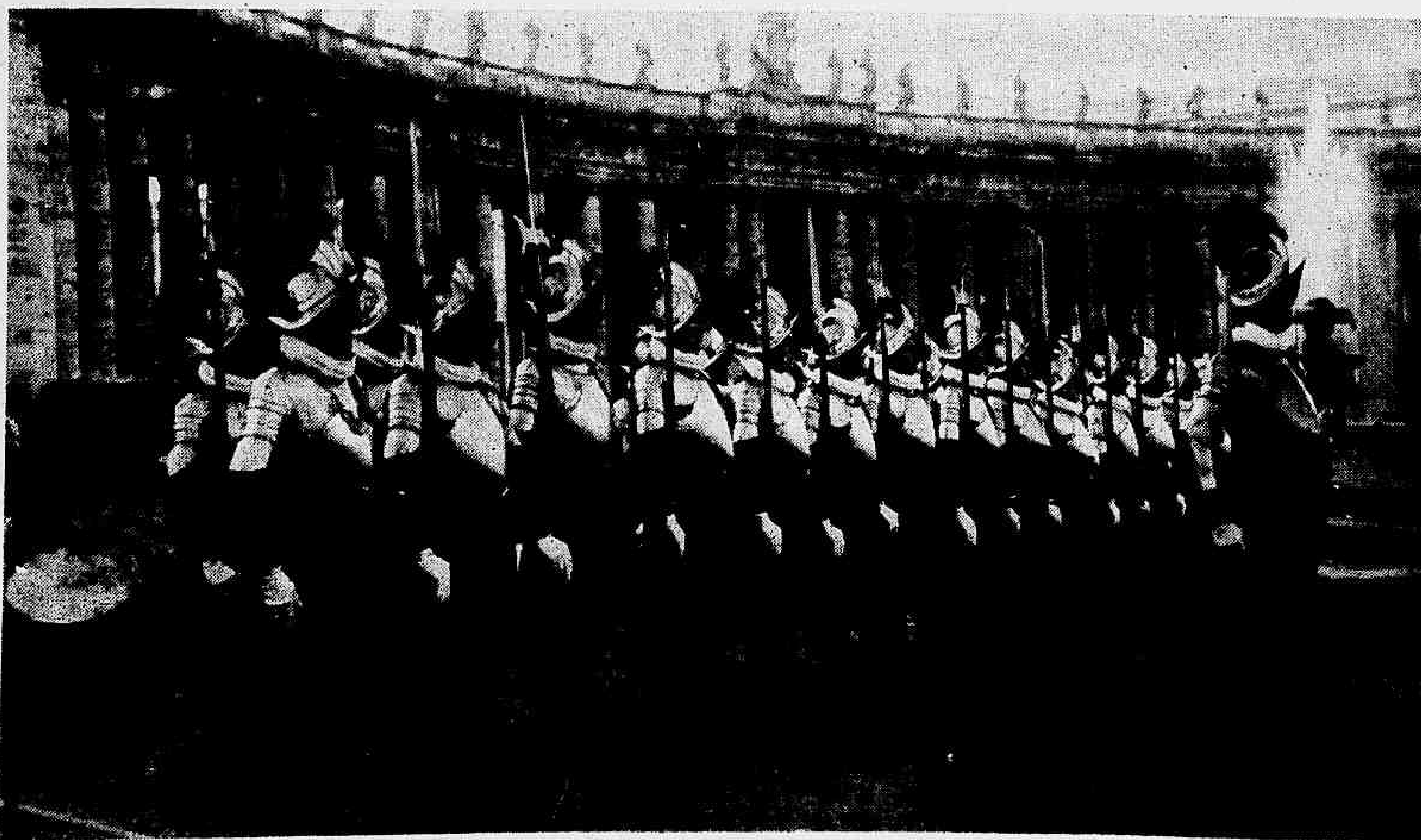
AUDIENCIA COLETIVA

Não é tão difícil como parece, ver o Papa, em Roma. Sua Santidade aparece freqüentemente aos fiéis, principalmente êste ano, quando milhares de peregrinos o procuram na Basílica do Vaticano. Há muitos tipos de audiência, desde as de caráter privilegiado, concedidas às figuras eminentes, até às coletivas, de resto as mais animadas, quando Pio XII abençoa milhares de peregrinos que vão a Roma.



DE LONGE...

Elas foram de terras distantes, vencendo mil obstáculos; guiadas pelo espírito cristão que as aproximou da Cidade do Perdão. E no momento de receberem a bênção papal, todos os sacrifícios desaparecem, porque a compensação ali está, numa reconfortante disposição da alma e espírito. Agora poderão voltar para o seu rincão natal com a consciência tranquila de um grande dever cumprido.



FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANTO

NOBRES E ARISTOCRATAS

Flagrante obtido por ocasião das solenidades da Semana Santa, em Roma. Nessa ocasião, ilustres figuras da aristocracia e da velha nobreza, cobrem-se com êsse capus e, embuçados, desfilam à frente das procissões. Um jornal, em Roma, afirmou êste ano que um dos embuçados teria sido o príncipe Humberto, mas foi desmentido.

→

XII nesse aposento, precedido de dois secretários. Desde logo põe-se à disposição dos visitantes. Sabe quem somos, porque um dos secretários incumbe-se da apresentação mediante o convite protocolar exibido — e entabula-se uma rápida e animada palestra. Mas, como procedemos de regiões distintas, dificilmente nos entendemos, enquanto o Papa, êsse, compreende o idioma de cada peregrino ali presente e com êle conversa sem dificuldade. Nesses poucos minutos o ouvimos falar italiano, inglês, francês, alemão, espanhol — e português. Nada de aparatos nem protocolos, mas tudo muito simples e humano. A cada um, Sua Santidade dirige uma frase e uma pergunta. Quer saber se estamos satisfeitos com a viagem a Roma, se trazemos algum pedido especial, ou mensagens das nossas terras distantes. Quando se aproxima de nós, sublinha em explícito português, a sua estima pelo Brasil, terra que visitou e da qual guarda imorredouras recordações, pelo espírito cristão do seu povo. Foi o Brasil um dos primeiros países a associar-se, pelo seu govêrno, oficialmente, às comemorações do Ano Santo, e a medida de indulto aos presos, a isenção do passaporte para os peregrinos e as férias aos funcionários públicos que vêm visitar Roma no Ano do Perdão, tudo isso fêz com que o nosso país merecesse excepcionais demonstrações de carinho das autoridades eclesiásticas. Por fim, de mão direita ao alto e dois dedos em movimentos calmos, Sua Santidade falou:

— Que Deus o abençoe, a todos os de sua família, às pessoas de suas relações e amizade e aos objetos de sua particular estima.

Estava encerrada a audiência. Mas antes de se retirar, ainda o Papa nos envolvia, a todos, em uma benção geral.

*

Alguns minutos mais tarde, na imensa nave da Basílica, assistíamos à sua nova aparição, desta vez ocupando a cadeira gestatória e conduzido por doze altas figuras eclesiásticas. Tôda a massa humana que ocupava a nave, para cima de vinte mil almas, rompia em exclamações de entusiasmo, aplausos e saudações em múltiplos idiomas. Era um momento de êxtase, êsse em que Pio XII aparecia no templo, profusamente iluminado. E mais tarde, quando se retirou, não o fêz sem descer do trono portátil, junto ao portão central, de onde se voltou para a multidão da nave.

GUARDA SUIÇA

Em outros tempos êles participaram em luta aberta e guerrearam pela causa religiosa. Hoje, a Guarda Suiça vale por uma homenagem aos bravos batalhadores de outrora. Aqui os vemos perfilados, aguardando ordens para o serviço do dia.

→


INRI





A PRAÇA E A BASILICA

Não há exagêro em se afirmar que uma grande parte das atenções do mundo — e a totalidade do mundo cristão — voltam-se êste ano para a Praça de S. Pedro e a Basílica do mesmo nome. Organizam-se peregrinações em quase todos os países: a meta dessas viagens é sempre a praça enorme, fronteira ao templo romano. À esquerda, ao alto, detalhe das colunas em mármores policromos, em que a catolicidade celebra o triunfo de seus santos, reunidos em volta daquele que foi escolhido por Cristo, qual rocha eterna, como apoio para sua igreja. Em baixo, curioso flagrante da Praça São Pedro repleta de ônibus que aguardam a volta dos peregrinos da igreja. Aos domingos, êsse é um aspecto comum.

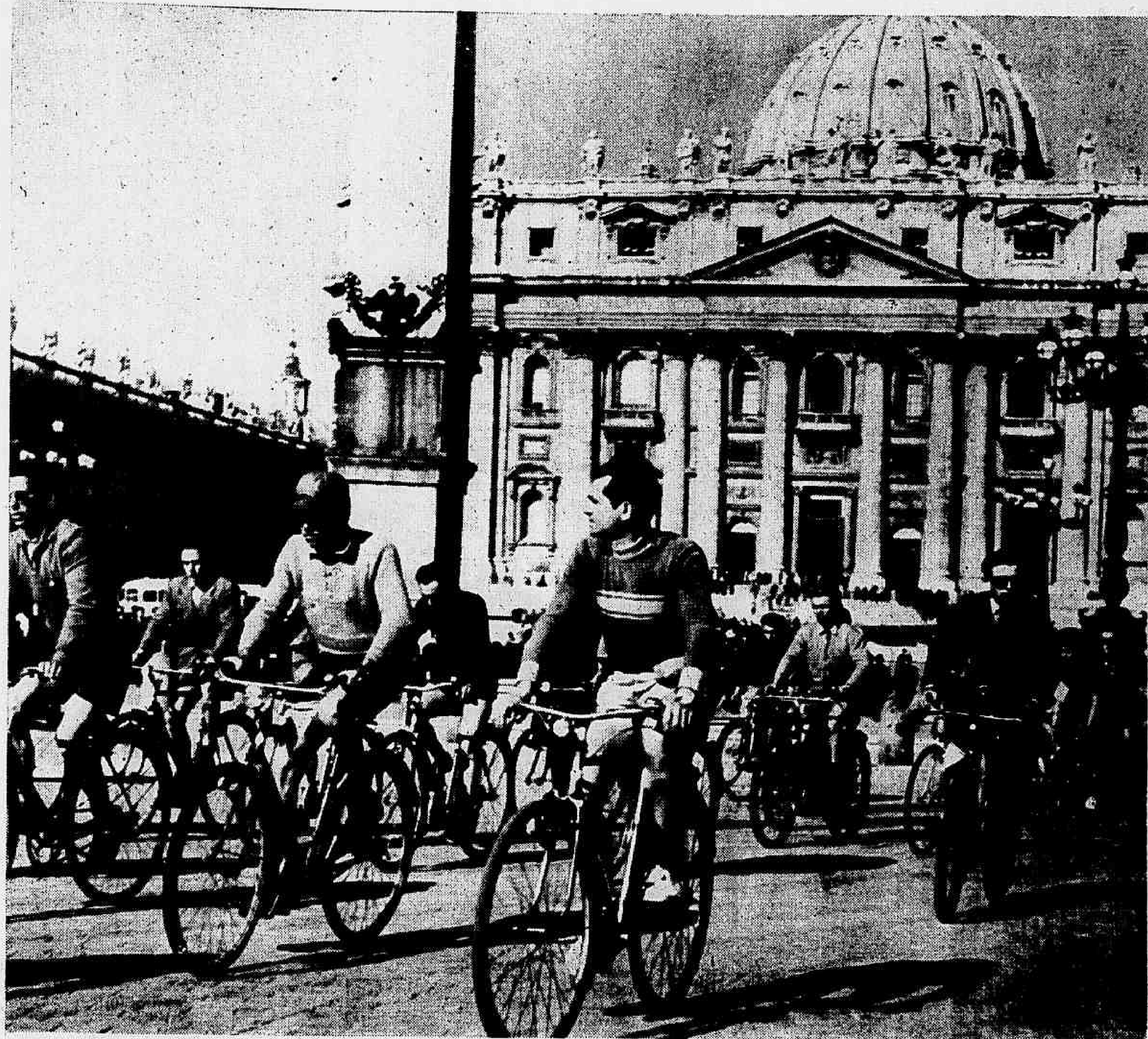
←

com os braços abertos, numa prece derradeira. Seu corpo, à distância, dava exatamente a idéia de uma cruz branca e gloriosa em holocausto à Divindade Suprema.

★

Foi na manhã seguinte, domingo, 23 de abril, que melhor pudemos avaliar a majestade da Basílica em dia de grande cerimônia. Ali se realizava a canonização de Maria Guglielma Emilia de Rodat, uma nova santa francesa, fundadora da Congregação das Irmãs da Santa Família. Sem nenhum exagêro, cinquenta mil pessoas se comprimiam no grande templo. E ninguém nêle havia penetrado sem estar munido do ingresso fornecido por D. Frederico Callori di Vignale, mestre de Câmara de Sua Santidade. Marcado o início da cerimônia para as oito da manhã, desde duas horas antes era difícil penetrar na igreja. E embora terminantemente proibido o porte de máquinas fotográficas, por deferência especial de Monsenhor Pignedoli, secretário geral do Comitato di Ano Santo, estávamos munidos de uma concessão especial nesse sentido. Éramos três os que podiam bater chapas nessa cerimônia: o fotógrafo oficial do Vaticano, o repórter de um jornal japonês e o representante da REVISTA.

Trinta mil lâmpadas espalhavam um halo de luz por sôbre as linhas da Basílica. As colunas e a abside do templo cobriam-se com damasco e ouro. Tudo ganhava imponência maior, entretanto, quando o cortejo papal se fazia anunciar, desfilando por entre a multidão ao som ritmado das trompas de prata, conduzindo o Pontífice que distribuia a bênção aos fiéis, do alto do seu trono, entre os solenes flabelos ondeantes, e as refulgentes tropas pontifícias que apresentavam armas de joelho em terra. Os hosanas da multidão enchiam o recinto, como se Jerusalém recebesse de novo a entrada gloriosa de Jesus. Cardeais





PEDALANDO SEMPRE...

Ciclistas cremonesis escolheram êsse veículo como transporte ideal para fazerem sua romaria à Cidade do Perdão, e o aparecimento dos experimentados rapazes na arte de pedalar foi, naquela manhã, uma nota de alegria e vibração em tôda a praça. Na gravura inferior, outra demonstração expressiva de fé e espírito de sacrifício: o sr. Watteyne Gustave, com sessenta e oito anos de idade, ao dar por finda a sua excursão, desde Bruxelas, para descansar em Roma, no dia 18 de abril último. Tôda a viagem fêz-se de bicicleta, e, conversando com os repórteres dos jornais de Roma, o sr. Gustave afirmou que espera, no próximo Ano Santo, repetir esta proesa...





PROBLEMA DA CAMA E MESA

A maioria dos peregrinos que vão a Roma o fazem dentro de um regime econômico bastante rigoroso. Grupo de colegiais ou jovens do mesmo país, congregam-se para reduzir as despesas. Dormem sob o mesmo teto, servem-se da mesma refeição, prevalecendo o espírito de cooperação para realizar o sonho de ir a Roma no Ano Santo.

em trajes purpúreos e mantos de arminho, camareiros de capa e espada com suas rendas brancas e gorjeiras engomadas sôbre o negro veludo, cavalheiros de Malta, de capa branca do Santo Sepulcro com a tripla cruz de cetim prêto, Guardas Nobres com suas calças de pele branca e os capacetes reluzentes, maceiros de trajes flamengos, soldados de colbacks de pêlo e os Guardas Suíços em uniformes multicôres sob o brilho dos capacetes e das couraças, os diplomatas acreditados junto à Santa Sé, desfilam a passo lento, enquanto se desenvolve o ritual multi-secular e a politonia religiosa enche as altas naves com o som dos órgãos e o canto extenso e virtuoso da Capela Sixtina, e trombetas, e instrumentos de corda, se fazem ouvir numa associação indescritível de harmonias.

A PE' DESDE A BELGICA

O casal H. Spiessens Rustord Vrede partiu da sua cidade natal, Zelem, na Bélgica, a 20 de fevereiro, empurrando essa carriola em que guardava seus pertences para a longa viagem a pé. Quase dois meses depois, chegava ao Vaticano: êle, de barba e cabelo crescidos; ela, visivelmente cansada, mas felizes. E voltarão também a pé.



A CONDESSA A CAVALO

Na manhã de 29 de abril último, a condessa Elena d'Hoenau, procedente da Austria, chegava a Roma terminando uma viagem de 1.500 cuilómetros montada na «Bella Gisella», nome de seu cavalo de estimação. Enquanto outros fazem a viagem piedosa a pé, de bicicleta, trem, cavalo, navio ou avião, a condessa preferiu êsse processo.

Nos próprios impressos do Vaticano e nas apoteóticas narrativas dos jornais há uma definição para tanta pompa e tanto fausto:

— "Nessas solenidades é quando a verdadeira função gloriosa da Basílica se compreende em cheio qual viva sinfonia, celebrando as glórias do Criador".

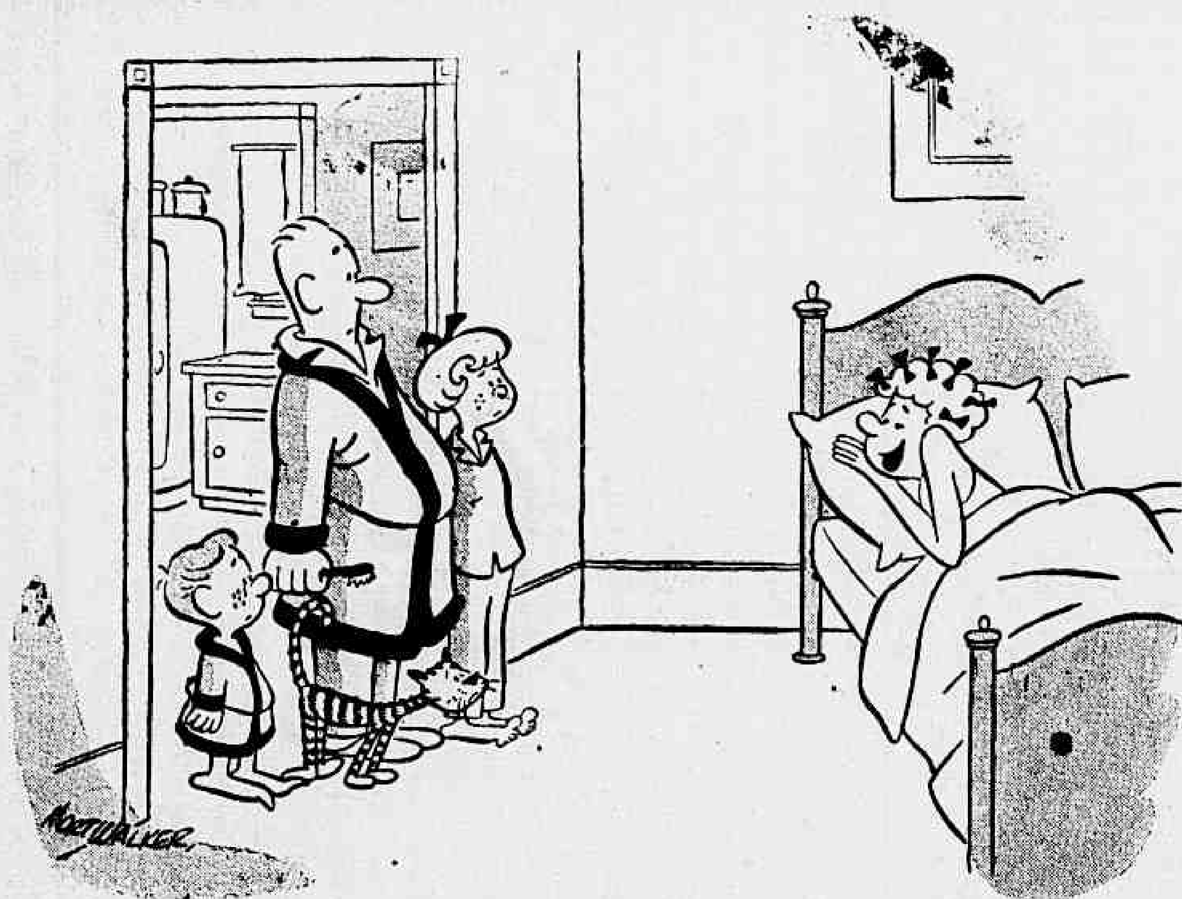
*

Estendeu-se a cerimônia da canonização de Santa Emilia de Rodat até depois das quinze horas. E ainda ao cair da tarde, apesar do mau tempo reinante na Praça São Pedro, alguns milhares daqueles peregrinos, a quem a grandiosidade dêsse espetáculo sacro fôra proporcionada, se aglomeravam sob as janelas papais, reclamando com palmas e gritos vibrantes, a aparição de Pio XII para uma nova bênção.

RETRIBUIÇÃO

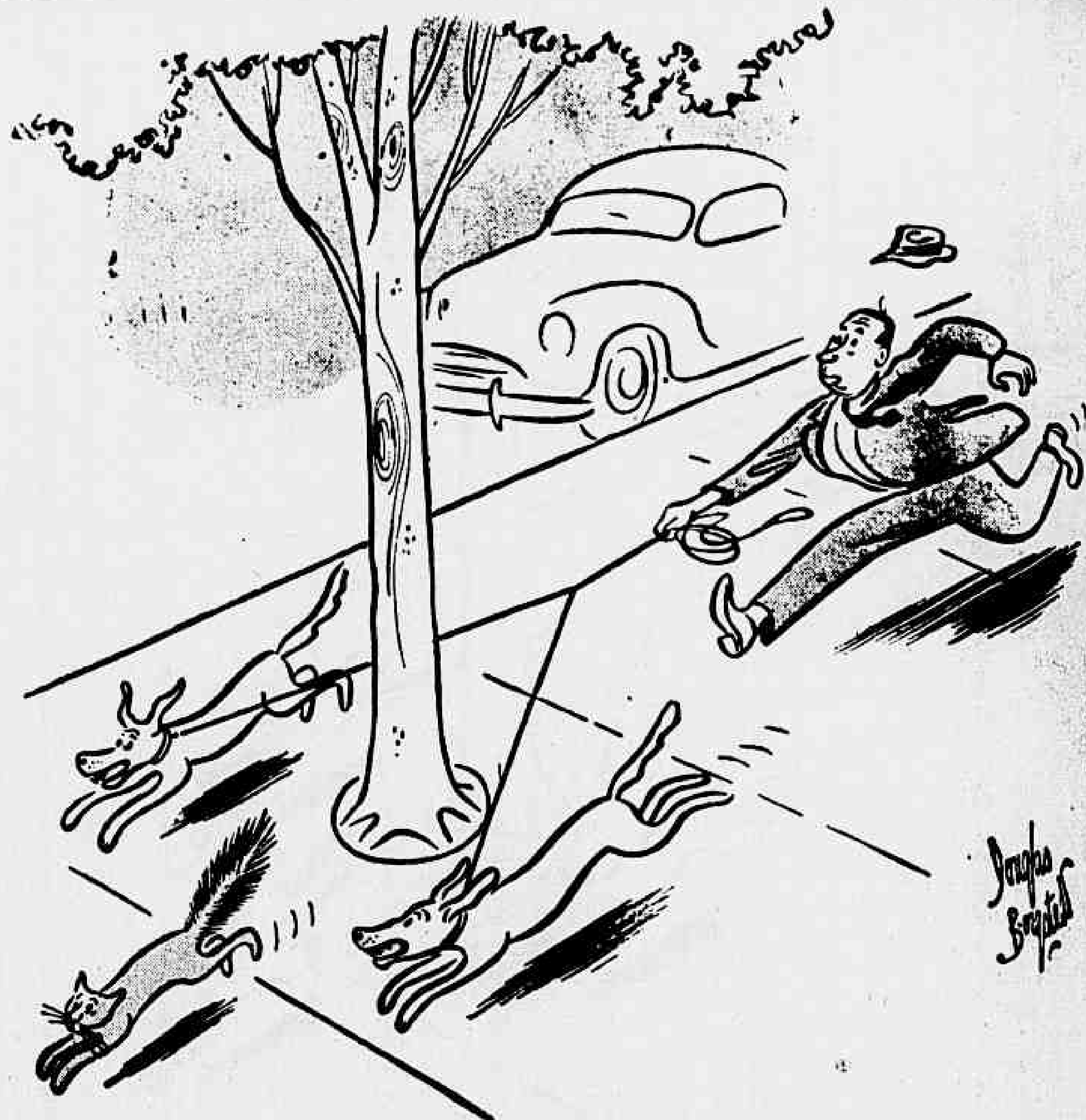
Um dia, quando Pio XII era ainda Nunzio Apostólico, teve ocasião de hospedar-se na Áustria, em propriedades da condessa Elena d'Hoenau. Longe estava a ilustre dama de imaginar que mais tarde viesse a receber a recíproca acolhida do antigo Nunzio Pacelli. E foi a hospitalidade generosa de S. Santidade que ela encontrou em Roma.





— Resolvi que esta manhã vocês cuidem do almôço, para verem o quanto é bom...

BOM HUMOR





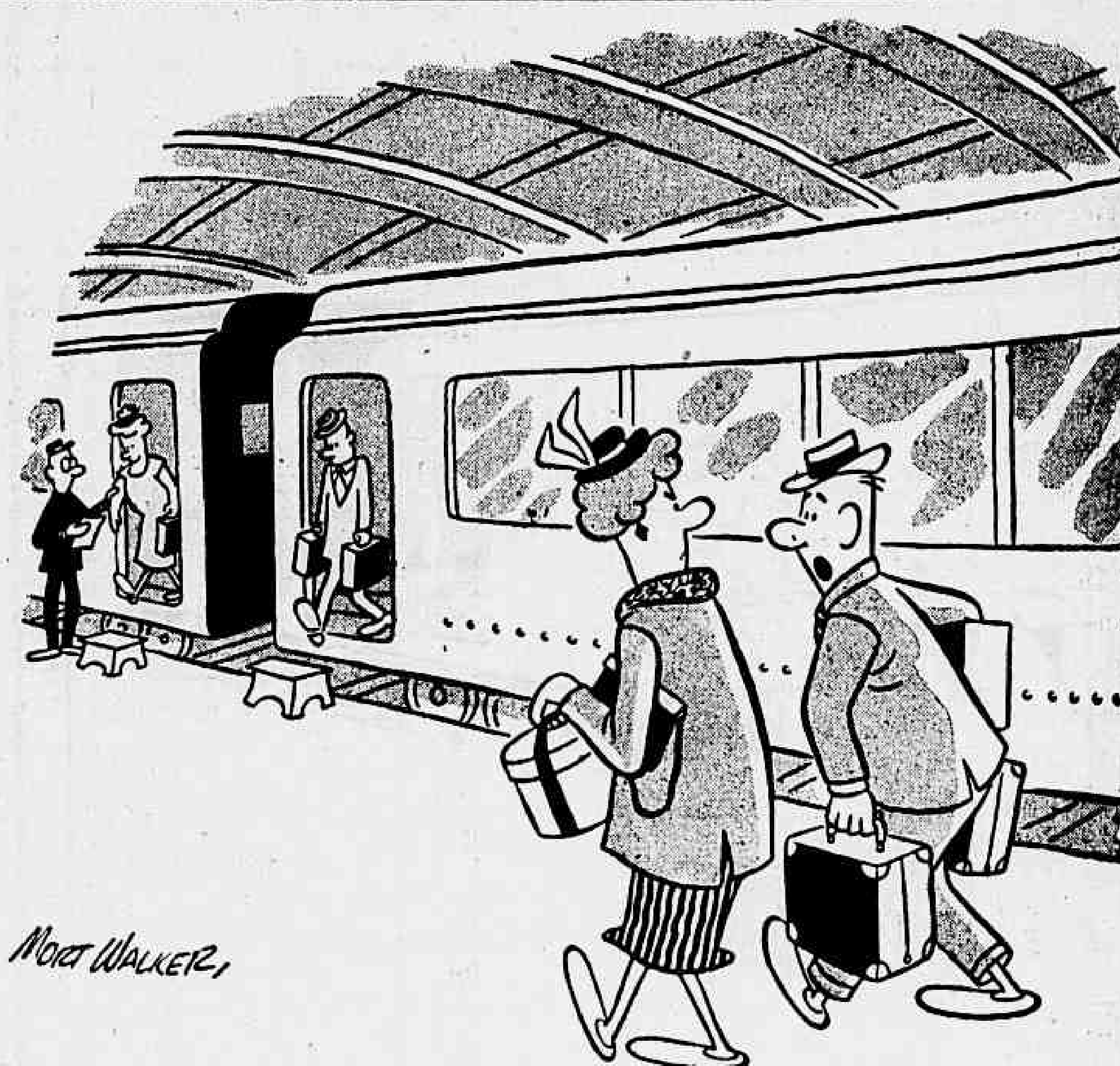
— Detestei êste terno, quero devolvê-lo!...



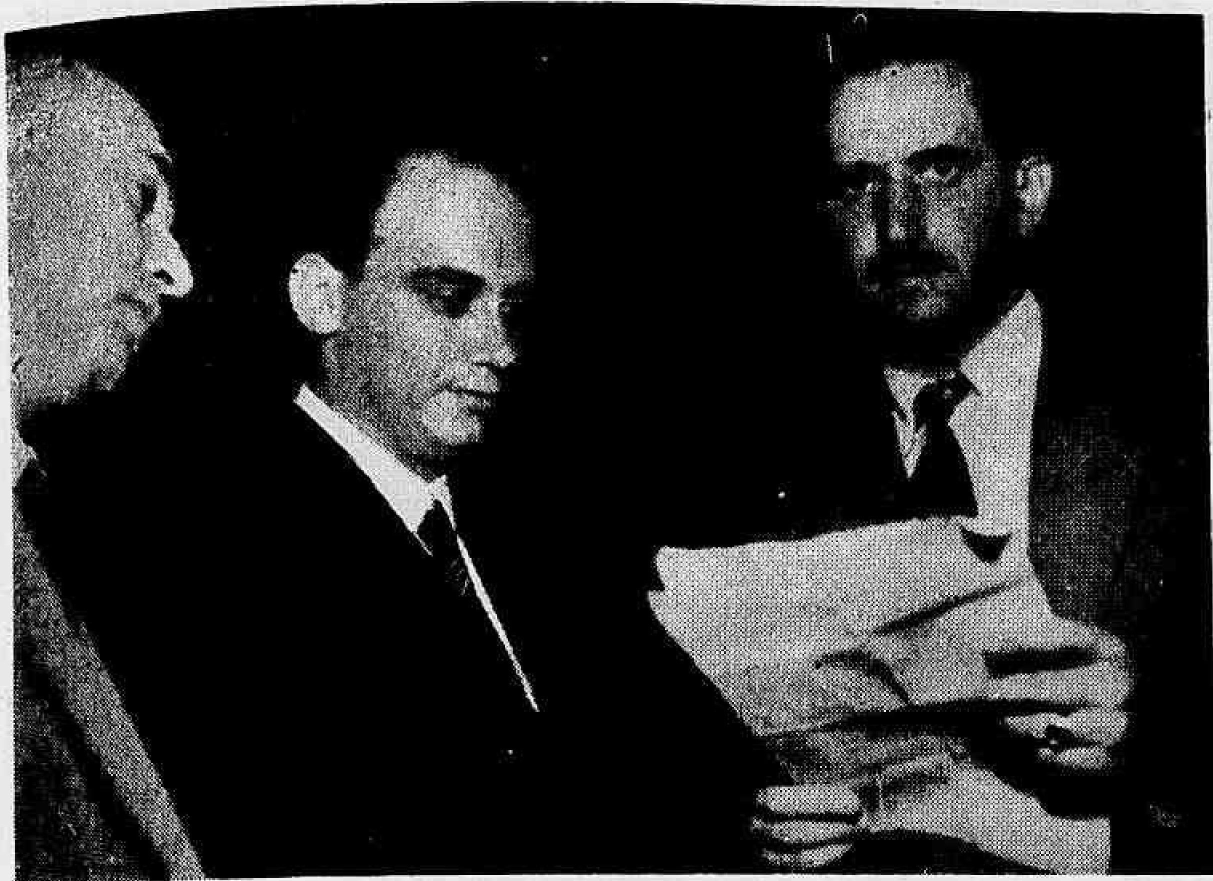
— Que dia horrível, tive hoje, querida. Só falta agora sua mãe vir jantar conosco...



— Oh! benzinho!... Para que tanto incômodo...



— Juro, querida, que te escrevi todos os dias. Ainda ontem despachei tôdas as cartas.



ENGENHEIRO MANUEL MARQUES FILHO, mesário da Irmandade do Santíssimo, um dos excomungados por não haver assinado o têrmo de obediência à Curia Metropolitana.



JOAQUIM CORREIA MARQUES, negociante português, provedor da Irmandade, provocador da questão. Manteve-se irredutível, por considerar a Irmandade uma sociedade civil.

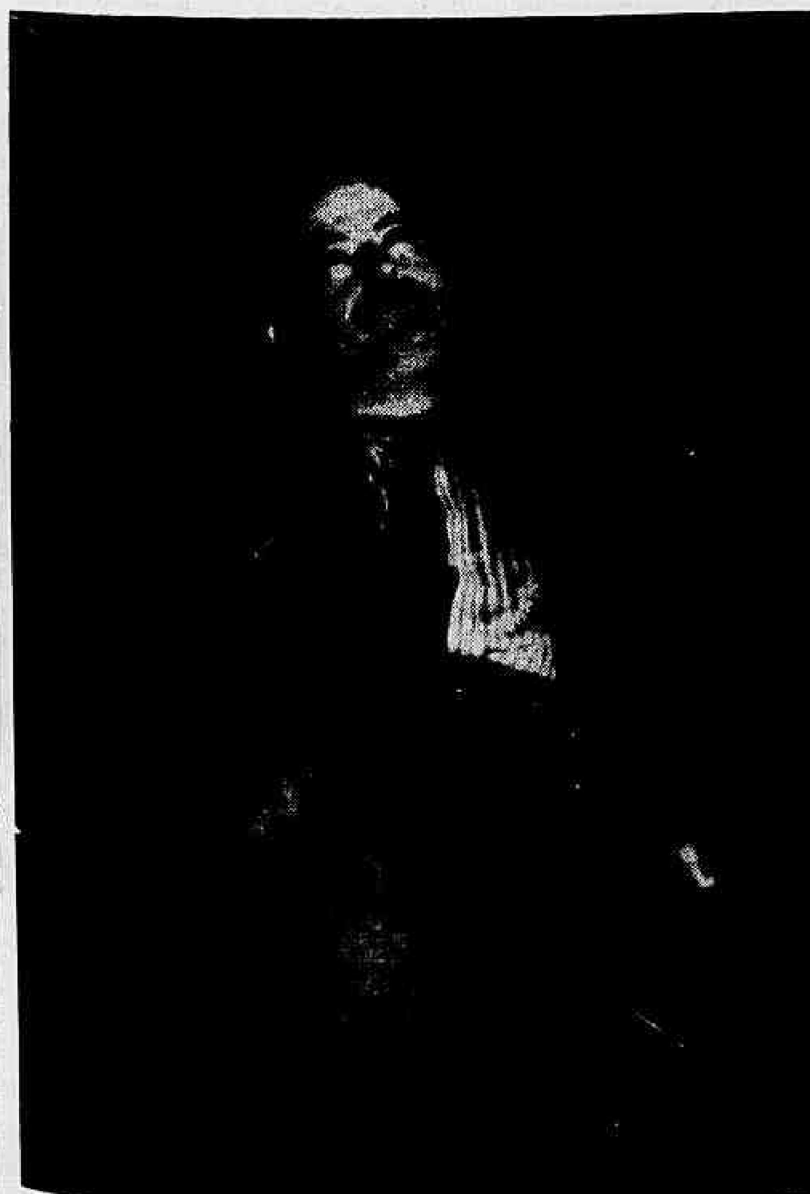
O CASO DA IRMANDADE DO SANTISSIMO SACRAMENTO

REBELIÃO DA DIRETORIA DE UMA IRMANDADE CATÓLICA CONTRA A AUTORIDADE DA IGREJA PROVOCA A EXCOMUNHÃO DE SEUS MEMBROS PELO CARDEAL ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO

Reportagem de SABINO CANALINI

EM princípios de maio o Brasil inteiro foi surpreendido pelo que passou a ser conhecido como «Caso da Irmandade do SS. Sacramento». Em sucintas palavras vamos historiar aos leitores o desenrolar dos acontecimentos. A Irmandade do SS. Sacramento pertence à Igreja do mesmo nome na Av. Passos, com mais de 400 sócios e com patrimônio de mais de 50 milhões de cruzeiros, inclusive prédios nas ruas do Ouvidor, Buenos Aires, Ramalho Ortigão, etc., assim como 400 mil cruzeiros em conta corrente e cêrca de 5 milhões em depósitos bancários. Em 23 de abril último, o provedor da Irmandade, o negociante Joaquim Correia Marques, promoveu a eleição da Mesa na qual se incluíam, além dele mesmo, um seu filho como secretário, duas netas menores, de 6 e 11 anos, respectivamente, como zeladoras das alfaias e do templo, um irmão como mesário, uma nora como provedora, etc.. Ora, isto determinou uma certa reação por parte das autoridades eclesiásticas que, por intermédio de d. Jorge Marcos de Oliveira, bispo auxiliar, procuraram intervir. D. Jorge, em sua visita pastoral à Igreja, procurou explicar ao provedor Correia Marques, que era necessária a aprovação do Cardeal para validar a eleição da Mesa. Não atendeu o provedor à sugestão e não aceitou a fiscalização dos superiores da Igreja, apoiado pela maioria dos dirigentes da Irmandade, afirmando que a mesma era uma sociedade civil, não sujeita portanto ao direito canônico. Os membros revoltosos foram advertidos várias vêzes em intimações que iam aumentando de severidade, para que se submetessem à autoridade eclesiástica. A Igreja pacientou vários dias, até que, vendo a atitude irredutível dos mesários, tornou público um ultimatum: o decreto pelo qual se até zero hora do dia 4 de maio todos os que «tomaram parte na eleição da Mesa Administrativa de 1950-1951 ou se solidarizaram com a rebelião da atual diretoria não assinarem o têrmo de obediência», seriam excomungados em grau menor. Alguns dos mesários, temendo os efeitos conseqüentes da excomunhão, apressaram-se a assinar o re-

(Cont. na pág. 43)



OUTRO SÓCIO da Irmandade solidário com o provedor, sr. Antônio Gabriel, também negociante em nossa cidade.



MAIS UM FLAGRANTE do provedor que acha estar a Irmandade sob a jurisdição do govêrno e não da Igreja.



JÚLIO CORREIA MARQUES, um dos mesários que não quis assinar o têrmo de submissão à Curia Metropolitana.



DA ESQUERDA para a direita: Cel. Maurity da Cunha Menezes, cel. J. T. Faria Neto, Gen. Estillac Leal, vencedor do pleito, e novo presidente, e o cel. Galvão do Nascimento Lies.

OS MILITARES FAZEM DEMOCRACIA

A PRESIDÊNCIA DO CLUBE MILITAR ★ VOTARAM 6.779 OFICIAIS DO EXÉRCITO, MARINHA E AERONÁUTICA ★ PLEITO EMPOLGANTE ★ GENERAL ESTILLAC LEAL, 3.833 ★ GENERAL CORDEIRO DE FARIA, 2.721 ★ AMBIENTE DE CORDIALIDADE

REALIZOU-SE a 17 de maio passado uma das mais concorridas manifestações de democracia dos últimos tempos nos meios militares do país. Por intermédio de eleições, foi escolhida a nova diretoria do Clube Militar da Capital da República. Após uma vibrante campanha eleitoral, foram formadas duas chapas para concorrer ao pleito, uma encabeçada pelo General Oswaldo Cordeiro de Faria e a outra pelo general Estillac Leal. Quase a totalidade dos oficiais presentes no Rio compareceram na sede da agremiação militar, e no interior cêrca de 3.500 oficiais votaram. Foi uma concorrência como nunca se teve oportunidade de presenciar. Desde cedo as dependências do Clube mostravam-se lotadas pelos eleitores, oficiais da ativa e da reserva, as maiores patentes do Exército, lado a lado com os mais jovens tenentes. Às 10 horas teve início o pleito. O general Cesar Obino, na qualidade de presidente em exercício do Clube Militar, foi o primeiro a depositar seu voto na urna, mandando abrir em seguida as portas do salão para franqueá-lo aos eleitores. Logo em seguida designou o general Luiz



MILITARES ATENTOS às opiniões a favor do general Estillac Leal durante a votação.



CONFABULAM os militares antes de entregarem seus votos à urna da Caixa Mutuária.



ENTRE OS QUE votaram no pleito havia figuras de destaque, como o general José Pessoa.



GENERAIS Muri, Mendes de Morais, César Obino e Zenóbio da Costa, velhos amigos.



AO LADO do brigadeiro Luna, o gen. Cordeiro de Faria, cuja chapa foi vencida no pleito.



O BRIGADEIRO Eduardo Gomes, candidato à Presidência da República, cumpre o dever.



GENERAIS César Obino, Newton Cavalcanti e Marques Pôrto conversam, antes da votação.



O CHEFE DE POLÍCIA, gen. Lima Câmara, assinando o registro de presença na votação.



GRUPO DE GENERAIS trocam idéias sôbres as eleições para presidente do Clube Militar.



OFICIAIS de tôdas as patentes votaram. Na foto vemos o major Venturelli Sobrinho.



ENTRE OS SÓCIOS do Clube Militar, além de oficiais do Exército, há também oficiais da Aeronáutica, que compareceram às eleições.

Braga Murity, para, junto com cinquenta-e-quatro outros oficiais, formar a comissão de escrutinadores. Durante todo o dia desfilaram os oficiais perante as urnas, a razão de quatrocentos por hora. Os votos do interior eram remetidos por correspondência e empilhados em lugar separado. O ambiente era o da mais franca camaradagem. Vários oficiais ouvidos pela nossa reportagem, declararam-se entusiasmados com o exemplo de verdadeira democracia que se podia perceber em tôdas as dependências do Clube. No saguão do andar térreo estavam instaladas várias mesas para a distribuição de cédulas das duas correntes contrárias, pois os oficiais, em atitude deveras cordial e simpática, apregoavam seus candidatos, conforme as preferências, como numa verdadeira bôlsa. Os dois candidatos, generais Oswaldo Cordeiro de Faria e Newton Estillac Leal, velhos amigos, assistiam emocionados o desenrolar da votação. Risonhos, trocavam opiniões e impressões de vez em quando. Precisamente às 21 horas, foi encerrada a votação e foi iniciada imediatamente a apuração dos votos pelos escrutinadores e por uma comissão especial. Êsse paciente trabalho, fiscalizado pelas duas correntes, durou até às primeiras horas da madrugada do dia seguinte. Lá pela meia-noite já eram conhecidos os resultados parciais que davam como certa a vitória do general Estillac Leal. Seu contendor, general Cordeiro de Faria, antes mesmo de terminar a apuração, ao sentir a vitória do seu concorrente, redigiu e enviou-lhe o seguinte telegrama: "Ao encerrar-se a campanha do Clube Militar com sua indiscutível e magnífica vitória, envio-lhe meus mais cordiais cumprimentos e votos de felicidade na direção de nossa associação de classe. (a.) Gen. Cordeiro de Faria". E às 2,30 o resul-



OS ELEITORES formaram filas que se prolongavam até à calçada do prédio fronteiriço.



ASPECTO INTERNO do salão, quando os eleitores eram identificados para a votação.



Em filas, no corredor do Clube Militar, à espera da vez de colocar na urna o seu voto.



ASPECTO do último trecho da fila dentro do salão, à espera de atingir às urnas eleitorais.

tado final e oficial era o seguinte: chapa Cordeiro de Faria, 2.721 votos; chapa Estillac Leal, 3.833 votos. Foram anulados 1 voto da primeira chapa e 174 da segunda.

A chapa vitoriosa é a seguinte:

Presidente — general de divisão Newton Estillac Leal; 1º Vice-Presidente — general de divisão Júlio Caetano Horta Barbosa; 2º Vice-Presidente — major Tácito Lívio Reis de Freitas; Diretor-Secretário — capitão Paulo Eugênio Pinto Guedes; Diretor-Tesoureiro — capitão I. E. José de Jesus Lopes; Diretor do Departamento Recreativo — capitão Joaquim Miranda Pessoa de Andrada; Diretor do Departamento Cultural — major Nelson Werneck Sodré; Diretor do Departamento Desportivo — capitão Leônidas de Sales Freitas; e Diretor do Departamento Cooperativo — tenente-coronel Duílio Renato Storino.

Antes de ser iniciada a apuração, o general Estillac Leal teve ocasião de reafirmar que, fôsse qual fôsse o resultado da eleição, nada afetaria o prestígio e a unidade do clube. Quanto ao que determinou sua candidatura, repetiu o "slogan" que serviu de plataforma para a campanha de sua própria eleição: "Consagração à defesa das leis e da Constituição. Não sou político e conto com amigos em todos os partidos, inclusive no extinto PCB e no PRP."

Diante dessa incisiva e corajosa declaração, só nos resta esperar que as Fôrças Armadas do país sejam de fato e sempre o escudo máximo da democracia em nossa terra.



UM DOS POUCOS oficiais de Marinha sócios do Clube Militar, que estiveram presentes durante as eleições para a nova diretoria.



MESA DE IDENTIFICAÇÃO onde os eleitores apresentavam seus documentos e assinavam.



A MESA QUE PRESIDIU as eleições: general César Obino, presidente, e general Muri,.

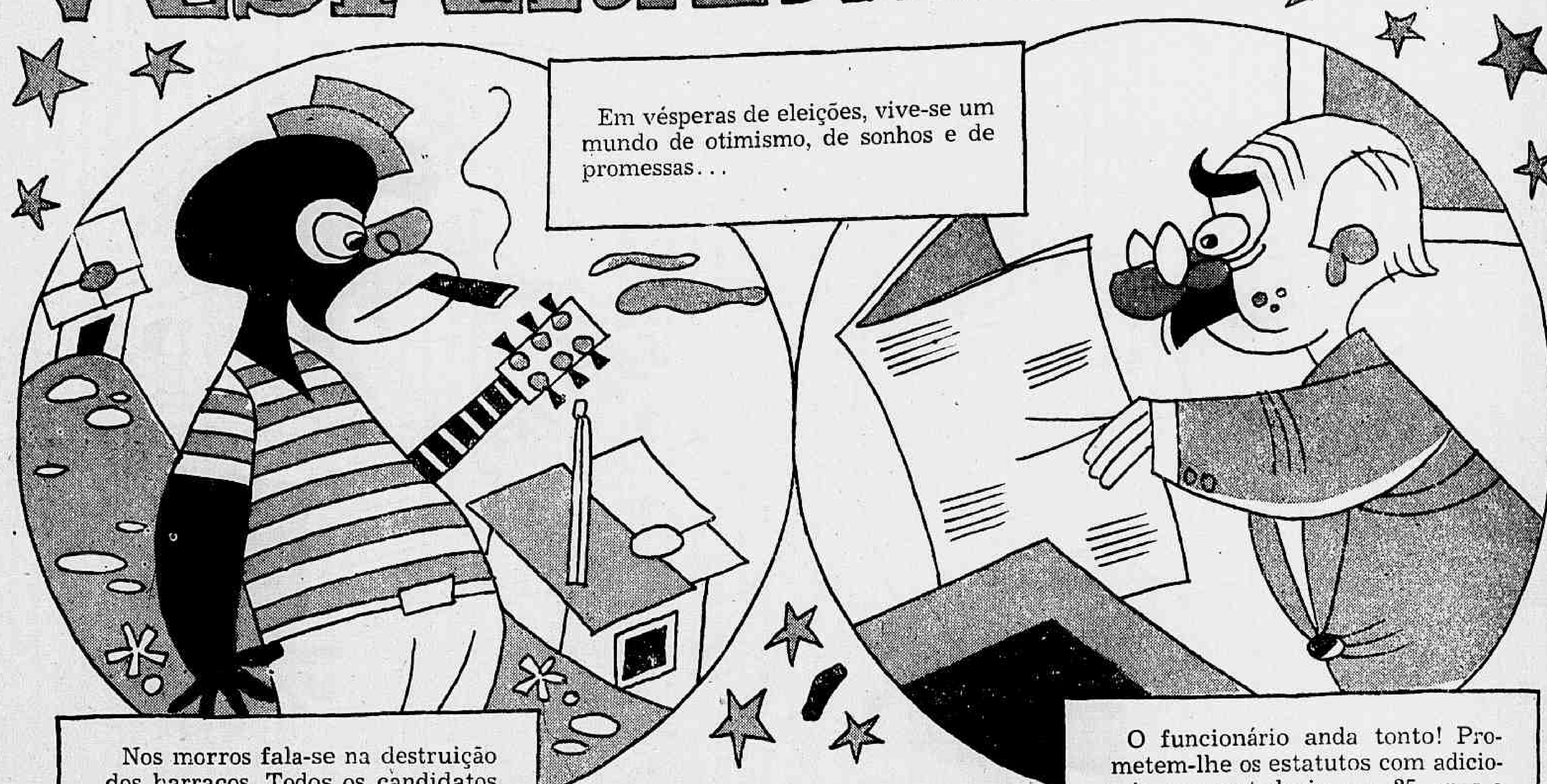


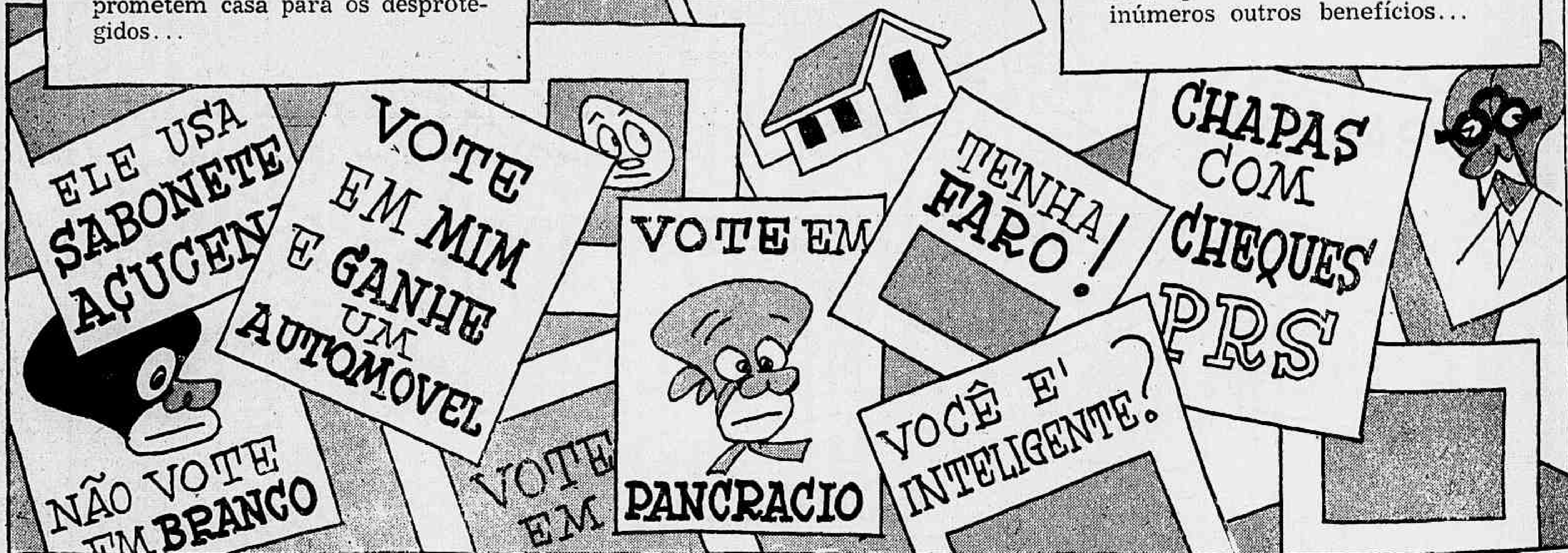
MILITARES fardados e à paisana, superiores e subalternos em cordial camaradagem.



ENCERRADA a votação começou a apuração de que vemos um flagrante na foto acima.

VESPERA DE ELEIÇÃO





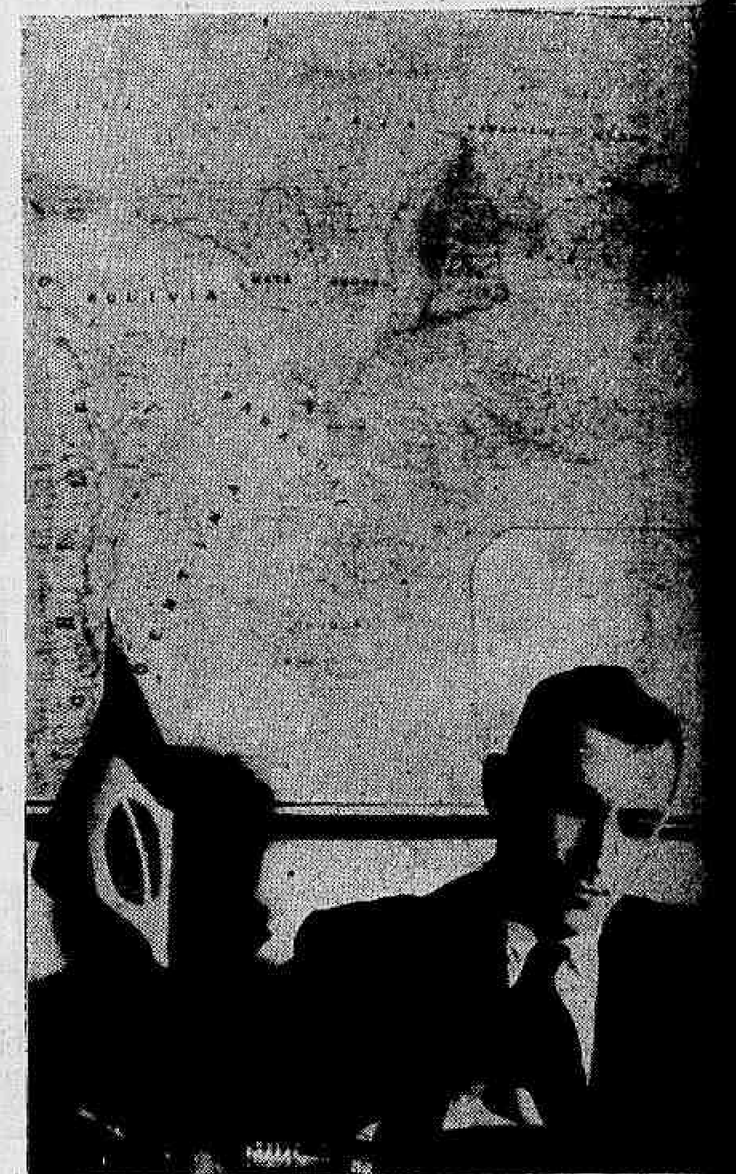




SR. PLÍNIO SALGADO, presidente do Diretório Nacional do Partido de Representação Popular, despachando em seu gabinete, na sede



RAIMUNDO PADILHA, 1.º vice-presidente do Diretório Nacional do PRP, antigo militante, e único candidato a deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro



O PRESIDENTE do Diretório do Distrito Federal, sr. Alberto Bittencourt Cotrim Neto, em sua mesa de trabalho, na sede do Partido de Representação Popular

PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

A ANTIGA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA ★ OS AUTORES DA "CARTA DE PRINCÍPIOS" ★ BELMIRO VALVERDE ACUSOU QUINHENTOS MIL VOTOS

Texto de CARLOS DUARTE

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Continuamos hoje a série de reportagens sôbre os partidos politicos brasileiros.

★

"Semelhante, não. Era igual. O Integralismo era o Nazismo brasileiro. Não há dúvida alguma sôbre isto. A nossa ideologia era a mesma da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini, porém jamais recebemos ordens do exterior ou contribuições materiais de qualquer espécie. Frise bem esta particularidade".

Quem fala assim? O sr. Belmiro Valverde, outrora um dos dirigentes máximos da "Ação Integralista Brasileira", em entrevista concedida a um vespertino carioca, em 28 de novembro de 1945, a respeito da rearticulação do integralismo no Brasil. Da mesma forma que para o sr. Belmiro Valverde, hoje afastado daquele movimento, outro não é para a grande maioria do povo brasileiro o conceito que se tem sôbre os integralistas, mormente depois das confissões de Geraldo Melo Mourão, integralista de prôa, que acusou a si mesmo e aos seus companheiros do "Sigma" de agirem contra os interêsses do Brasil na última guerra. Era evidente, durante a guerra, a "torcida" dos integralistas pelas fôrças alemães, italianas e japonesas (nipo-nazi-fascistas) contra as das Nações Aliadas, às quais depois veio se juntar o Brasil. O objetivo destas reportagens, porém, é outro, meramente descritivo.

★

O P.R.P. foi fundado em meados de 1945, nesta capital, pelos remanescentes da antiga Ação Integralista, fundada no Rio, em 1932, pelo sr. Plínio Salgado, fechada pelo sr. Getúlio Vargas, em novembro de 1937, assim como aos demais partidos então existentes, após o golpe do "Estado Novo". Dentre os fundadores do partido figuraram, no entanto, pessoas não reconhecidamente filiadas ao movimento integralista, entre os quais os srs. Plácido de Castro, professor Adauto Fernandes e o comandante Huet de Bacelar — pessoas, aliás, desconhecidas dos nossos meios politicos — mas que, conforme declarou-nos o sr. Plínio Salgado, presidente do partido desde 1946, em resposta à nossa pergunta, adotam "os mesmos princípios cristãos e lògicamente democráticos e nacionalistas que constituem o alicerce doutrinário do integralismo". Com a doutrina integralista delineada e exposta numa "Carta de Princípios" que foi antes examinada e aprimorada pelo padre Leonel Franca (antigo reitor da Universidade Católica do Rio), compareceu o partido perante a Justiça Eleitoral, que lhe concedeu registro. Mais tarde, em 1948, tendo o senador João Vilasboas, da U.D.N., requerido o cancelamento do registro do P.R.P. por considerá-lo anti-democrático, o Superior Tribunal Eleitoral, por unanimidade de votos, sustentou o registro. Tendo o sr. Plínio Salgado, logo após o seu retôrno ao Brasil do exílio que cumpria em Portugal, aderido pùblicamente ao novo partido, imediatamente se voltaram para êle as atenções dos antigos militantes integralistas, que hoje constituem o grosso de seus quadros.

Perguntamos, por isso, ao sr. Plínio Salgado porquê não adotava o partido um nome mais condizente com a sua filosofia, ao que êle nos respondeu que a nossa pergunta era devida a "uma observação e um exame pouco aprofundado do nome do partido, acentuando:

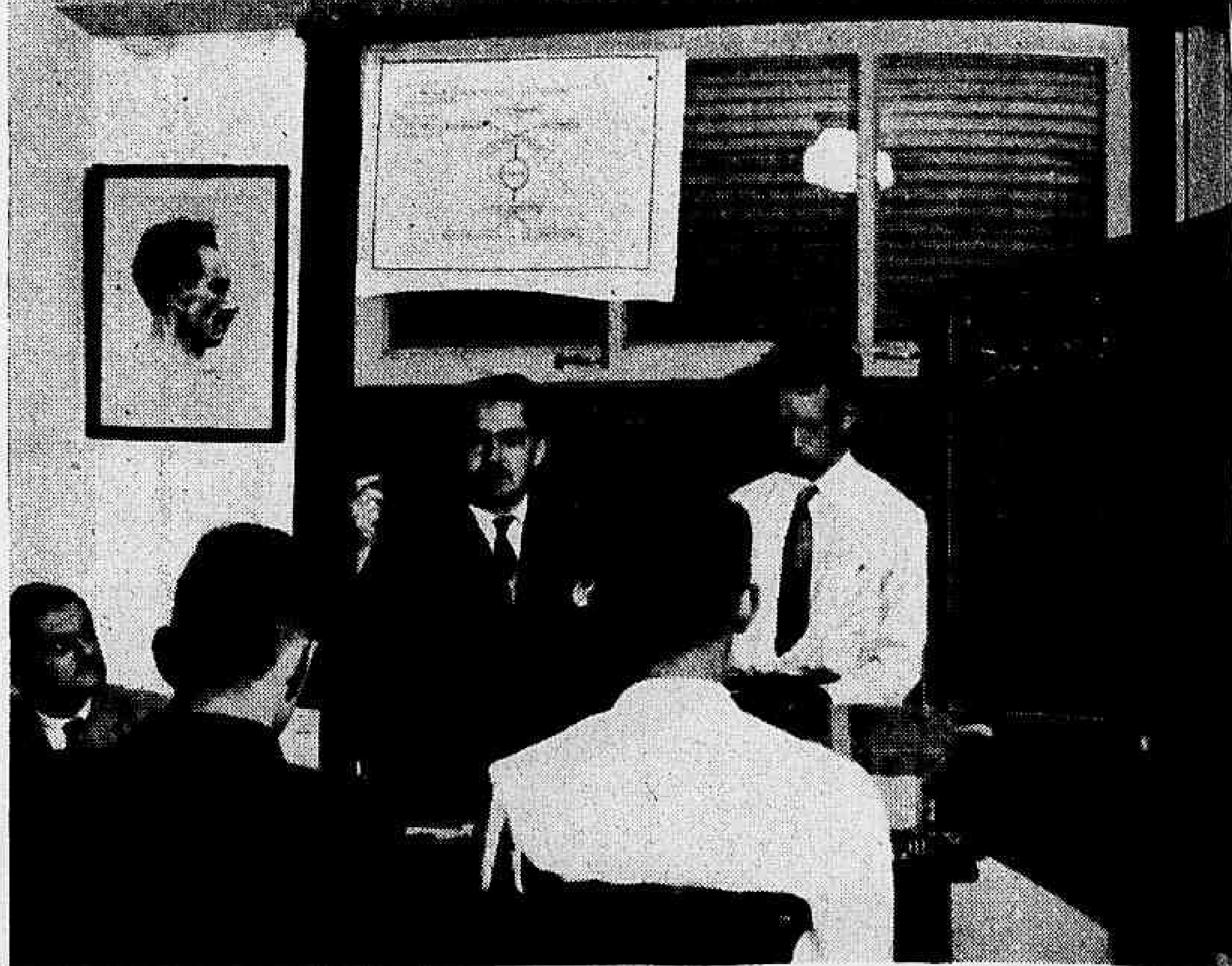
— A "representação popular" é uma expressão tão perfeita para designar uma politica verdadeiramente cristã e democrática, que depois de fundado o nosso partido com êsse nome, essa expressão



SYDNÉ SANTOS CARDOSO, secretário de Propaganda do Diretório do Distrito Federal, dá o sinal para uma reunião



PLINIO SALGADO em palestra com o secretário geral, sr. Hermes da Mota Barcelos, João Holanda Cunha, Guerreiro de Carvalho, oficiais de gabinete, e Paulo Lomba Ferraz, do D.N.



NA SECRETARIA DOS ESTUDANTES, mantém-se vários cursos. Desde o português à educação política, segundo os preceitos do partido. Na foto, o sr. Heráclito de Andrade.



O SECRETÁRIO GERAL do D.N., candidato a deputado pelo Espírito Santo, conversa com o jornalista Ubirajara Hermenegildo de Queiroz, e o sr. Eduardo Ellery, da Paraíba.

foi consagrada no próprio texto da nossa Constituição. Êsse nome foi escolhido mediante inspiração advinda das hoje célebres palavras de S. S. o Papa Pio XII, quando distingue "povo" de "massa". Povo, segundo Pio XII, é o conjunto de pessoas conscientes e livres, exprimindo-se "segundo as suas categorias". E' preciso não saber ler para não tomar na devida consideração estas palavras "segundo as suas categorias". Isto quer dizer que o homem deve ser considerado segundo as aspirações que lhe são inerentes consoante a sua personalidade e as funções que lhe são próprias na sociedade. Se o homem assim não fôr apreciado e tomado, deixa de ser pessoa e passa a ser apenas indivíduo, dissolvido na "massa amorfa", que também o Santo Padre descreve como um despotismo de inconscientes ferindo as legítimas liberdades. Por conseguinte, êsse nome "representação popular" vem adequado às circunstâncias do nosso tempo e às aspirações eternas do cristianismo. Está conforme a doutrina que esposamos.

★

Perguntamos ao sr. Plínio Salgado qual a relação do seu partido com a Igreja Católica. Respondeu-nos que o P.R.P., do ponto de vista da crença em Deus não e nos destinos sobrenaturais do homem é nitidamente confessional; mas do ponto de vista da disciplina religiosa, não é confessional, isto é, admite no seu seio homens de tôdas as religiões. Acrescentou que a Igreja Católica só condena os erros, as doutrinas que ferem a lei de Deus.

— Quanto ao mais, os católicos são livres para entrar no partido que melhor lhes pareça. Em relação ao Partido de Representação Popular, dada a gravíssima situação do mundo ameaçado pelo comunismo e considerado o fato bastante significativo de ser o Partido de Representação Popular o único atacado sistemàticamente pela Rádio de Moscou (conforme provas que tenho), é lamentável que nem todos os católicos brasileiros hajam tirado dêsse fato as conclusões que êle comporta. A Rússia Bolchevista sabe o motivo porque não ataca os outros partidos brasileiros...

★

O P.R.P. é um partido bem organizado. Na visita que fizemos à sua sede nacional escondida em ampla sala nos fundos do andar térreo, e no primeiro andar, observamos método em tudo quanto os "populistas" (para não dizer integralistas), fazem, principalmente no que diz respeito ao seu serviço de secretaria e finanças. A organização do partido compreende um Diretório Nacional e um Conselho Nacional; um Diretório Estadual em cada Estado e também um Conselho Estadual; nos municípios, Diretórios Municipais e nos Distritos, Diretórios Distritais. Tanto a Presidência Nacional do partido, como as Presidências Estaduais, sendo responsáveis perante os respectivos Diretórios, pela



O SECRETÁRIO DE RENDAS EXTRAORDINÁRIAS, sr. Renato Heinzelmann, despachando com os srs. João Batista Drumond e Alanir de Carvalho. À direita, a secretária.



NA SECRETARIA FEMININA, orientadas por d. Adele Pinheiro, fabricam-se tapetes «arraiolos». Êsse departamento é chefiado pela sra. Carmela Patti Salgado, espôsa do chefe.



NA SECRETARIA DOS MARITIMOS o portuário José Antônio de Oliveira, chefe de gabinete, despacha com dois marítimos, enquanto um terceiro lê o órgão oficial do partido.



O POPULISTA MOISÉS BRAGA secretário nacional de Propaganda, examina o mapa de S. Paulo, crivado de taxinhas que marcam os diretórios do partido existentes no país.

administração do partido, servem-se de Secretários (nacionais ou estaduais) que são os seguintes: Secretário de Arregimentação Eleitoral, de Finanças, de Arregimentação de Estudantes e Educação, de Arregimentação Trabalhista, de Cultura Artística, de Propaganda, de Assistência Social, de Arregimentação Feminina e de Arregimentação de Marítimos. Além disso, a Presidência Nacional do partido serve-se ainda de um Chefe do Expediente, oficiais de gabinete, de uma Diretoria dos Casos Pessoais e Socorros Individuais, Diretoria de Imprensa, Diretoria de Reportagens, e mais dos seguintes Conselhos, de nomeação do presidente: de Estudos e Planos Governamentais, de Propaganda e de Cultura Artística.

Como fruto de sua organização e catequização política, o P.R.P. está tendo um grande desenvolvimento, maior, talvez, que o de qualquer outro partido. Explica-se: além dos novos elementos que aderem ao partido, há os velhos quadros da Ação Integralista que estão voltando às ordens do sr. Plinio Salgado. Êste, aliás, é tratado no partido pelo nome de "Chefe Nacional".

O P.R.P. conta, atualmente, em todo o país, com mais de mil Diretórios Municipais e e outro tanto de Diretórios Distritais. Diretórios Municipais: São Paulo, 251; Minas, 160; Rio Grande do Sul, na quase totalidade de seus municípios; vêm em seguida a Bahia, o Ceará e o Espírito Santo, e daí por diante. O partido elegeu vinte deputados estaduais e um federal nas eleições de 1945. Atualmente conta eleger quinze deputados federais e entre sessenta a oitenta estaduais. Também elegeu mais de quatrocentos vereadores, esperando agora eleger mais de mil.

★

Donde provém a renda do partido? Qual a sua receita? — indagamos, ao que o sr. Plinio Salgado nos respondeu:

— O Partido de Representação Popular vive financeiramente da contribuição dos seus adeptos. Não posso dizer, assim de improviso, qual a nossa receita e despesa, mas estão sendo elaborados os balanços para a próxima convenção. Quero acreditar que as nossas despesas devem subir a alguns milhares de contos por ano, somando-se o que gastam os Municípios, os Distritos, os Estados e o Diretório Nacional; e tudo vêm do bôlso dos nossos companheiros.

Depois de conversarmos com o sr. Plinio Salgado sôbre outros aspectos do partido e de sua doutrina, que êle frisa não ser fascista e sim puramente democrática, mas que aqui não pretendemos discutir, porquanto o objetivo desta reportagem, como das anteriores sôbre cada um dos partidos políticos nacionais, é mostrar como funcionam tais partidos, perguntamos pelos nomes dos integralistas (ou "populistas", como êles se dizem agora) que se apregoa ocuparem postos de direção ou que fazem parte da bancada parlamentar de outros partidos, ao que, êle respondeu:

(Cont. na pág. 42)



O SECRETARIO de Arregimentação Eleitoral do D. F., sr. José Lins e Sousa, com seus auxiliares. No primeiro plano, o encarregado da livraria do partido lê um livro de doutrina.



NA SECRETARIA DE PROPAGANDA, pintam placas, assistidos pelo sr. Cotrim Neto, ao lado do major Jaime Ferreira da Silva, único candidato a deputado pelo Distrito Federal.



O SECRETARIO do Diretório do D. F., sr. Jaime Pinheiro, atende Joaquim Sarabanda. Mário Solar, e o chefe de gabinete, Romeu Vasconcelos, volta a atenção para o gr...

Nicodemus PEGA UMA PALAVRA AQUI E OUTRA ACOLÁ NUM

DICIONARIO...

ESTIMULANTE: ADJ. E S.M. QUE OU AQUILO QUE ESTIMULA, EXCITANTE ...



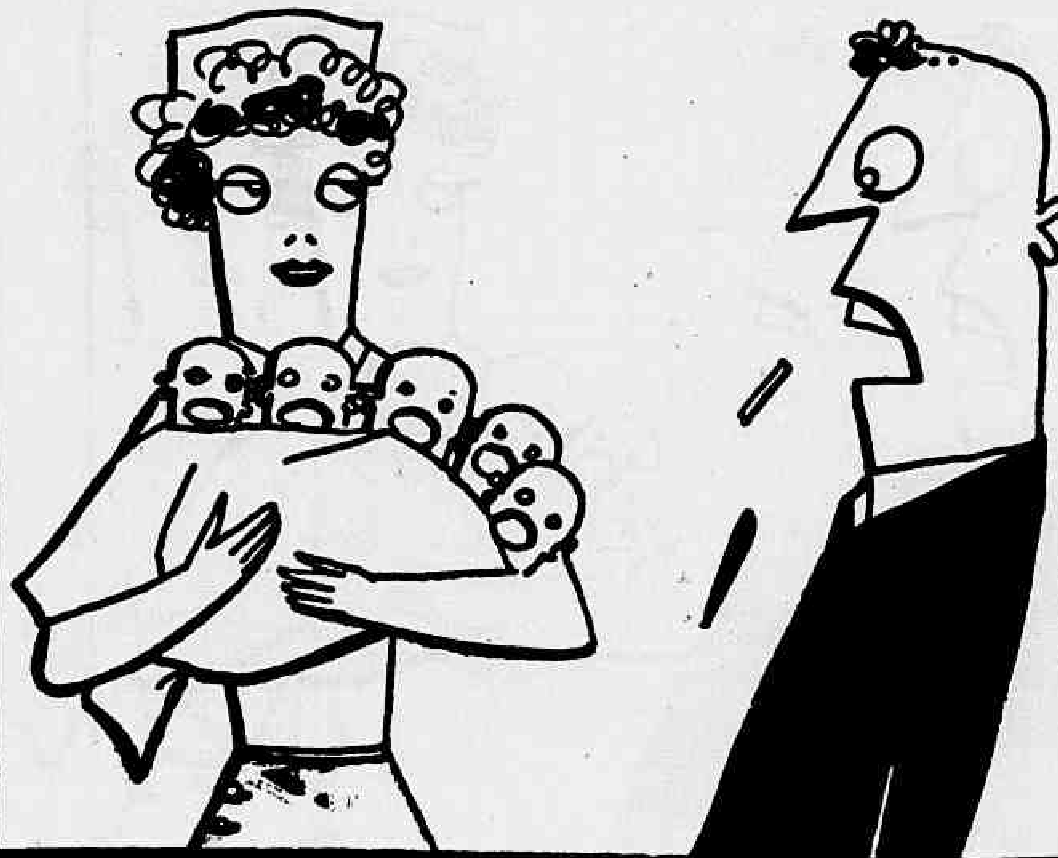
EXPORTAR: V.T. MANDAR TRANSPORTAR PARA FÓRA DE UM PAÍS (ARTIGOS PRODUZIDOS NELE) ...



ISOLADOR: (Ô) ADJ. QUE ISOLA; O MESMO QUE ISOLANTE ...



ESPERADO: ADJ. QUE SE ESPERA; DESEJADO; PROVAVEL; PREVISTO ...



COM UMA ROSA NA MÃO

Conto de DALTON TREVISAN
Ilt. de OSWALDO DA CUNHA

Agôsto, 3: Saí da janela, para não ver o entêrro; era um caixãozinho branco e mulher de prêto atrás. *Costuro o morto, o vivo não!* — dizer três vêzes... Que bom conversar com você, meu diário. Você sabe, são seis horas da tarde, é a hora em que passam, de eternos cabelos despenteados, os estudantes rumo às aulas. Pensei o dia todo: *"Para o meu príncipe encantado, eu serei a sua cinderela de pequenos sapatos; ai, só para êle..."*. Era um caixãozinho branco, parecia o entêrro de pálida menina que ainda não tinha morrido.

Agôsto, 4: Eu sou feia, querido diário?

Agôsto, 5; *de manhã*: Sonhei, de novo, oh! que horror. A debater-me entre os braços de um homem, a barba por fazer e que se ria, cínico. Afastei-o com tão frágeis braços e disse:

— Para trás, miserável!

O bruto enrolou os bigodes e voltou à carga. Eu fugia, êle cada vez mais perto, barba ainda por fazer. Lambendo os beiços, abriu os braços:

— Minha, enfim!

E avançou para mim, coitada, que... Despertei.

Penitência do padre: 10 Padrenossos e 10 Avemarias.

Agôsto, 6: Um dia ocupado. Papelotes no cabelo, manicure e à tarde, compras. Fio a agulha (não esquecer a linha beige). Na rua, êle passava por mim e não me viu; belo e muito longe. Eu .. Não, não vale a pena.

Agôsto, 7: Sua feia!

Agôsto, 9: Hoje passava, sob a janela, um operário suado, a garrafa de café debaixo do braço e cravou-me um olhar fatal e negro. Oh! eu ruborizei, o seio palpitando, e prêsa ao seu olhar de fogo; pensei:

— Que macho!

Um eufemismo, depressa, por favor!

Agôsto, 10: Pensamento tirado de uma revista: "O amor é um sonho nebuloso!" Lindo.

Agôsto, 10, *de noite*: Tão triste, que basta fechar os olhos para morrer. Leio Casimiro de Abreu e toco ao piano *Dalila*, *Às três da manhã* e *Nelly, Nelly te quiero*.

Agôsto, 11: Ai de mim! Só serei feliz no céu.

Agôsto, 13: Vontade de ser freira. No claustro e ausente do mundo. Baixa a cabeça, Filomena, reza as tuas preces.

Agôsto, 16: Sem fome, belisquei um pãozinho, a asa de galinha e fiz uma carêta para tomar o remédio. Amargo.

Agôsto, 17: Cinema. A voz de Charles Boyer; que... belo gentilhomem! E a tentação inconfessada de beijar o homem barbudo na cadeira ao lado.

Agôsto, 19: A imagem no espêlho é de menina pálida, pálida, de grandes olhos líricos. Eis um soneto fora de moda, oh! poetas de longas cabeleiras. A palidez é a sublimação do amor e, se isso continua, um dia, perder-me-ei magra e triste entre as nuvens.

Agôsto, 21: Que adianta esperar, se êle não vem: quem? Ora, o meu príncipe encantado, em seu cavalo negro de narinas resfolegantes. Um pratinho quente de mingau? Por favor, mamãe eu não quero.

Agôsto, 22: Sonho de olhos abertos.

Êle chegou, à porta o seu cavalo de narinas resfolegantes.

Pálido príncipe, a dizer-me:

— Senhorita, nunca tomo chá com torradas.

Agôsto, 27: À janela, com insônia, olho a lua. Suspiro por tudo o que não tenho; o vento frio beija-me os cabelos, leva-me a um conhecido país de guapos mosqueteiros, com plumas verdes no chapéu. Sol e música, mais Juquinha.

Depois, frio nos braços nus, o calor das cobertas quentes, enquanto um cão no quintal ladra à lua.

Setembro, 2: Glicíneas no muro, flores nos vasos, um canto nos lábios da preta Odete, a cozinheira. Oh! Casimiro, Casimiro...

Setembro, 3: Do Cântico dos Cânticos: — "oh! filhas de Jerusalém, dizei-lhes que eu vou morrer de amor"...

Setembro, 4, *de manhã*: Um desejo imoral de amar...

Setembro, 4, *de noite*: Que aparência teria Juquinha em trajes menores? (Riscar êste pedaço!). E pernas cambaias, talvez.

Setembro, 5, A preta Odete falou ao jardineiro João: — A Rita hoje é mulher de



respeito, nhô João, passou o negócio de mocidade...

Agora eu sei o que em mim acontece, o sol brilha no telhado, pardais sacodem as penas molhadas, jo no tiengo (oh Jack) a nadie.

Setembro, 6, *domingo*: Passeio de automóvel, brisa açoitando-me o rosto, seus dedos descarnados a correr-me pelos cabelos. Uma febre de viajar, ganhar estradas, correr mundo, ir até uma aldeia perdida lá no Tibet. Que nome teria?

Setembro, 7: Meu Deus, por que me deixou cair doente?

Setembro, 14: Diálogo na sala de estar:

— Juquinha.

— Boa-tarde, Filomena.

A sua voz encheu a saleta, em penumbra, de uma tarde de céu azul; pensei baixinho: "Meu Deus do céu...". Tinha um sorriso nos lábios, um sorriso que me matava.

— Você não tem nada para me dizer?

— Eu, o quê, Filomena?

Esvaiu-se a tarde de céu azul, saleta negra, enquanto eu, trêmula, quase uma lágrima, lhe dizia:

— Tu és mau.

E fugi em um chôro.

Setembro, 15: Meu querido diário... Nada, só isso: meu querido diário.

Setembro, 16: Que gôsto há-de ter um copo com gasolina, cabeça de fósforo amassada, álcool e gasosa de limão? Foi isso o que Maria da Luz bebeu por causa do cabo Floripes. Deixou uma carta, explicando o seu tresloucado gesto; êle, o ingrato, tinha outra... O cabeçalho do jornal é tão bonito: *"Adeus, Floripes!"*

Setembro, 18: Sonho; homem com a barba por fazer. Mas não irei à igreja.

Setembro, 21: Primavera na folhinha.

— Senhorita, uma flor para os seus cabelos.

— Obrigada, cavalheiro, não fumo.

Por que essa tolice?

Setembro, 23: Uma gôta de sangue no lencinho branco.

Setembro, 25: Outra mulher há que dorme sob a virgem, fatal até nas unhas pintadas de roxo, e com uma piteira na bôca.

— Garçon, um uisque and soda.

Setembro, 26: Como eu odeio as crianças, tão engraçadinhas, inconscientes animais sadios, como as odeio!

Setembro, 27: Chuva, a água que escorre nas vidraças, um cobertor sôbre os ombros. Está bom aqui dentro. Virá buscar-me, a meia-noite, oh! uma carroça fantasmal em fuga mas sem cocheiro na boléia. Deitar-me, dormir entre os braços de algum viúvo triste; por favor, só me levem quando êle esteja dormindo.

Setembro, 29: Eu amo Juquinha, êste amor é a melhor coisa de minha vida. Êle não me ama, eu o sei. Mas a um simples olhar, um gesto banal, doida esperança me acende o peito e, humilde, espalha-se a minha alma a seus pés, feliz de ser pisada. Se mais eu quero prendê-lo em frágeis cadeias, mais o sinto fugir-me, distante como uma estrêla.

Parte, meu amor, e sê feliz!

Setembro, 30: Vi-o, no saguão do teatro, feliz ao lado da outra. E sorriam, a dizer-se roçando as belas cabeças, tolices, puras tolices... Estava de casaco de peles, vestido encarnado e sapatos negros, com uma flor no cabelo. Dize-lhe adeus, Filomena.

(*Cont. na pág. 42*)



NA ESCOLA que Nicolas Legat fundou em Warberr, Tunbridge Wells, as meninas que estudam bailado fazem um curso rigoroso e eficiente, orientado pela espôsa do pranteado artista. Nos intervalos, após cansarem o corpo com os exercícios, repousam no parque da escola, em contacto com a natureza, talvez o maior exemplo de ritmos, compassos e música.

YOGI APLICADO AO BALLET

ESCOLAS MANTIDAS PELOS ARTISTAS DO IMPERIAL BALLET RUSSO, QUE SE ESPALHARAM PELO MUNDO APÓS A REVOLUÇÃO ★ O FAMOSO NICOLAS LEGAT ★ A ESCOLA DE NADINA ★ O MISTICISMO ORIENTAL E O MODERNISMO OCIDENTAL

Texto de JOHN SMITH

QUANDO os artistas do Imperial Ballet Russo abandonaram a Rússia depois da Revolução, iniciaram a disseminação de sua arte por todos os países do velho e do novo continentes. Em poucos anos os grandes nomes dos teatros imperiais reapareceram em diversas cidades, em apresentações pessoais ou à frente de escolas que fundavam e que transmitiam aos jovens dançarinos das diferentes nações as tradições artísticas que haviam sido criadas em Moscou e São Petersburgo — as tradições de Diaghilev Pavlova, Karsavina, Danilova, Fokine, Massine, Bakst, Benois, Doboujinsky e tantos outros.

NIKOLAS LEGAT

Um dos mais famosos artistas foi Nicolas Legat, que chegou a Londres em 1923, para fundar a Escola Legat de Ballet Russo. Havia sido solista do Tzar, mestre de ballet dos Teatros Imperiais e professor da classe de aperfeiçoamento. Sua espôsa, Nadina Nicolaeva-Legat, como bailarina do Grande Teatro de Moscou, havia sido a criadora de famosos ballets. Nicolas Legat faleceu em 1937, mas a escola que fundou em

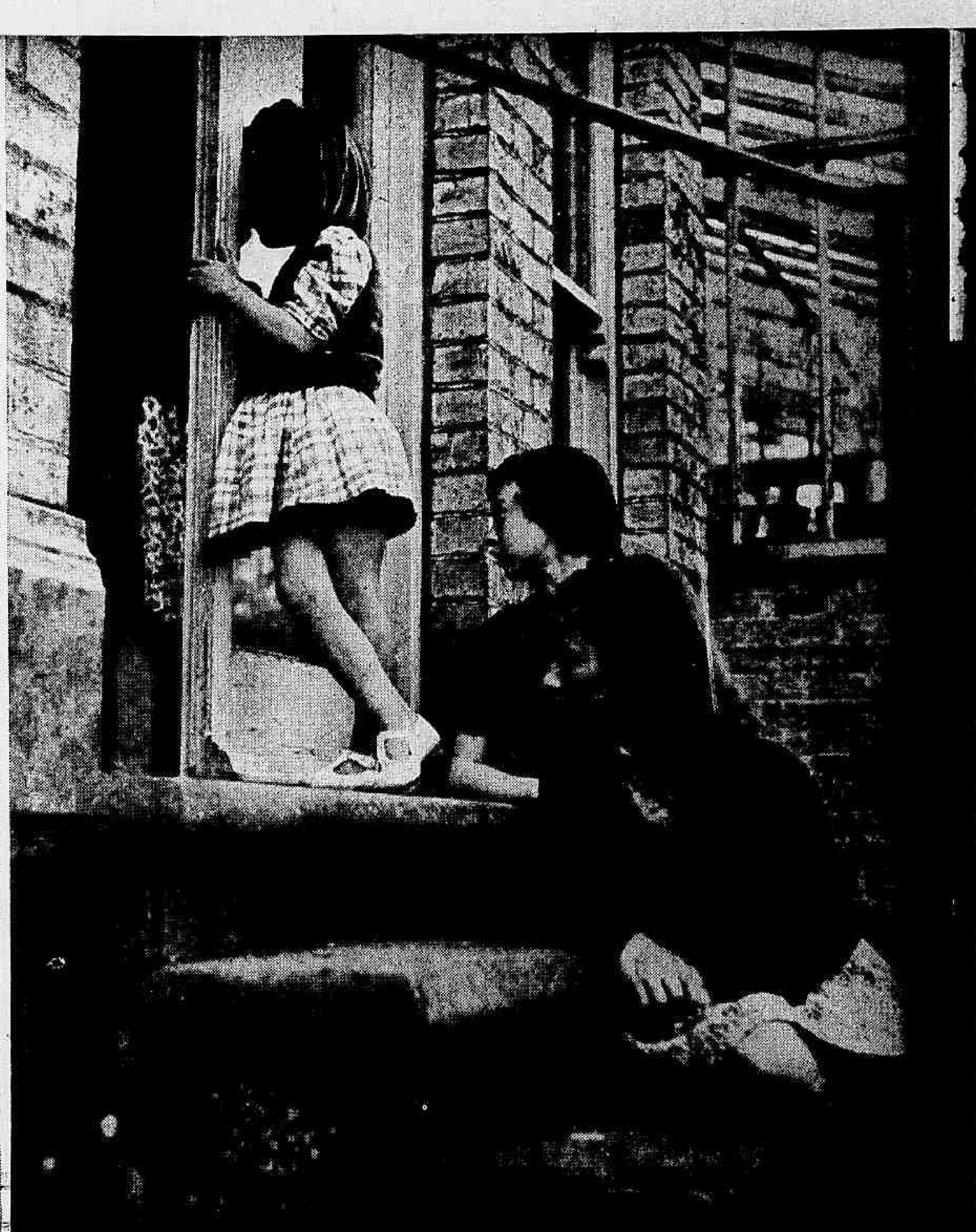


UMA FASE das aulas, a que as alunas se submetem com prazer, mesmo sabendo que isso lhes custa sacrifícios e horas de disciplina severa para o corpo e para o espírito irrequieto.

Warberry House, Tunbridge Wells, prosseguiu em sua missão, dirigida por sua viuva. Nadina Nicolaeva-Legat distingue-se dos demais coreógrafos contemporâneos por um misto de puros conhecimentos clássicos, adquiridos em Moscou com Legat, Diaghilev e outros, e um gôsto pelo modernismo, uma tendência ao enquadramento filosófico da dança. Conhece profundamente ambas as escolas, oriental e ocidental, da dança, esforçando-se por atingir a uma fusão natural do misticismo e das modernas tendências. Pensa tê-lo conseguido e aplica aos seus ensinamentos tanto os métodos do Yogi como as mais novas teorias ocidentais. Mais de três mil alunos já transitaram pela Escola Legat, que desde a sua fundação administra instrução geral além da especialização em ballet.

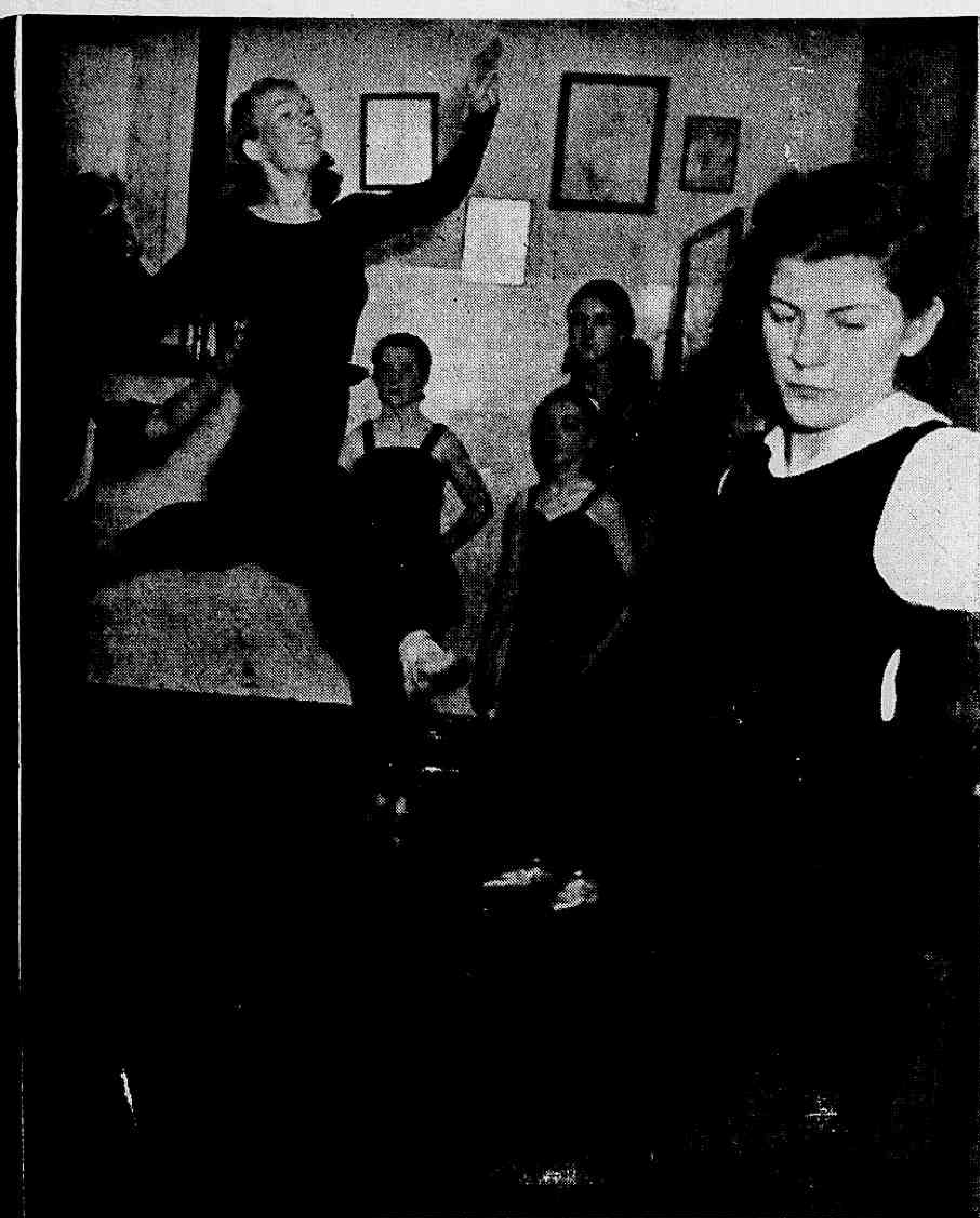
Alguns dos mais famosos discípulos da Escola Legat são: Ninette de Valois, Anton Dolin, Phyllis Argyle, June Brae, Harold Turner e Alan Carter. Entre os solistas e artistas das companhias de ballet que habitualmente tomam lições com a sra. Legat durante sua passagem por Londres estão Serge Lifar, André Eglevsky, Alexandra Danilova e Tamara Toumanova.





NADINE LEGAT cuida não sòmente da educação física de suas alunas, mas também de sua eugenia. Na foto, Bernadette Strudwick toma banho auxiliada pela professora. Nem tôdas têm o privilégio se serem postas na cama pela primeira bailarina do Czar. Na outra foto, futuras bailarinas espiam pela vidraça suas companheiras mais velhas durante o ensaio.







À SRA. LEGAT auxilia Veronica Flint num salto através da sala. No primeiro plano Elizabeth Measures espera sua vez. À direita, na escola administram-se tôdas as demais disciplinas comuns às outras escolas. O sr. O. Wright dá uma aula de geografia às pequenas bailarinas que já têm prática de profissionais. Em baixo, Tamara Toumanova, antiga conhecida dos cariocas, por haver atuado [illegible] vêzes no Munici
das que aproveitam suas temporadas na Inglaterra para tomar lições [illegible]. À direita,
de um bailado. Ao lado, Veronica Flinto observa os exercícios à margem [illegible] em Warber







VERONICA FLINT,
SILFIDE LOURA



ÊRCA DE oitocentas mulheres trabalham na embalagem de produtos de chocolate na fábrica «Orion», de Praga, na Tchecoslováquia, uma das mais famosas indústrias daquele país. s Estados Unidos e a Suíça se colocam na vanguarda dos importadores das confeições de chocolate da Tchecoslováquia, especialmente na época do Natal, quando dobram os pedidos.

JÓIAS QUE OS LADRÕES NÃO ROUBAM

O CHOCOLATE CHECO É UMA FONTE DE RIQUEZA ★ ESTADOS UNIDOS E SUÍÇA, OS MAIORES COMPRADORES ★ O CUIDADOSO PREPARO DÊSSE PRODUTO, PARA A DELÍCIA DE GAROTOS E ADULTOS ★ O ACONDICIONAMENTO, FATOR DE ACEITAÇÃO

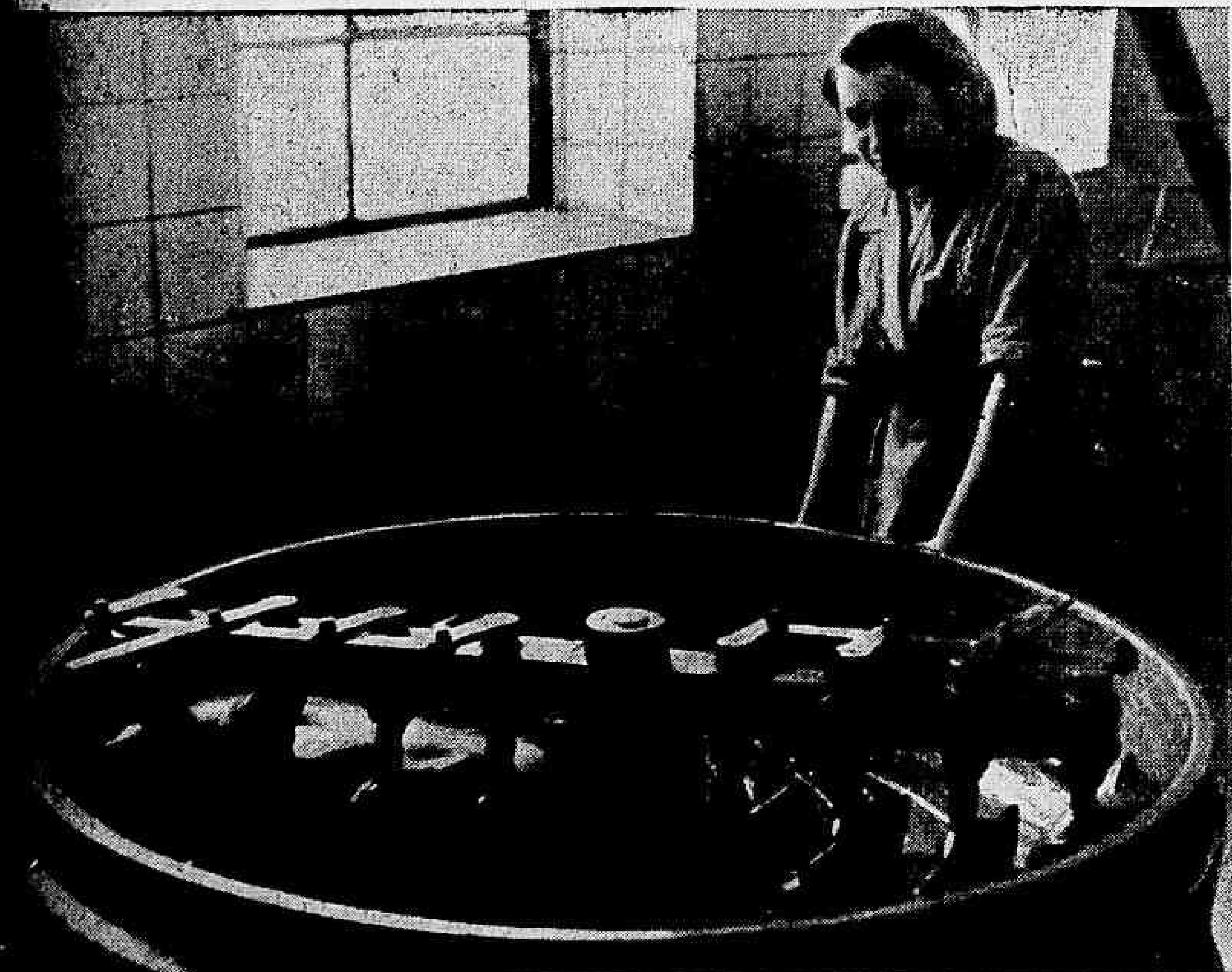
Texto de JOÃO ALVARENGA

O segrêdo do comércio está em que o produtor faça sentir aos outros — os consumidores, ou compradores ara revenda — a necessidade dos pro-tos fabricados.

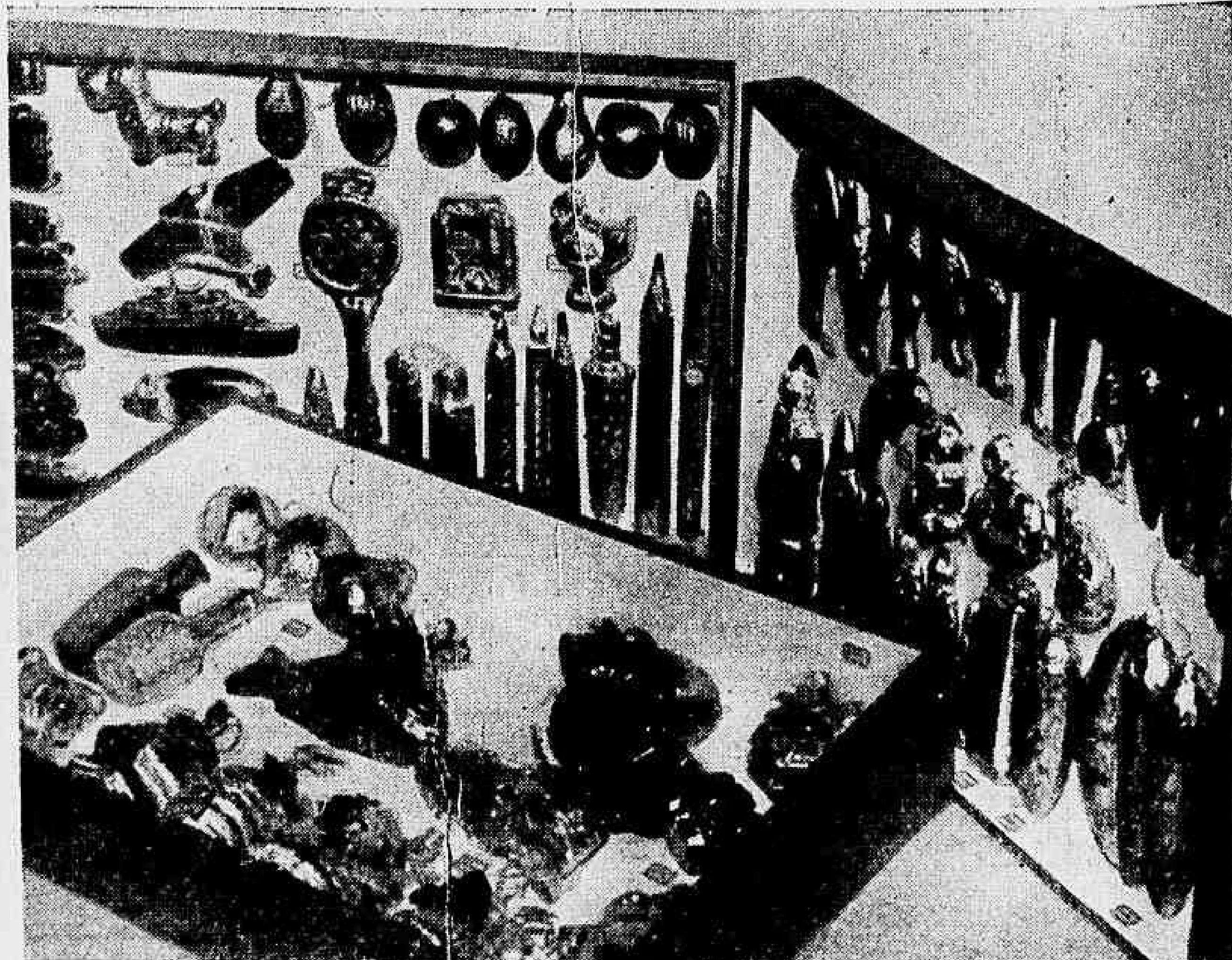
Muita gente se ilude com a propaganda, ue é um dos fatôres do êxito, pelo seu enso poder de disseminação do nome do rtigo, mas não basta isso. Ao lado de ma propaganda inteligente e sugestiva, é ecessário que o produto anunciado agra-, convença, imponha-se.

Há quem julgue só haver conveniência de propaganda quando o produto ainda é desconhecido ou pouco conhecido. Nada mais errado. Quanto mais popular é o artigo entregue ao comércio, mais necessária a sua divulgação pelos meios de publicidade. O que se quer, em tais casos, não é tornar conhecido o produto e sim fazê-lo sempre lembrado.

A vida de uma nação se fundamenta no seu comércio de exportação para outros países. Uns recebem máquinas, outros ex-



ERARIA da fábrica «Orion», acompanha a mistura mecânica da massa de chocolate com eme ou leite, do que resultam os mais saborosos bonbons e tabletes dêste mundo.



TUDO ISTO aqui, leitor, é feito de chocolate. Entretanto, parecem jóias para uma vitrine de casa de primeira ordem. A criançada rejubila ao ver as «jóias» nas árvores de Natal.

portam cereais, ainda outros têm sua fonte de riqueza no embarque de minerais ou produtos manufaturados, etc.

Mas a Tchecoslováquia tem na sua balança comercial enorme fonte de renda com uma exportação pouco comum. Assim como a Holanda exporta flores para os países vizinhos e atravessa o mar do Norte, enchendo de tulipas o mercado inglês, a Tchecoslováquia embarca bombons e guloseimas, obtendo com isso considerável quantidade de cambiais, proporcionando-lhe divisas preciosas para sua economia.

Poderá haver quem julgue ser impossível converter bombons e doces de leite, creme e chocolate em poderosa fonte de riqueza; mas, se pensarmos um só instante o que é o imenso exército de crianças que há por todo o mundo, verificamos que um país poderá, na verdade, conseguir êsse milagre de economia política, atraindo para seus produtos a preferência da meninada.

Qual a criança que não aprecia bombons e confeitos? Os industriais da Tchecoslováquia compreenderam isso muito bem e desenvolveram de tal forma sua indústria de doces e gulodices, que foi possível fazer do chocolate uma fonte de prosperidade e enriquecimento para a nação.

Lembremo-nos também de que não é só a criança que sente água na bôca diante de chocolate; também os adultos, os velhos, indivíduos de tôdas as idades e de tôdas as classes sociais, são loucos por êsse produto.

Já se tornou mesmo um hábito oferecer-se a visitas pratinhos de chocolate, bombons bem acondicionados em papéis coloridos e brilhantes. E notem que, havendo crianças nessas permutas "inter-vivos", não são elas que mais adoçam a bôca. Os maiores é que se regalam e... pedem mais.

A indústria dos bombons de chocolate atingiu altíssimo nível na Tchecoslováquia, cujo volume de exportação para a América do Norte e Suiça é incrível. Essa posição privilegiada já existia antes da última grande guerra, constituindo mesmo uma tradição. O interessante, e que mostra a firmeza dêsse mercado, é que o país, embora visse tudo perdido durante a guerra e depois de libertar-se do jugo alemão, logo que se viu restaurado nos trabalhos de paz, retomou o ritmo interrompido e voltou a dominar os mercados externos, consolidando-se ainda mais.

A razão disto está na perfeição e sabor de seus produtos sem similar no mundo. A matéria-prima, as sementes de cacau, chegam à Tchecoslováquia do Cameroum, da Nigéria, e da África Ocidental Inglêsa. Parte da produção é consumida pelo mercado interno, mas a maior parte é exportada.

Enquanto a Suiça, o país dos chocolates famosos importa da Tchecoslováquia tabletes e figurinhas de leite, doces e recheios, a América do Norte importa, principalmente, coleções para o Natal e outras confecções artísticas, tudo feito de chocolate.

O chocolate côncavo produzido na Tchecoslováquia é barato e sua embalagem em papel prateado exige perícia e destreza, por ser feita dita embalagem a mão.

Vai para os Estados Unidos e para a Suiça adornar árvores de Natal, bem como para ser vendido fora das festas de fim de ano, como bonecas de chocolate, animais e outras formas, principalmente destinadas às crianças.

O que aqui apresentamos é feito na fábrica "Orion", de Praga, grande organização industrial com mais de mil operários, sendo uns 75% constituídos de mulheres. A produção orça em 40 mil quilos por dia, ou sejam, trinta vagões de estrada de ferro por mês. Além de chocolate, produz a "Orion", bolos de côco e caramelos.



DESPEJANDO sacos de matéria prima — o cacau — nos vastos recipientes da fábrica, de onde passa aos poderosos moinhos

O LEQUE

NOVELA DE TOMAZ TAVARES

ELZA era um modêlo de espôsa: meiga, dedicada, virtuosa — vivia para o lar, para os filhos e o marido — até que um dia... O Dr. Álvaro, seu marido, amava-a tanto como todo aquêle que se casa por amor. Não era para menos! Não que ela fôsse uma beleza rara, mas era simpáticíssima! E isso bastaria a outro qualquer, quanto mais para êle — sensível, extremoso, apaixonado! Nela havia qualquer coisa que prendia e arrebatava todos que dela se aproximavam, sentiam-lhe o encanto! Armando, o primo, foi um dêsses! Cativo de sua graça, desejou desposá-la. Chegou a pedir-lhe a mão. Completava ela, nesse tempo, dezoito primaveras, e cursava o último ano da Escola de Belas Artes. Sorriu, ao ouvir o pedido, e perguntou se o primo falava "sério". Armando respondeu que sim — era "sério". Elza tornou a sorrir e retrucou, complacente.

— Meu primo, és muito jovem para pensar nisso... termine primeiro os estudos; cuide do futuro, que será brilhante; depois então... talvez...

Armando terminou os estudos e, quando regressou, achou-a casada com o Dr. Álvaro — e com dois lindos pimpolhos!

Fôra enganado... sentiu a humilhação e procurou esquecê-la. Mas, qual!... Diz o ditado que "quem ama uma vez, ama sempre" — assim lhe sucedeu: jamais deixou de amar e desejar, um só instante, aquela criatura que o fascinara com os seus modos, que o havia deslumbrado com a alegria e a ternura de sua jovialidade! Estava casada, pertencia a outro, mas que lhe importava?! Queria-a com tôdas as fôrças de seu coração! Passou a assediá-la, tenazmente. Propôs-lhe coisas desonestas, infames! Tornou-se grande amigo de Álvaro; frequentava-lhe a casa; observava-a, espreitava-a, esperando o momento azado, em que veria ruir, por terra, tôda aquela fortaleza de virtudes! Mas Elza não cedeu: foi inflexível! E, com o correr do tempo, Armando acabou mudando de pensar: arrependeu-se! Repugnava-lhe o haver imaginado tanta torpeza.

— Que santa mulher! — disse êle, certa vez, a um amigo íntimo que sabia do seu amor. — Que marido exemplar! Que casal feliz! Como se estimam! Não, meu amigo, mil vêzes não!... Jamais trairei essa santa amizade! Prefiro amá-la à distância, no silêncio de meu coração, sem esperanças, sem ambições!...

E Armando calou o seu coração, sopitou os insanos desejos: daí por diante, pensou na prima, apenas, como um ser muito bom, uma coisa muito rara, em que não lhe era permitido tocar!

★

Chegou o Carnaval de 45.

Armando costumava, todos os anos, passá-lo em casa da prima; mas nesse, não o fêz. Álvaro fôra a Santos tratar do pai, que estava doente, e êle não quis ficar a sós com ela. Escrúpulos de consciência! Álvaro lhe pedira que fizesse companhia à mulher, mas êle preferiu, mau grado a sua vontade, perambular pela cidade, durante os festejos de Momo. Passou os quatro dias, e só apareceu lá, na quinta-feira, quando Álvaro já estava de volta.

O médico recebeu-o com um grande abraço; todavia, censurou-o por ter deixado a prima sòzinha com os garotos. Armando desculpou-se da melhor forma possível. Começaram a conversar. Elza escutava-os, de pé, debruçada no recôsto de uma cadeira.

Em dado momento, Álvaro perguntou-lhe pelas novidades que trazia do Carnaval.

— Poucas — disse. — Apenas encontrei com o Chaves na Galeria Cruzeiro.

— O Chaves? Não diga! — exclamou êle, admiradíssimo. — E como vai aquêle "boa-vida"?... Farreando, já sei!

— Sim! E com uma linda "Maria Antonieta"!

Álvaro deu uma gargalhada; mas, a Armando, não passou despercebido um ligeiro estremecimento na prima, que o fitara muito pálida. Não fêz caso, pois atribuía-o à natural aversão que dissera ter do Carnaval. Prosseguiu, dizendo que o Chaves mandara lembranças para êles e umas beijocas para as crianças.

— "Ah!... Ah!... — chacoteou Álvaro. — Êsse Chaves é um pândego! Quando é que vem aqui?

— Não sei; mas logo que tenha oportunidade.

— Como era, mesmo, a fantasia dêle?

— Um pijama russo. Só vendo todo "bonitão" — de braço com "Maria Antonieta"!

Álvaro achou graça da pilhéria.

— Que pena não estar lá!... — disse. E acendendo um cigarro: — Mas, afinal, quem era essa "Maria Antonieta"?

Elza atalhou a resposta com indisfarçável nervosismo: pediu que mudasse de assunto, pois estava farta de ouvir falar em Carnaval.

Álvaro achou graça daquele "estar farta", e insistiu na pergunta, depois de oferecer um cigarro ao amigo e a ela, que recusou.

— Não sei — respondeu Armando. — Porque ela estava mascarada, e o Chaves não me fêz nenhuma apresentação; porém, quando êles se iam, eu vi o leque dela cair no chão.

— O leque?! — perguntou Álvaro, curioso.

— Sim. Corri e apanhei-o a muito custo, e quando os procurei, já haviam sumido na turba de foliões. Ei-lo! — e, dizendo isto, tirou do bôlso um pequeno leque de sêda vermelha, caprichosamente bordado a mão.

Elza, com um movimento rápido, tentou arrebatá-lo das mãos do primo, mas Álvaro foi mais ligeiro. Ambos, espantados, viram-no corar, e depois empalidecer.

— Mas... êste leque... é de minha mulher! — exclamou, abrindo-o e examinando.

— Álvaro!... Não é possível!... — gritou Armando, no auge do assombro.

O médico voltou-se para Elza, que soluçava de cabeça baixa; e, cravando-lhe o olhar, com um riso surdo e feroz:

— Traidora!

E jogou-lhe o leque na cara.

★

Houve a derrocada: separaram-se.

Elza jurou inocência, mas foi em vão. Álvaro não aceitou explicações: queria o desquite, de qualquer maneira! Num esfôrço desesperado, Armando tentou reconciliá-los; primeiro foi procurar o marido. Álvaro continuava inexorável: repeliu-o!... Rumou, então, para a casa do Chaves.

Pelo caminho, pensava uma porção de coisas. Fá-lo-ia confessar; matá-lo-ia se fôsse preciso! Havia de saber a verdade, tôda a verdade!...

A idéia de que a prima pudesse trair o marido, atormentava-o. Achava um absurdo: sua razão não o admitia! Tinha-a na conta de uma santa, um modêlo de espôsa e virtudes. Não! Não é possível! — dizia êle consigo mesmo. — Elza não faria isso!...

O Chaves ficou surprêso.

— Mas é incrível!... Eu e Elza estamos inocentes! — protestou êle — apenas, encontrei-a naquele dia; juro-te!... Ela pediu para fazer-lhe companhia: queria divertir-se! Passeamos e nada mais!...

Armando retirou-se quase aliviado. Era como se houvesse tirado um grande pêso do coração. Diante dêle ressurgia a imagem da prima, bela, pura, virtuosa — reabilitada! — nesse momento, porém, espicaçaram-lhe as puas do remorso — e êle havia profanado o seu ídolo! Então, não fôra êle, que, com um pequenino leque, desmoronara aquêle lar?!...

Mas, de repente, assaltando-lhe outra vez o veneno da dúvida: — E se o Chaves não houvesse falado a verdade?!... Êle precisava saber... precisava!...

Cheio de dúvidas e remorso, o coração alanceado, foi em busca da prima.

Elza estava morando, sòzinha, num subúrbio da Central: o marido não lhe quis entregar as crianças.

O primo encontrou-a de cama, febril. A vizinha, uma

(Cont. na pág. 48)







AQUI estão estampados nesta página, três sugestivos e variados modelos para várias ocasiões. Em cima, Loretta Young (MGM), com duas sugestões: a primeira, um modêlo para a noite, e a segunda, um elegante «slack» com «sweater» em lã branca, com lenço de sêda azul-marinho. Em baixo, Vera Ellen (MGM), com um elegante «maillot» em lastex branco com vivos azuis e vermelhos.

VARIADOS

"YINS" E "YANGS"

UM dos melhores achados que conhecemos, em matéria de figurinos, foi o de Miss Belle Northrup, professora de Belas Artes na Columbia University. Miss Northrup não referiu a importância que os homens sempre deram à «haute couture» e à indumentária feminina, desde os artistas, pintores, escultores e fotógrafos — que, embora fazendo nus, intitulam seus quadros, mármores ou «stills» com poéticas referências ao vestuário, como sejam «A moça da fita», «A dama do leque», etc. — até os simples cavalheiros, maridos e outros, que assistem pacientemente, às vêzes interessados na linha dos manequins, dos «fashion shows» dos grandes mestres figurinistas de Paris, Londres, Nova York e Rio. Há uma arte do «panejamento», comum aos pintores e aos costureiros. O cinema, arte de nosso tempo por excelência, depende tanto de Dieterle, que dirige as grandes cenas, como de Edith Head, que desenha os vestidos das estrêlas. Os fotógrafos das revistas galantes de Paris sabem, tão bem como Lancret, o encanto de uma «chemise enlevée». Não se pode pensar numa mulher sem pensar nos seus vestidos, para admirar Schiaparelli ou para pagar as contas das modistas. E nem os poetas conseguem fugir a esta regra, mesmo porque os campos de nudismo não são poéticos e as «danseuses nues», que só existem nos «cabarets», como números rápidos, são criaturas que vestem muito, fora do programa. Embora estas omissões Miss Northrup deu a entender a importância, para o século e para a humanidade — dos vestidos e dos figurinos. E nos falou, com encanto, da feminilidade — graça, beleza e poesia — das modas da última primavera. Mas não foi apenas o lirismo dos figurinos que inspirou a professora de desenhos de modas do «Teacher's College». O que representa a verdadeira «trouvaile» de Miss Northrup é a sua divisão de tipos femininos, para efeito de vestuário, de acôrdo com uma nova classificação, tão nova que é um critério estético há uns três mil anos adotado na velha China. Segundo Miss Northrup e os sábios chineses, os tipos femininos se dividem em «yins», «yangs» e mistos, «yin-yangs». Assim, as mulheres devem vestir de acôrdo com o menor ou maior «yinismo» ou «yagnismo» de sua personalidade e isto é que é a verdadeira arte de vestir.

Mas, quais são os caracteres de cada tipo? A professora americana informa que as mulheres tipo «yin» são delicadas, discretas, gentis, doces e de aparência juvenil. Geralmente possuem talhe pequeno, mãos e pés graciosos, cabelos claros, olhos azuis e pele alva. Suas linhas são curvas, a cabeça delicadamente posada, os movimentos leves, e cheios de graça. Joan Fontaine e Olivia de Havilland, entre outras, são tipos «yin» perfeitos. As do tipo «yang» são fortes, com uma aparência reservada, digna. Têm um aspecto de maturidade e de seriedade, sem masculinismo, entretanto. A «sophistication» pode acontecer-lhes. Geralmente são altas e seus movimentos desembaraçados. Têm a cabeça bem posta sôbre os ombros, olhar firme, voz volumosa. Olhos e cabelos escuros. Entre as «yangs» podemos citar Alexis Smith, Joan Crawford, Lauren Bacall. Assim divididas as mulheres, Miss Northrup aconselha os vestidos leves, frívolos, etéreos, claros, fantasiosos, para as «yins» e, para as «yangs», as silhuetas frias, os vestidos justos e sérios, os ombros altos, os Diretório, o cetim, o «moire», as mangas compridas. Os tipos mistos, isto é, aquêles cujos caracteres pertencem ora às «yins», ora às «yangs», devem vestir-se, aconselha a especialista, de acôrdo com os caracteres predominantes: se têm mais traços «yins», adotem modas aconselhadas às «yins»; se possuem mais detalhes «yangs», sigam os figurinos prescritos às «yangs». Uma estrêla dêsse tipo misto, universalmente admirada, é Myrna Loy, mais «yang» do que «yin», ao que nos parece. Êste achado de «yins» e «yangs» que a especialista americana foi descobrir na China certamente vem facilitar muito a arte de vestir as mulheres. Aliás elas sempre tiveram o instinto dêsse embelezamento. A imaginação, a fantasia feminina, já foi capaz de fazer um vestido com uma folha de parra e de tornar belas e elegantes as criaturinhas mais «yins» dêste mundo, vestidas nos terríveis uniformes cáquis que a guerra exigiu também às mulheres.

LYSE









ESTAMPADOS ELEGANTES

AQUI estão diversos modelos confeccionados em fazendas grossas, estampadas, apresentando sugestões para diversas ocasiões. Em cima: Jacques Fath — modêlo com mangas compridas, saia formando um drapeado nas cadeiras com duas pontas. Em baixo: Paquin — vestido para tarde em estampado, mangas três quartos e saia formando godé atrás. Ao alto, à direita: Raphael — costume em sêda azul com "pois" brancos. Na gola, punhos e bolsos. Os "pois" combinam-se formando desenhos. Em baixo: — O estampado dêste vestido imita renda. A gola e os punhos são de fazenda lisa.





EM TAFETÁ E RENDA



PARA ocasiões de cerimônia apresentamos modelos variados de corte elegante, em tafetá e renda. À esquerda: Dois modelos de tafetá. O primeiro com mangas compridas, decote redondo, baixo, e saia justa, tendo por cima um avental terminando em ponta. O segundo, abotoado de alto a baixo, vai até ao tornozelo. Saia franzida, corpo justo, com gola subida e mangas compridas. À direita: — Modêlo simples, em renda, com mangas japonêsas, decote em V bem baixo e saia godé. Na cintura, uma fita de veludo larga formando um laço. — Dois modelos em tafetá com decotes originais e um modêlo em renda e tafetá com saia godé. Em baixo, vestido com corpo de renda, a saia é entremeada com tiras transversais de tafetá e renda. — Lindo modêlo em renda com decote bem amplo, quadrado. Saia godé formando três babados.





QUADRICULADOS

PARA Outono e Inverno aparecem muitos tecidos quadriculados em lã para casacos e costumes ou em outras fazendas para diversas peças ou para enfeite. Em cima: — Vestido esporte, abotoado no corpo e na saia, gola com grandes pontas. Em baixo: — Conjunto formado por casaco de xadrez, debruado com fazenda lisa e saia em lã lisa, tendo atrás um pano sôlto, forrado com tecido xadrez. — Vestido com saia justa e ampla gola, usado com um casaco godê que, aberto atrás, forma apenas duas partes. À direita: — Costume de lã, prático, casaco cintado com grandes bolsos.















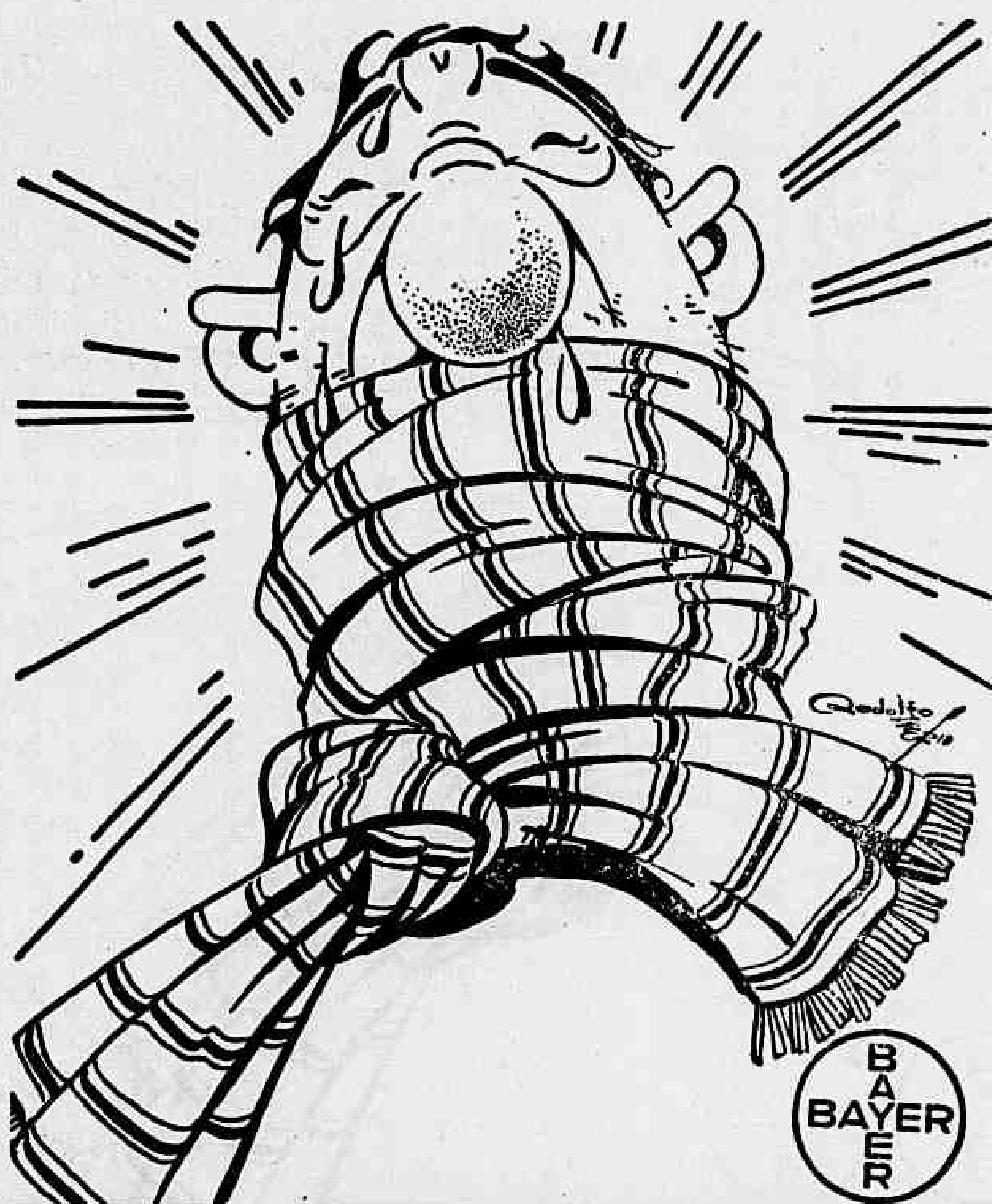
VESTIDOS PARA A NOITE

ENTRE os trajes de rigor continuam em moda os vestidos pelo tornozelo. Aqui estão algumas sugestões de figurinistas franceses, quase tôdas confeccionadas em fazendas pesadas. Em cima: — Robert Piguet apresenta êste modêlo mais juvenil em tule com «pois». Saia ampla, corpo justo, bordado, terminando em bico, sendo a parte superior em veludo, imitando um laço. Em baixo: — Madeleine Rauche exibe êste modêlo em faile. Corpo bordado, com uma só alça. Saia justa com grande apanhado em um dos lados. À direita, de cima para baixo: — Manguin, é o criador dêste modêlo em brocado. Corpo sem mangas, saia bem justa cruzando um pouco em baixo. Das cadeiras, presos por duas fivelas, saem dois panos enviezados sendo um maior que o outro. — Modêlo em veludo com decote quadrado e larga gola, saia godé com a barra enfeitada com peles. — Este é o desenho de um modêlo de Jeanne Lafaurie, confeccionado em sêda pesada. Decote amplo, caindo pelos ombros e mangas bem largas. Saia justa terminando em bico, com um pouco de drapeado nas cadeiras.



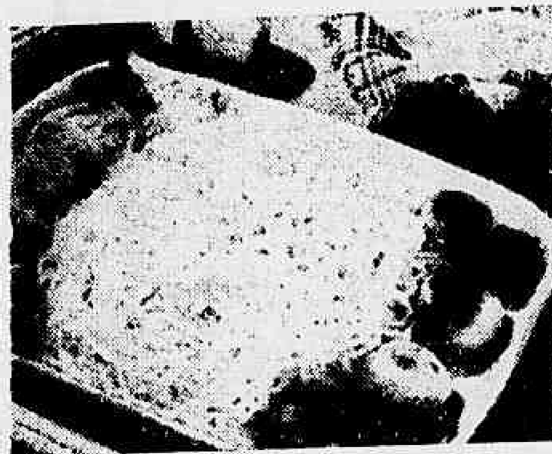


Flagrante apanhado na Igreja da Cruz dos Militares, nesta capital, por ocasião do casamento da senhorita Nayl Ferreira Santos com o sr. Victor Jurgens, elementos de destaque na sociedade carioca.





WEEK-E





SOPA DE AGRIÃO

Parta em rodelas 3 alhos porrô e leve-as a fritar em uma colher de manteiga, depois junte 250 gr de batatas descascadas e partidas e regue com 2 litros de água quente e deixe cozinhar lentamente. Passe tudo por uma peneira fina. Deve obter 2½ litros de sopa. Leve ao fogo para ferver, mexa um pouco, incorpore outra colher de manteiga e despeje a ferver na sopeira, onde já deve estar um punhado de folhinhas de agrião e 1 xícara de leite.

MÔLHO MAIONESE PARA SANDUICHES COM TOMATES

Leve ao fogo ½ colher de manteiga com ½ de açúcar e ½ de maizena, deixe ferver um pouco. Junte 1 colher cheia de massa de tomate e uma pitada de Páprika. Cozinhe um instante, deixe esfriar e junte à maionese.

SANDUICHES COLORIDOS

Parta 1 pão de fôrma em fatias, sôbre o comprimento, e passe por cima uma camada bem grossa da seguinte mistura: 200 gr de presunto, sem gordura, passado na máquina e amassado com 100 gr de manteiga ou compre paté de presunto em lata e amasse com manteiga. Corte depois, sôbre a largura do pão, tiras de 3 cm. Aplique no centro de cada tira, uma rodelinha de tomate, cortada com um cortador sôbre a parte bem vermelha, a fim de imitar cereja. Coloque de cada lado 3 fôlhinhas de agrião. Tudo bem aplicado e bem chato. São de lindo efeito.

TORTA DE GOIABA

A massa: Tome 250 gr de farinha de trigo, 300 gr de manteiga, 1 colher de açúcar. Misture muito bem a farinha com a manteiga(fica muito sêca), depois o açúcar e por último água morna e sal, até ligar bem e formar uma massa, não branda. Abra com o rôlo e dobre em três partes, como massa folhada. Deve repetir isso por quatro vêzes e no fim da quarta vez abra até 1 cm de espessura. Com a metade forre um prato que vá ao forno, encha com o recheio, cubra com a outra metade, apare ao redor, polvilhe com açúcar cristalizado e leve a assar no forno.

O recheio: Tome umas 12 goiabas grandes e maduras, descasque, parta ao meio, tire os caroços, lave em água fria e leve a dar uma ligeira fervura. Faça uma calda com 3 xícaras de açúcar e 1 de água e quando estiver em ponto forte, junte as goiabas bem escorridas. Passe os caroços crus por uma peneira, reúna ao resto, para então tomar ponto de geléia. A torta servida morna é melhor.

Também pode desmanchar um pouco de goiaba de lata, numa xícara de calda, levar ao fogo, para tomar ponto, e servir como recheio. E' mais prático, mas não tão bom.

FILETS RAYONS DORÉS

Tome 1½ quilos de garoupa, ou outro peixe fino, cortado em filets de 1½ cm de espessura, e corte em tiras de 3x7 cm. Tempere com sal e limão e guarde. Pouco antes de servir, enxugue, passe em ovos batidos (uns 5) e frite com banha, bem dourados.

GALANTINE DE PATO

Desosse 1 pato grande e guarde. Passe na máquina 250 gr de carne de porco, com 250 gr de toucinho fresco. Se achar dificuldade em achar carne de porco, e o toucinho, empregue ½ k de salsichas finas, sem as peles. Parta em pequenos dados 200 gr de presunto cru. Misture tudo e deite dentro da ave; enrole, envolva num pano e amarre com um barbante. Deite numa panela, cubra com água, junte a carcassa partida, 1 mocotó de vitela partido, 1 cebola, 2 cenouras, cheiro e 1 cálice de vinho ou cognac. Deixe cozinhar em fogo brando durante umas 4 horas ou 6. Prove o sal. Tire o pato da panela. Retire o pano e coloque numa vasilha funda, e ponha um pêso em cima. Côe o caldo num pano úmido, despeje sôbre o prato e leve para a geladeira para coalhar. Faça de véspera. Na hora de servir, com uma faca amolada, corte em fatias delgadas e deite cada uma sôbre uma fôlha fresca de alface crêspa. Enfeite com quadradinhos de 1 cm de tomates bem vermelhos, sem as sementes. Êsse prato serve também para almôço ou para ceia. Os restos do mocotó, picados e bem temperados num refogado com tomates, cheiro e pimenta, podem ser aproveitados.

TORRADINHAS COM QUEIJO

100 gr de queijo ralado, ½ colher de manteiga, 2 colheres de nata, um pouco de mostarda, 1 pitada de sal, pimenta vermelha em pó, 1 colherinha de café de suco de limão. Leva-se a manteiga ao fogo e, quando estiver derretida, junta-se-lhe o queijo ralado. Acrescentam-se então a nata, o sal, pimenta e suco de limão. Mistura-se tudo muito bem e passa-se sôbre torradas que se servem imediatamente.

RESTOS DE PEIXE COM MAIONESE

Misturam-se quaisquer restos de peixe com maionese. Arrumam-se êstes pedaços sôbre salada de alface e guarnece-se com rodelas de pepino em conserva e de ovos. Pode-se dar um aspecto mais bonito a êste prato, enfeitando-o com rodelas de salame, às quais se deu a forma de um cartucho.

PUDIM DE CHOCOLATE

1 litro de leite, 100 gr de chocolate, 250 gr de açúcar, 100 gr de maizena, 3 ovos e uma pitada de sal. Dissolve-se a maizena em um pouco de leite frio, misturando-se em seguida muito bem com os ovos. O resto do leite leva-se ao fogo, juntamente com o açúcar, o chocolate e o sal. Quando estiver fervendo, despeja-se sôbre a maizena, mexendo-se bem. Deita-se em uma fôrma que se passou em água fria, pondo-se de lado durante 2 a 3 horas para esfriar. Ao levar à mesa, vira-se sôbre um prato e serve-se com môlho de baunilha.

NA COZINHA

BÔLO DE MORANGOS

Massa de açúcar: ½ k de farinha de trigo, 150 gr de manteiga, 150 gr de açúcar, 1 pitada de sal, 2 ovos, 1/10 de litro de água e ½ pacotinho de fermento.

Deita-se a farinha em uma vasilha, faz-se no centro uma cavidade na qual se deitam os ovos, o açúcar e o sal misturados com a água. Vai-se mexendo a farinha com a mão até formar uma massa lisa; depois de ter descansado ½ hora em lugar fresco, estende-se com o rôlo, e está pronta para uso.

A massa acima descrita, morangos lavados e secos, e massa de suspiros e açúcar. Põe-se a massa em fôrma de abrir e leva-se ao forno. Espalham-se por cima os morangos, polvilha-se com açúcar, cobrem-se com massa de suspiros. Com o resto da massa enfeita-se a superficie do bôlo e leva-se um pouco ao forno para tomar uma côr alourada. Massa de suspiro: 3 claras de ovos muito bem batidas e juntam-se aos poucos 6 colheres de sopa, de açúcar.

Pode-se também partir os morangos, misturá-los com açúcar, colocá-los em cima do bôlo e cobrir com creme Chantilly em vez da massa de suspiro.

EMPADINHAS DE QUEIJO

Massa mole, ½ litro de leite ou nata, 2 a 3 ovos, 200 gr de queijo e sal. Para a massa mole: 200 gr de farinha, 100 gr de manteiga, 1 pitada de sal e 100 gr de água. Peneira-se a farinha, que se põe sôbre uma pedra mármore, deixando-se um buraco no meio da farinha. Deitam-se neste buraco pedacinhos de manteiga, água e sal, mexendo-se primeiro com uma faca, depois, ligeiramente com as mãos, até a massa grudar mais. Deixa-se descansar por 20 a 30 minutos em lugar fresco. Em seguida estende-se com um rôlo e com esta massa forram-se forminhas untadas com manteiga. Mistura-se o leite ou a nata com os ovos, sal e queijo ralado. Enchem-se as forminhas atété 3/4 da altura com esta mistura. Cobrem-se as mesmas com a massa, apertam-se os bordos e levam-se ao forno médio. Querendo, pode-se juntar à massa um pouquinho de cuminho.

HATOMA

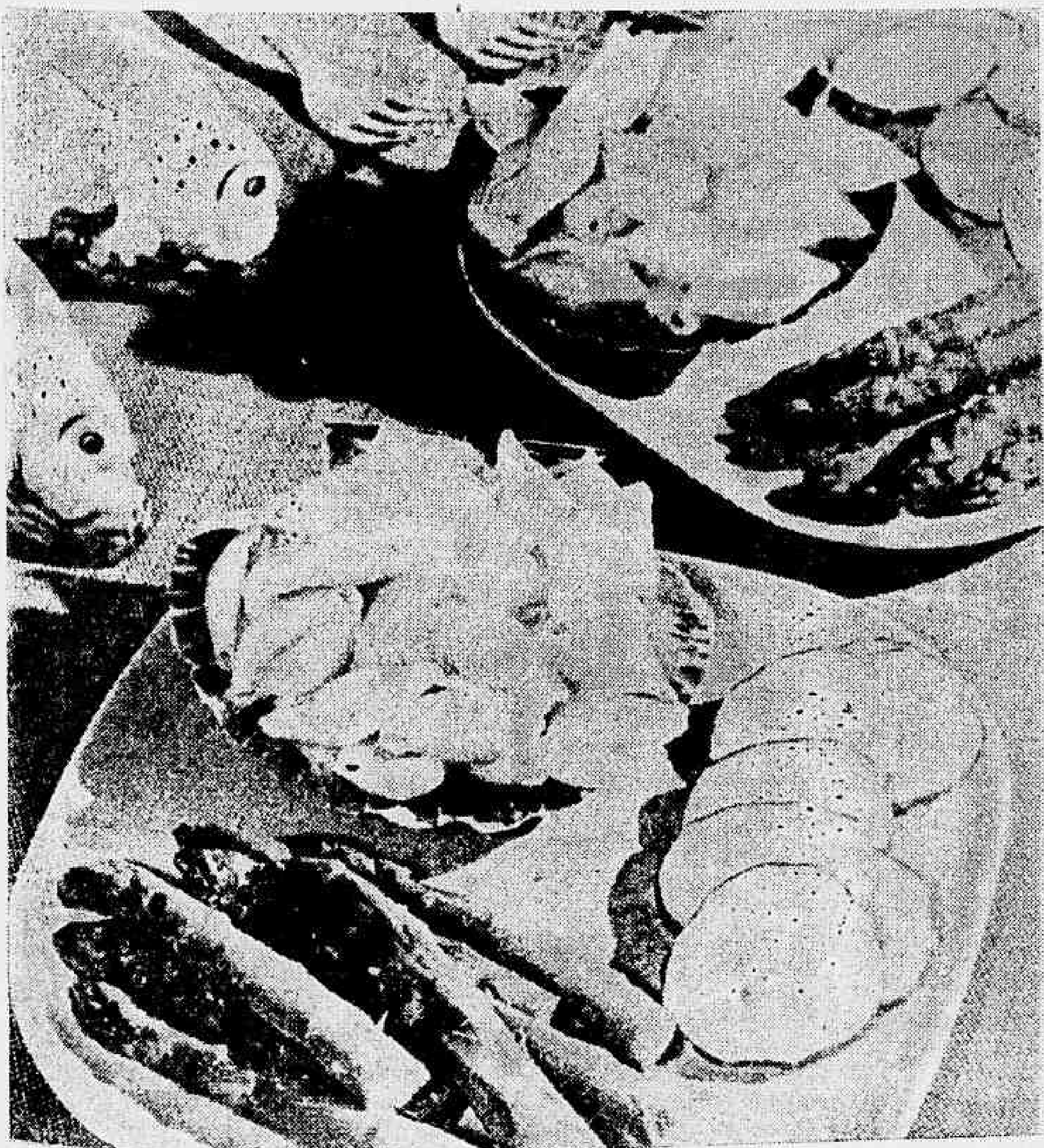
2 xicaras de aveia, 750 gr de tomates, 2 a 3 ovos, 3 colheres de queijo ralado, manteiga, sal e salsa. Cobre-se a aveia com 3 xicaras de água fervendo e põe-se de lado para esfriar. Em uma caçarola deita-se bastante manteiga, e nela se refogam os tomates picados, juntando-se-lhes o sola e a aveia, os ovos batidos. Deixa-se cozinhar tudo ràpidamente, até cozinhar a clara. Por fim, mistura-se-lhe o queijo e pulveriza-se tudo com salsa picada.

TOMATES COM CAMARÕES

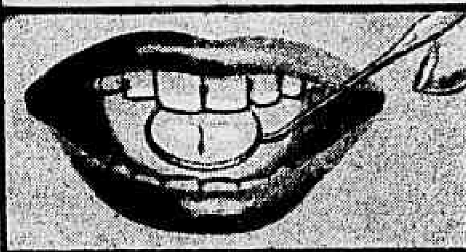
Corta-se a tampinha de tomates bonitos, e, com uma colherzinha, retiram-se as sementes. Enchem-se as cavidades com maionese misturada com páprika e camarões cozidos passados na máquina. Colocam-se os tomates sôbre fôlhas de alface e enfeitam-se com os rabos dos camarões.

SALMÃO

Tira-se o salmão da lata, deixa-se escorrer a água e retiram-se as espinhas que ainda houver, rasga-se em pedaços e tempera-se com môlho de salada. Sôbre um prato oval, colocam-se umas fôlhas de alface temperadas com môlho de maionese e sôbre elas arrumam-se pedaços de salmão, comprimindo-os e dando-lhes, assim, uma forma oval. Em volta do salmão colocam-se rodelas de ovos, de tomates e de pepinos em conserva, fôlhas de alface e recortes ou cestinhas de limão. Por fim, cobre-se o salmão com maionese. A fim de conseguir um aspecto mais bonito, pode-se esguichar a maionese em forma de grade, sôbre o salmão, empregando-se para isso um saquinho de funil.







COMO SÃO BRANCOS E SADIOS os dentes do KOLYNOS-ISTA!

GUERRA ÀS CARIES!

Somente KOLYNOS as combate DESTES 3 MODOS

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a pelicula que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa pelicula que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.

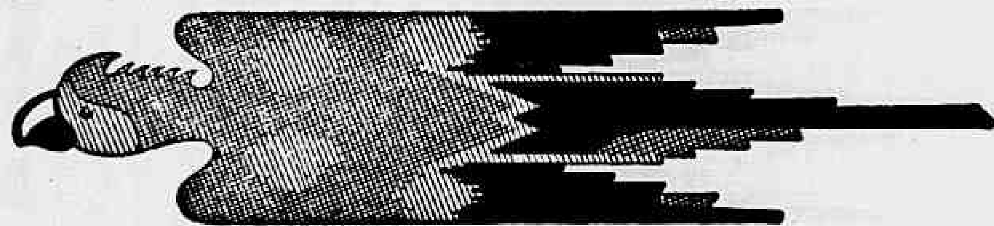


McCANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-309

AEROVIAS



ANÁPOLIS • ARACAJÚ • ARAGUARÍ • BELÉM • BELO HORIZONTE • BOM JESUS DA LAPA • CAROLINA • CORONEL FABRICIANO • CURITIBA • FORTALEZA • GOIÂNIA • ILHÉUS • LA GUAIRA (Venezuela) • LONDRINA • MACEIÓ • MIAMI (Estados Unidos) • NATAL • PARAMARIBO (Guiânia Holandeza) • PARNAIBA • PEDRO AFONSO • PETROLINA • PORTO ALEGRE • PORTO NACIONAL • PORT OF SPAIN (Trinidad) • RECIFE • RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • SÃO LUIZ • SALVADOR • TEREZINA • TRUJILLO (Rep. Dominicana) • UBERABA • UBERLÂNDIA • VARGINHA • VITÓRIA.

BRASIL

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

GRIPES
RESFRIADOS
NEVRALGIAS



DÔRES de CABEÇA
TRANSPIROL

PARTIDO DE...

(Cont. da pág. 25)

— Conto com elementos valiosos que doutrinàriamente me seguem em outros partidos e que estarão comigo nas horas difíceis. Mas, desculpe-me, não posso declinar os seus nomes.

E sôbre as possibilidades do P R.P nas próximas eleições, disse-nos o sr. Plínio Salgado:

— "Levaremos às urnas êste ano mais de meio milhão de votos, se se positivarem os cálculos que baseamos no cimples fato da multiplicação dos nossos Diretórios Municipais. Basta dizer que em São Paulo tínhamos menos de cem diretórios municipais nas últimas eleições e agora temos duzentos e cinquenta, devendo êsse número atingir trezentos em breve. Nos outros Estados a proporção é a mesma."

O MISTÉRIO DO COLAR...

(Cont. da pág. 45)

Naquela mesma noite, enquanto Peggy enchia o salão de baile com sua voz rica e harmoniosa, vários policiais a paisana, tomavam coquetéis, espalhados em diversas mesas. O tenente Cummings acompanhado por outro detective subiu ao escritório de Marty, que o esperava, avisado que fôra por um empregado.

— Marty... quero que abra a porta secreta que existe nesta sala.

— Porta secreta? Não compreendo.

— Seguramos um dos seus jogadores, que não teve dúvidas em preferir abrir o bico a ter que mofar na cadeia. Se quiser verificar, passe uma vista na lista dos "assinantes" do seu jôgo.

— Autorizou-o a procurar a tal porta secreta.

Cummings foi direto à mesa de Marty. Em pouco encontrava o botão que fazia funcionar a porta secreta. Desceram ambos e o tenente ordenou que Marty abrisse a porta. Entraram na ampla sala de estar, onde só se viam espelhos. Cummings olhou para os quadrados, contando-os. Marty aproximou-se da mesa apanhando um telefone que ali estava. Pareceu a Cummings ouvir uma sirene longínqua, tão longinqua que imaginou ser irreal. Seus dedos ficaram a premir todos os parafusos, ansioso por encontrar o que buscava.

— Desista, tenente. Não há outra entrada ou saída nesta sala. Não vê que as paredes são recobertas de espêlho?

— Deixe-me arriscar, Marty.

Não se passaram cinco minutos e os espelhos deslocaram-se para um lado. Um sorriso de satisfação encontrou apenas um salão vazio de pessoas. As mesas estavam enfileiradas como sempre, mas um forte cheiro de fumo queimado enchia o ar.

— Deve haver fantasmas que fumam por aqui. Aspire o ar e responda-me. Mas... atrás daquele reposteiro deve haver outra sala. Quer levar-me até lá, Marty?

— Não há nada ali atrás. Pode verificar por si mesmo.

— Deixo a porta por um momento porque preciso examinar certa gaveta aqui da "Caixa". — Marty ficou pálido. Se êle pegasse o traidor estrangulá-lo-ia com suas próprias mãos. Quando dez minutos depois o tenente fazia frente àquele numeroso grupo de homens e mulheres que se comprimiam na pequena sala secreta, trêmulos de pavor e vergonha, Marty tentava escapar pela saída que dava para a garagem, mas... foi cair nos braços do investigador que já o esperava.

O tribunal não teve dúvidas em condenar os dois irmãos e seus cúmplices. Pena de morte para um, o assassino, e quarenta anos de prisão para o outro.

Vamos encontrar a jovem detective rodando seu moderníssimo "Packard" em direção à sua residência. Na mala do carro, cuidadosamente empacotado iam vários tubos de ensaio, xiveres para sua geladeira, um microscópio possante e outras coisas de que precisava. Com um gesto maternal afagou a "Smith" novinha em fôlha que lhe pendia do coldre.

Involuntàriamente, começou a assoviar uma canção, enquanto pensamentos róseos desfilavam por seu cérebro: Dez mil dólares... Sim: Dez mil dólares foi quanto lhe dera Mrs. Stuart, por ter protegido o colar e por lhe ter restituido a filha desaparecida há tantos anos.

— Espero que no meu próximo caso eu não precise mudar de identidade, porque acabarei apaixonando-me por um bandido.

COM UMA ROSA...

(Cont. da pág. 27)

que o donzel ame a sua donzela, ai de mim! que a donzela morra de amor pelo seu donzel.

Outubro, 1: A sua combinação aparecia sob o vestido encarnado... Foi a minha vingança!

Outubro, 2: Visita à dona Clarinda, tem setenta anos, que velha, credo! Um quarto em penumbra, ela uma estátua de sal a derreter-se para o chão, mãos ungidas e tóda trêmula. Cega, à espera da morte. Dona Clarinda, o tempo inteiro, choramingou:

— Eu não quero morrer. Rezem por mim, filhinhas minhas.

Diz ela que, só na velhice, a vida nos dá tudo o que tem para nós. Na despedida, com mãos humanas afagou-me o rosto. Rosto sem rugas, que ela invejou, eu sei.

— Rezem por mim...

Mamãe me disse que dona Clarinda foi moça belíssima, no seu tempo. Uma flor nos cabelos: — *amas-me?* — *sim, amo-te.* Sentada, agora, à espera da morte. Lembrando, será? uma valsa evanescente em surdina, o carnet de baile e imagem risonha no espêlho; rezai por ela.

Outubro, 3: Viver ainda um dia, viver!

Outubro, 4: Para o meu príncipe encantado, eu serei a sua cinderela de pequenos sapatos; ai! só para êle.

...Assim o esquálido morto que, no túmulo esquálido, tem que esperar pelo grito na bôca do arcanjo Gabriel.

Por êle, eu caminharia sôbre as águas, sem molhar os pés. Se me pedisse a lua, eu desmaiaria de amor, tantas vêzes, que até a lua sua seria de pena de mim.

Não queres, Juquinha? Bem sei, tu não queres.

Outubro, 7: Tomou-me nos braços e raptou-me na garupa de seu cavalo negro. Depois, o fogo estalando na lareira, eu quis chá, meu bem.

— Quantos tabletes de açúcar?

— Três, my love, eu sou diabética.

Outubro, 8: E os pensamentos que não tenho a coragem de escrever?

Outubro, 16: O doutor disse que estou

bem melhor. Viva, enfim, alegria de velar a morte das formigas e de noivos lindos. À noite, olhar estrêlas, pela janela aberta.

Uma estrêla cadente, depressa faça um pedido, Carolina? E não conte a ninguém.

Outubro, 17: Não sei de onde, os veros vêm de longe, rufiam no ar as asas de andorinhas despertas; é assim, como a moça do poeta, que hei-de eu morrer:

Ela subiu a montanha
com uma rosa na mão.

Contemplou o mundo à distância
com uma rosa na mão.

E se atirou no abismo
com uma rosa na mão.

E foi enterrada ontem,
com uma rosa na mão.

Oh! quem me dá uma rosa?

Outubro, 20: E não fui uma mulher fatal... Para recordar na velhice.

Outubro, 21: Vontade de ser aventureira, jogar bacarat no cassino, de ser turista, a lua boiando nas águas, porém sôbre a amurada do navio, de ser gorda, que os moços de mim se rissem, por causa disso.

Vontade de querer ainda, e não quero mais.

Outubro, 24: Imaginei, o dia todo, como será meu epitáfio. Que tal êsse? "Aqui jaz a bela adormecida que nenhum príncipe quis acordar".

Outubro, 25: Despi-me diante do espêlho e beijei, em delírio, os braços nus. Profanou-se o mistério sagrado de meu corpo — agora qual será a penitência? Ora, que deus se case com a deusa, e tenham muitos filhos.

Outubro, 27: Sempre quis passear, em um vestido branco, ao luar. Por que nunca o fiz? Fazê-lo hoje? Muito frio.

Outubro, 29: Pessoas sadias ao lado da cama. Não quero vê-las; refugiei-me na terra de estranhas carpideiras, com um chale prêto na cabeça, que choram seus mortos na guerra. Um passarinho canta dentro da manhã. Dai-me asas, levanta-me, oh, amor, e vem; voz de criança que solfeja canção sem sentido.

Outubro, 30: Uma história de fadas, mamãe, para eu dormir. Aquela uma da menina, de olhos azuis, cabelos de ouro, que ansiou tocar o céu na ponta dos dedos. Ela viu, da porta, as nuvens brancas no fim da rua, nuvens rentes ao chão. Mamãe não está olhando, está? A menina, de olhos azuis, correu atrás das nuvens brancas, tão perto, e um pouco mais longe.

O fim da história, qual é, mamãe? Conte por favor.

Novembro, 2: Oh! pobres confidências inocentes embora, que têm sabor de adultério...

Querido diário, você sabe que não tenho mêdo, calar as vozes, u-me. A testa em fogo, peito em fogo — e paz no coração.

Novembro, um dia: Morrer, enfim...

Novembro, 8: E o beijo que ninguém colheu? Êste beijo é teu Juquinha.

Novembro, 10: Num sonho, como na vida, despertei de madrugada: enquanto todos dormem o sono sôlto...

Novembro, 14: O parceiro virá, de manhã, trazendo pãozinho quente e a preta Odete limpará o pó dos móveis e mamãe irá a missa e meninas brincarão de roda na calçada e os estudantes, às seis horas, têm os eternos cabelos despenteados. Onde está a menina triste sempre à janela?

O padre rezará a missa, mamãe comerá o pãozinho quente, os estudantes sairão das aulas para as ruas cheias de gente. A vidraça foi descida e a janela fechada; que a donzela morra de amor pelo seu donzel, oh! filhas de Jerusalém.

Novembro, 16: Mais sangue no lencinho branco.

Novembro, 19: ...a rosa, por favor, a rosa na mão.

O CASO DA IRMANDADE

(Cont. da pág. 17)

ferido têrmo de obediência, antes do prazo máximo concedido pela Igreja. Os demais não se submeteram e, desde a madrugada do dia 4 foram privados de seus méritos espirituais. Essa forma de excomunhão é muito mais branda do que a aplicada ao Bispo de Maura, por exemplo, que recebeu a excomunhão «evitandi», ficando sua presença absolutamente proibida em qualquer parte das igrejas. Caso êle compareça a um templo, se houver solenidade, esta será imediatamente suspensa e a igreja, ato contínuo, será fechada. No caso dos mesários da irmandade do SS. Sacramento, porém, não existe tal rigor, e êles podem reconciliar-se com a Igreja, basta para isso que procurem o Cardeal, assinem o têrmo de obediência, afirmando que não houve intenção de errar e sua eminência poderá absolvê-los, integrando-os novamente no seio da Igreja.

Os excomungados foram os seguintes: Joaquim Correia Marques, provedor; Pedro Rodrigues Perez, vice-provedor; Adriano Correia Marques, secretário; Luciano Ferreira de Sousa, tesoureiro em exercício; e os mesários Manuel Pereira de Sousa, Joaquim Correia Marques Filho, Dermeval José Ferreira, Manuel Barbosa Machado, Amadeu Duarte Ribeiro, Joaquim Ferreira dos Santos, Manuel Marques Correia, Júlio Correia Marques, João da Silva Gomes, Afonso Henrique Sarmento Osório, Aires da Silva, Arnaldo Tôrres Lopes e Eulizio Ferreira Afonso.

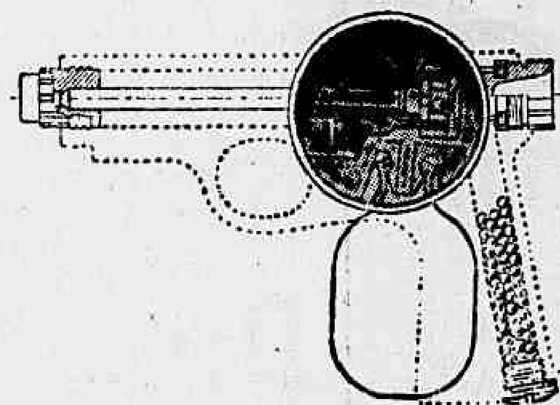
Da atual diretoria, sòmente os srs. Manuel José Fernandes, procurador, e Ladislau Pereira Rodrigues, diretor do culto divino, assinaram o têrmo de submissão. A maioria que não se submeteu, patrocinada pelo advogado sr. Jorge Fontenelle, deu entrada em juízo com uma ação de manutenção de posse, enquanto a Curia, tendo como advogados os srs. Sobral Pinto e Vieira Coelho, também entrou em juízo com uma ação de imissão de posse. O juiz Aguiar Dias, concedeu, liminarmente, mandado de manutenção de posse aos membros da Mesa Diretora da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé, a que naturalmente contestou a parte contrária, seguindo, por enquanto, o processo, pelo caminho meramente jurídico.

Não há dúvida que pelo quase ineditismo do acontecimento no Brasil, o fato chamou a atenção de todos e é de se esperar que o tempo passando e a calma voltando a reinar entre as duas partes, volte também a paz entre a Curia e a Congregação religiosa, hora em litígio com as autoridades máximas da Igreja no Brasil, pois o fato é deturpado e aproveitado para se criar um ambiente pouco simpático para os meios religiosos do país.

Pistola "PNEUMA TIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAISES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

SEJA VOCÊ o PRIMEIRO

ACADEMIA DE ARTE & TECNICA CINEMATOGRÁFICA

SIM! S... MEIRO A
D... S ÊXITOS
QUE PROP... AS INDUS-
TRIAS CI... ÁFICAS

ACADEMIA DE ARTE E TÉCNICA CINEMATOGRÁFICA
CAIXA POSTAL 3121 — RIO DE JANEIRO
Remeta-me seu folheto GRATIS

NOME .... Idade ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

O SEGRÊDO DE SUA BELEZA...

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE ! NAO ESPERE ENGORDAR DEMAIS, TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO



CORREIO DA REVISTA

Ribamar Galiza (Caxias, Maranhão) — E' estranho o que o distinto amigo nos informa. Deve ter havido confusão entre contos de nomes iguais, pois só julgamos uma vez. Se tiver cópia do "Almas Torturadas", queira enviar-nos para adiantar a solução do caso. Com o mesmo título do seu, tivemos mais dois!

Haydée Barros (S. Paulo) — Recebemos o "Para uma vida nova" em substituição a "Amor e ódio". Vamos julgá-lo. Aguarde.

A. S. (Rio) — Seu conto "Romance Inédito" não foi aproveitado. Embora regularmente urdido, apresenta muitas falhas de linguagem, além de conter certos têrmos mal empregados. Esperamos outro mais bem cuidado. Inteligência não lhe falta.

M. A. de A. M. (Rio) — Não foi possível aproveitar o "Sono e galinhas sem asa", uma vez que o nosso quadro de cronistas já está completo, o que sentimos, pois seu trabalho está muito interessante. Mande-nos contos... literários, está visto.

Regina F. Duarte (Rio) — Não temos os folhetos de que nos fala. O jeito é ir dendo mesmo na REVISTA.

M. B. (Rio) — Muito bem urdida a história; mas o amigo precisa de aperfeiçoar-se na correção da lnguagem. Há numerosos cochilos de português.

A. B. Marchetti — As contradições de nossas notícias acêrca de "Ausência" nos surpreenderam. Na verdade, houve lapso de nossa parte, do que lhe pedimos desculpas. Embora achando que a primeira informação é a exata, já providenciamos para esclarecer o assunto junto aos ilustradores.

O. C. (Rio) — Não lhe falta imaginação; mas abusa de "enfeites" nas descrições, tornando falsa a narrativa. "O Juramento" não foi aprovado. Quanto ao outro, vamos examiná-lo. Seja como fôr continue. E' assim mesmo.

J. S. S. (Rio) — Recebido o seu conto "Surprêsa". Vamos lê-lo.

Aluísio Ordene de Castro (Belo Horizonte) — Seu conto "A Ronda dos Vivos" já está ilustrado e será incluído na paginação de uma de nossas edições próximas. Queira desculpar o atraso involuntário.

Marques Regente (Belo Horizonte) — "Beiradeiro" saiu em nossa edição de 21 de janeiro p. passado. Para a transação de que fala em sua carta é preciso que o amigo se dirija diretamente à direção desta REVISTA.

Zélia V. de Manera (Rio) — Vamos verificar o que ocorre.

G. de C. F. (Rio) — Não foram aprovados.

Norma Câmara (Recife) — Continue a remeter-nos contos no estilo daquele que já publicamos. Quanto à outra espécie de colaboração poderá interessar em forma de reportagem, mas devidamente ilustrada com boas fotos.

M. A. M. (Rio) — Recebemos o "Mistério". Breve voltaremos para dar contas de todos.

Marilu S. Ferreira (Rio) — Queira, por obséquio, ler as condições que saem publicadas, constantemente, nesta REVISTA. Guie-se pelas mesmas.

G. B. (Curitiba) — Sob o ponto de vista literário tem muitos defeitos o seu conto. Nunca procure dar às personagens, modos de falar artificiais. O que agrada ao leitor não é o têrmo rebuscado, difícil, precioso, é sim a linguagem corrente, bem articulada e clara. Veja se se corrige e volte. Teremos prazer em ajudá-lo.

L. C. de C. (Manaus) — Literatura regional dêsse Estado, sempre que seja possível, é preferível vir com uma espécie de glossário explicativo. Nada mais aborrece o leitor do que estar lendo e não compreender o que o autor escreve, nem mesmo com auxílio de dicionário. Veja se pode converter os têrmos locais em linguagem comum a todos os brasileiros, empregando os têrmos regionais em último caso.

H. L. (Rio) — Muito curto o seu conto "Jiu-Jitsu em Família". Além disso muito fraco e o nome sem relação com a história. Aproveite o tema e mande outro com enrêdo mais vivo e completo.

L. S. C. F. (Rio) — Muito fraco o "Irmãos".

Antônio Norberto dos Santos (Belo Horizonte) — Foi aprovado o seu conto, mas vamos mudar-lhe o nome para "Uma Aventura em Barbacena".

Carlos Augusto de Góis (Vitória) — Aprovado o seu "Gente de Raça". Aquêle desfêcho, porém, é muito conhecido no nordeste, pois se passou, conforme consta até de livros, com o cangaceiro Manoel Sabino.

Ferrucio Fabbri (Rio) — Foi aceito o seu conto "Gilda".

A. A. (Rio) — Seu conto "Duas Irmãs" não foi aproveitado. Falta-lhe vida e se prolonga em nível monótono. O tema está bem urdido, mas não consegue despertar interêsse. Escreva outro, A. A. e conte com a nossa boa-vontade.

Tomaz Tavares (Rio) — Aprovado "O Leque".

A. A. M. de J. (Rio) — E' conveniente aperfeiçoar seu português. Está ainda muito

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



FREDERICO TROTTA
Antigo Vereador pelo Partido Autonomista
1935—1937
Ex-Governador dos Territórios de Iguaçu e de Guaporé

BRASILEIRO!

Dá teu voto em defesa da Democracia e dos interêsses do Povo e da Tua Cidade.
Manda novamente, com teu sufrágio para a CAMARA MUNICIPAL, aquêle que sempre esteve a teu lado:

FREDERICO TROTTA

Sua atuação no passado, garante sua ação no futuro.

P.S.T. ★ P.S.T.

ALMA RUMENA

(Cont. da pág. 49)

tético das águas que escorregam do alto de velhas montanhas desertas, a áspera e tenebrosa música da floresta carregada de mistérios e de mundos desconhecidos, a sangrenta e implacável serenidade dos pampas esverdeados que choram na luz translúcida e amarga do luar, e há nela, antes de tudo, algo de selvagem, um abismo profundo e doloroso como as trevas que invadem o coração humano nas longas horas de inquietação, de dúvida, de desengano.

Inquietações que vivem em tôda a poesia popular, em tôda lenda rumena, desde a canção de amor, emocionante e grande na sua simplicidade doce como uma carícia, desde as velhas lendas de amor e renúncia, de aventuras e combate na terra imaginária e tão real do sonho e do sobrenatural, lendas que buscam, na viagem do herói à procura das diversas concretizações do ideal, uma resposta para a eterna pergunta da vida, e até as duas pedras fundamentais da filosofia e do pensamento do povo rumeno, as duas baladas "Mestre Manoel" (Mesterul Manole) e "Móritza". Duas baladas nascidas do coração anônimo e coletivo das massas, duas obras-primas dignas de figurar ao lado das maiores obras do pensamento humano, sintetizam a atitude psicológica do rumeno diante da morte, e diante da criação, que tanto pode ser a vida, pois criar não é parte integrante da vida?

O Mestre Manoel é a história do autor do célebre mosteiro Cuntea de Argez, que êle não conseguia erguer, porque tudo aquilo que construía de dia, desmoronava durante a noite, até que um sonho lhe revelou que, para poder erguer o mosteiro era preciso murar viva nos seus muros a primeira pessoa que aparecesse no horizonte ao amanhecer. A própria mulher do mestre que êste adorava com indizível paixão vem trazer-lhe a merenda, e êle sacrifica-a, sofrendo intensamente.

Mais velha ainda, Móritza, conta como um pastor solitário, avisado pela sua cordeirinha preferida que dois outros pastores planejam matá-la entrega-se à morte com a serenidade dos velhos dacos, vendo nela apenas uma fusão intensificada com a natureza que tanto o encanta.

A morte como condição inerente da vida humana, a morte como reintegração do ser individual no infinito da natureza na outra, estas duas baladas contêm a sabedoria, a sensibilidade artística e estética e as atitudes psicológicas da grande alma coletiva rumena, alma mergulhada no seu mundo de sonhos irreais e irrealizáveis, mundo do qual tira sua fôrça, sua vitalidade, sua ilimitada capacidade de sofrimento e de criação poética, mundo do qual tira sua vida...

falho. Por êsse motivo não houve um lugarzinho para "O Louco".

M. A. A. M. (Rio) — Não foi aproveitado seu "Mistério". O que faltou foi maior poder descritivo. Continue. Aqui estamos.

Erasmo (Rio) — Impossivel publicar seu conto "Lógica de Ferro". Está impróprio para esta REVISTA.

M. F. (Rio) — Fraco o seu "Meu amigo Paulo". Não despertaria interêsse. Mande-nos outro.

E. F. S. (Hamburgo Velho — R G do Sul) — Boa imaginação em seu conto "Dinheiro Maldito"; mas, quanto ao vernáculo, está muito fraco. Quando mandar seus contos, não é preciso juntar ilustrações.

R. M. C. (Andradina) — Cuidado com seu português! Não basta ter imaginação, fertilidade nas imagens; uma linguagem escorreita é tudo. Por isso não pudemos aprovar o conto "O Sósia".

Guido Wilmar Sassi (Lajes, Santa Catarina) — "Serpentinas" foi aprovado. Continue.

T. de A. (Livramento, R G do Sul) — O conto "Arisca" não foi aprovado. As cenas um tanto livres o prejudicaram.

A AGÊNCIA LUX COMPLETOU 22 ANOS

No dia 1.° de Junho festejou seu 22.° aniversário a **Agência Lux de Recortes de Jornais** de que são diretores os nossos confrades Mário Domingues e Vicente Lima. Tendo firmado, de há muito, uma invejável reputação graças à evidente utilidade de seus serviços e à eficiência com que ela os executa, a **Agência Lux** conta atualmente entre os seus numerosos assinantes não só quase todos os departamentos da administração pública federal e estadual, como senadores, deputados, emprêsas industriais e comerciais, associações de tôda espécie, escritores, artistas, etc. A todos êles a **Lux**, lendo e recortando os jornais diários brasileiros, envia diàriamente, reunidos em pastas de fácil manuseio, os recortes que abordarem os assuntos do interêsse de cada um. Com uma grande Sucursal em São Paulo e correspondentes em diversos Estados, a **Agência Lux** tem sua Matriz instalada à rua Buenos Aires, 176. E' com satisfação que registramos o transcurso de seu 22.° aniversário, felicitando, nesta oportunidade os seus dois diretores e quantos com êles militam.

A FÍSICA NUCLEAR NA GRÃ BRETANHA

O Ministério de Abastecimento da Grã Bretanha deu a publico os pormenores do primeiro ano de trabalho com a maior das duas pilhas do Estabelecimento de Pesquisas de Energia Atômica de Harwell, Inglaterra. A pilha começou a funcionar a 3 de julho de 1948, e após oito meses de experimentos iniciais, tinha início a produção de rádio-isótopos, a 28 de fevereiro de 1949. Depois disso, as Divisões de Metalurgia e Engenharia de Harwell desenvolveram um cartucho de urânio aperfeiçoado — um bastão cilíndrico de urânio em invólucro de alumínio capaz de resistir a temperaturas mais elevadas que as até agora usadas.

Quando as provas do feitio estiverem terminadas, os cartuchos aperfeiçoados serão introduzidos na pilha, proporcionando aumento considerável na energia disponível e maior amplitude nos trabalhos experimentais. A pilha está sendo usada para três finalidades principais; (1) a produção rádio-isótopos; (2) estudos dos efeitos dos neutrons e raios gamma sôbre os materiais; e (3) experiências em física nuclear e refração dos neutrônios.

Os rádio-isótopos estão sendo empregados para fins médicos, industriais e de pesquisas, tanto no Reino Unido como no exterior. Realizaram-se inúmeras irradiações especiais, algumas das quais levaram vários meses. A maior foi a do material empregado como fonte de raios gamma, preparado para as experiências da Marinha em maio dêste ano, com o "H.M.S. Arethusa". Esta fonte foi restituída à pilha e equivale atualmente a nada menos de 400 gramas de radium — muito mais do que todo o estoque de radium natural da Grã Bretanha.

Os efeitos dos neutrons e das irradiações gamma sôbre os materiais são estudados pela comparação das propriedades dos materiais, antes e depois da irradiação. Resultam daí informações sôbre os materiais que podem ser usados em outras pilhas — inclusive as que se podem destinar a produzir energia aproveitável — e conhecimentos sôbre as mudanças das propriedades químicas dos materiais tratados. Muitas reações químicas podem ser obtidas pelas irradiações nucleares, das quais a pilha de Harwell fornece ampla fonte.

A pilha é uma fonte complexa de irradiação com grande amplitude de energia em proporções variáveis em diferentes partes da estrutura. Dessa forma, muitas vêzes se torna difícil dizer qual a irradiação que produz um efeito químico observado, ou qual será o resultado das modificações de energia e da intensidade dos raios. Estão sendo realizadas investigações para classificar êsses efeitos, de modo que os resultados possam ser aplicados em outras pilhas.

Na maior parte dos trabalhos experimentais sôbre física nuclear, um feixe estreito de neutrônios é deixado escapar do centro da pilha através de um pequeno orifício na chapa protetora de concreto e aço. Êstes feixes são empregados no estudo das características precisas das várias reações nucleares, tais como o próprio processo de dissociação, muitos detalhes do qual são ainda desconhecidos. Os resultados dêste trabalho conduzirão também ao melhor conhecimento das fôrças que mantêm coesão nuclear.

Publicidade para esta Revista em S. Paulo:

Recebimento de faturas a cargo da "Agência Zambardino"

Rua Capitão Salomão, 67

Telefone: 4-1569

LEIAM

A CENA MUDA

AGORA, em sua mais empolgante fase, contendo sensacionais artigos sôbre

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
JAZZ
TEATRO
HUMORISMO
CARNAVAL

Compre já antes que esgote

EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



A SAÚDE DO BEBÊ

AVITAMINOSE D

DR. SABOIA RIBEIRO

A carência de vitamina D se manifesta na criança segundo uma origem que tanto pode ser alimentar como devido à carência do influxo solar sôbre a pele da mesma.

E' aquela vitamina que condiciona a fixação do cálcio e do fósforo no seu sistema ósseo, dando-lhe a consistência e dureza conhecidas, o que é prejudicado, porém, nas circuntâncias especiais em que a alimentação da criança é pobre de vitamina D ou esta não é convenientemente sintetizada por êle sob a ação da influência solar.

Acreditava-se antigamente que os ossos eram órgãos de constituição definitiva, porém se conhece hoje que o esqueleto é constantemente sede de trocas, ora havendo liberação, ora havendo fixação de cálcio e outros sais minerais.

Quanto ao cálcio, a sua utilização pelo organismo não dispensa a presença da vitamina D no organismo, seja que lhe venha na alimentação quer de uma origem solar.

Presente ela, o depósito de cálcio nos ossos se processa em três etapas sucessivas: Na primeira fase, a albumina cartilaginosa do osso absorve o cálcio; em uma segunda fase, no composto cálcio-albumina disso resultante, fixam-se fósforo e carbono, formando-se um composto albumino-cálcio-fósforo-carbônico; numa terceira e última etapa, ocorre a dissociação do complexo, regenerando-se a albumina do excesso de seus componentes e ficando constituído o complexo cálcio-fósforo-carbônico, que constitui o osso própriamente.

Na criança chega-lhes a vitamina D no leite humano, no de vaca, manteiga, ovos, banana, e mais por via terapêutica ou profilática (principalmente no inverno), pelo óleo de fígado de bacalhau. Esta é a fonte mais rica de vitamina D — o óleo de fígado de bacalhau. Acredita-se que no óleo de fígado de bacalhau a vitamina D é posta em reserva trazida por um pequeno peixe — o *caplan* — de que se nutre quase exclusivamente. Ora, o *caplan*, por sua vez, retiraria a vitamina D ao *plankton*, constituído de uma multidão de sêres marinhos inferiores e algas microscópicas que se tornariam ativas à flor da água sob a influência da luz solar.

No homem, corpos inativos situados na pele (certos esteróis em linguagem química), e talvez no sebum, são também transformados em vitamina D, sob a influência dos raios ultra-violeta solares ou artificiais.

No indivíduo adulto, já constituído definitivamente o osso, a carência de vitamina D não acarreta os danos do esqueleto que se vê na criança, constituindo nesta os aspectos do Raquitismo em tôdas as suas formas.

Daí a necessidade, na criança, de fazer-se a profilaxia do raquitismo, assegurando-lhe ao organismo a vitamina D através de suas fontes alimentar ou solar.

Nos primeiros meses, seus depósitos de vitaminas já trazidos congênitamente e mais a própria vitamina D que vem no próprio leite materno, asseguram a presença de vitamina D apta a exercer seu papel de regulador da fixação do cálcio e do fósforo, formando o osso. Mais tarde, porém, é a exposição da criança ao influxo solar (sol brando das primeiras horas, e até 9 horas), que garante a formação da vitamina D no seu organismo.

No inverno, naturalmente, recorrer-se-á a uma boa fonte medicamentosa de óleo de fígado de bacalhau nos diversos bons preparados tendo-o como base.

Na criança, as lesões típicas do Raquitismo se traduzem em alguns sinais que assestam principalmente sôbre o esqueleto. São êles, entre outros: a fronte proeminente e cabeça volumosa; peito saliente, isto é, com a conformação de pombo; suco de Harrison, depressão circular desenhando-se na parte inferior do torax nos pontos de inserção do diafragma; encurvatura do fêmur, tíbia e perôneo. A curvatura dos lados da coluna vertebral (ciposis), faz parte, muita vez, do quadro do Raquitismo. O abdômen proeminente é outro traço frequente no Raquitismo. O atrazo no fechamento da moleira, outro elemento valioso para o diagnóstico do Raquitismo.

Há uma predisposição manifesta das crianças de côr para o Raquitismo. Será que o sol atua menos bem sôbre sua pele? Será que isto se explique por que muitas pertencem a famílias que vivem mal acomodadas, em casas menos próprias, e até porões, onde o sol mal chega?

Até algum tempo se proclamava que no Brasil não existia o Raquitismo, justamente, devido à abundância de luz solar.

Porém, isto não é verdade: Uma infinidade de crianças (fazemos nossas as palavras de um ilustre pediatra) há que, por mêdo, por ignorância ou por pobreza dos pais, vivem prêsas em casa, em lugares onde não vai o sol, passando muitas e muitas vêzes a maior parte da sua vida reclusas em porões úmidos e infectos, dando ensejo à desordem metabólica que é o Raquitismo.

Por outro lado é preciso levar em conta os gravíssimos erros alimentares, as infecções crônicas, a prematuridade e os fatôres constitucionais da criança, que a predispõem de um modo especial para o Raquitismo.

Tudo isso explica porque, não obstante a intensa luminosidade de que dispomos, a avitaminose D, de origem solar, venha sendo constatada entre nós e até mesmo em algumas formas graves ou típicas.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmim Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super ..	13.00	22.00	30.00
Q. Fluers — Super ..	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super ..	15.00	25.00	35.00
Mitzko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super ...	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super ..	25.00	35.00	40.00
Pretx — Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super ...	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super ..	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super ..	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF ..	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF ..	85.00	105.00	105.00
La Rose Rcugeatre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso ..	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

Provocará essa fotografia alguma crise de ciume em Lee? Não estava sendo Vicky insensata?

ROMANCE NA CHUVA

























MÚSICA

DON PASQUALE

ROBERTO LYRA FILHO

MAIS do que centenária, a partitura de Donizetti ainda não perdeu o brilho e a vivacidade com que brotou da fecunda veia melódica de seu criador. A música, deliciosamente jovial sublinha a comicidade das situações, abrindo, de vez em quando, parêntesis românticos para acomodar trechos sentimentais e delicados, como a serenata que Ernesto dedica à encantadora Norina, no terceiro ato.

Se o operoso regente Santiago Guerra não conseguiu dar à orquestra a limpidez e a leveza próprias para essa amável obra do compositor italiano, em compensação cantores e côro, obedecendo à direção de Emma Leblanc Papin, movimentaram-se com desenvoltura, perfeitamente integrados no espírito alegre da ópera. Bem ensaiado, sem exagêro, o conjunto divertiu a platéia com as aventuras galantes e as cômicas desventuras do ingênuo Don Pasquale e seus maliciosos companheiros.

Encarnando o velho, inflamado por veementes mas tardias aspirações amorosas, Guilherme Damiano empregou com eficiência seus abundantes recursos dramáticos. De cada gesto, de cada atitude extraiu efeitos humorísticos. Sua mímica é sugestiva e rica, desenvolvendo-se num "jeu de scène" no qual se pode admirar a finura na composição do personagem em saborosa caricatura.

Vocalmente à vontade, Damiano demonstrou, ainda, em recitativos nos quais encontrou inflexões adequadas e oportunas, que nenhum dos ângulos do papel lhe escapou, na construção de um desempenho magistral. Desde a satisfação e a exuberância do primeiro ato, até o espanto, a confusão e o desespêro do segundo e terceiro atos — todo o itinerário musical e histriônico, esboçado pelo libreto e comentado pela partitura, foi percorrido pelo artista numa parada triunfal de talento, rumo ao merecido e significativo sucesso.

À altura do trabalho de Damiano, contracenou hàbilmente com êste, o barítono Roberto Galeno, desembaraçado tanto na parte cênica como vocal. Elegância e fluência caracterizaram a sua intervenção em papel conduzido numa linha rigorosa sobriedade.

O soprano Alaíde Briani não dispõe de agilidade comparável com a de Damiano e Galeno. Com elogiável compenetração e demonstrando esfôrço sincero, não comprometeu o equilíbrio do elenco, ainda que parecesse preocupada demais com os agudos, o que lhe prejudicou a espontaneidade do fraseado. Alaíde Briani não deu, também, ao canto um colorido mais rico, que realçaria as suas melhores qualidades. Por outro lado, porém, merece aplausos a sua interpretação consciencioso, vocal e sobretudo dramàticamente escrupulosa e honesta.

Giacomo Glechi, que ouvimos pela primeira vez, demonstrou logo possuir uma voz de rara beleza, quanto ao timbre. Doce, aveludada, garante-lhe um lugar entre os tenores líricos da escola de Schippa ou Tagliavini.

Um tal dom, hoje tão escasso em nossos palcos, deve ser cultivado com carinho. Glechi, evidentemente, ainda não atingiu um superior aperfeiçoamento técnico, nem pode, desde logo, oferecer interpretações no nível dos tenores citados, dois experientes veteranos. Dentro das suas atuais posibilidades, suscetíveis, com tôda certeza, de mais amplo desenvolvimento, Giacomo Glechi já impressiona, pela pureza e suavidade da voz e se apresenta como a mais agradável e promissora revelação da atual temporada.

SENSACIONAL

EU SEI TUDO de Junho

ATENÇÃO ALEMÃES! CAMINHA A ALEMANHA PARA OUTRO DESASTRE? - Emocionante reportagem revelando a dramática encruzilhada em que hoje se encontra a Alemanha, quando, no Ocidente, estão de novo em 1923, com o Govêrno de Bonn, enfrentando um cáos igual ao que favoreceu a ascenção de Hitler ao poder e, no Oriente, voltaram aos dias do totalitarismo de 1933. Enquanto isso, 700 mil votantes germânicos consideram Alfred Loritz (que chamam de Hitler Louro) como um salvador da pátria!

Revelando o Brasil aos brasileiros: Altamira, Estado do Pará

O ENIGMA DE LUÍS XVII (Continuação)

A VIDA DO CRISTO (Continuação)

"SOU UMA BOMBA ATÔMICA!", afirmou a jovem, bela e riquíssima duquesa de Valência, a "inimiga número um" do general Franco ★ Mas vejam como Franco se desforrou, provando que a duquesa era... uma falsa loura!

POR QUE NOS SERVIMOS DA MÃO DIREITA? — Eis o que muitas vêzes temos perguntado a nós mesmos... A ciência também tem feito a mesma pergunta.. e encontrado várias respostas. Você sabe quais são elas?

PARA UM ENVENENADOR... CEM ENVENENADORAS!
— Atenção! Atenção! Tenhamos mais cuidado com as mulheres! Já dizia Fréderic Boutet: "O gesto de deitar a morte num copo é tipicamente feminino". Durante mais de um século o veneno foi o "grande remédio" para as "dificuldades familiares"... Mas, de fato, há arsênico em tôda parte e é bom que todos saibam:
O veneno é arma perigosa, que se volta sempre contra o culpado!

CONHEÇAM A CASA, A FAMOSA JANELA E O TÚMULO ONDE REPOUSOU A GRANDE AMOROSA IMORTALIZADA POR SHAKESPEARE. Após 600 anos, o romance de amor de Romeu e Julieta ainda arrasta e emociona turistas!

ADESTRANDO FALCÕES E AGUÇANDO FLECHAS, OS TIBETANOS SE PREPARAM PARA ENFRENTAR A BOMBA ATÔMICA! Emocionantes revelações sôbre o "País do Grande Segrêdo"!

Dois romances ★ Contos e narrativas históricas ★ Charadas ★ Cartomancia ★ No mundo dos selos ★ Nos domínios da Gramática ★ Memento ★ A Ciência ao alcance de todos ★ Como é fácil saber tudo, etc.

À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS DESTA CIDADE
Pedidos à Cia. Editora Americana ★ Maranguape, 15 ★ Rio de Janeiro

Não poderíamos encerrar êste comentário sem algumas palavras de estímulo e elogio aos figurantes que muito concorreram para o sucesso da ópera. No segundo ato, os dois criados "roubaram" várias cenas, com mímica de irresistível comicidade. E, no terceiro ato, quando os empregados imitam, jocosamente, gestos e atitudes dos patrões, representando, em rápida pantomima, o desespêro de D. Pasquale, a ira de Norina e os impetos apaixonados de Ernesto, os comparsas recolheram bem ganhos aplausos, pela graça e segurança com que aproveitaram essa oportunidade rara, no repertório líquido, para uma participação mais destacada no espetáculo.

O LEQUE

(Cont. da pág. 36)

preta velha, é quem lhe fazia a comida e trazia os remédios.

Como estava mudada! Quase não a reconheceu! Os sofrimentos, por que passara, haviam-na transfigurado! Pálida, abatida, olhos sem vida — sombrios!

Armando acercou-se do leito e tomou-lhe das mãos:

— Elza, minha prima... escuta!... E' preciso que voltes!... Eu creio em ti... És inocente. Êle te perdoará!

Elza olhou para êle e sorriu desoladamente. Armando insistiu. Ela fêz um esfôrço e sentou-se na cama.

— Então?!... — perguntou êle.

— Não!... Não voltarei mais; nunca mais!

— Mas é preciso!... E teus filhos?!

Elza escondeu o rosto entre as mãos, com um soluço de dor.

★

Armando voltou no dia seguinte. Esperou de encontrar a prima restabelecida da crise anterior: um pouco mais calma, para pôder conversar melhor; a febre, porém, aumentara-lhe durante a noite. Elza delirava, chamando pelo marido e os filhos; pedia o leque, ria!

A voz do primo fê-la voltar a si. Entreabriu os olhos:

— Armando... ouve... quero falar-te... tudo... tudo...

A voz era fraca, entrecortada, quase sumida; fêz um movimento para erguer-se, mas caiu prostrada.

— Elza! Elza! — chamou o primo.

Nesse momento, entrava o médico. Tomou o pulso da enferma, por alguns instantes; depois, abrindo os olhos, muito espantado curvou-se sôbre ela, auscultando-lhe o coração. Já não se lhe ouvia bater. Estava morta!

★

Elza levou para o túmulo a verdade daquele leque! E hoje, quando se lembra disso, Armando sente um arrepio...

ALMA RUMENA

NATUREZA, SENTIMENTO E ARTE ★ DÁCIOS E ROMANOS, OS ANCESTRAIS ★ LENDAS E FOLCLORE

Texto de ALEXANDRE HORTOPAN

RAIOS de ouro incandescente caindo em chuva luminosa sôbre a majestade serena de velhas montanhas cobertas de neve, tumultuoso gemido de águas precipitando-se em cachoeiras selvagens sôbre rochas abruptas, orgulhosa melodia da selva carregada de sonhos e de mistérios, infinito esplendor da planície ondulando seus trigais dourados à carícia do vento, tímidas aldeias escondidas aos pés das colinas cobertas de pomares, velhas fortalezas em cujas ruínas parecem ainda vibrar as almas dos guerreiros de outrora, eis a Rumânia, a remota e esquecida Rumânia perdida lá, no mapa colorido e sempre modificado da velha Europa.

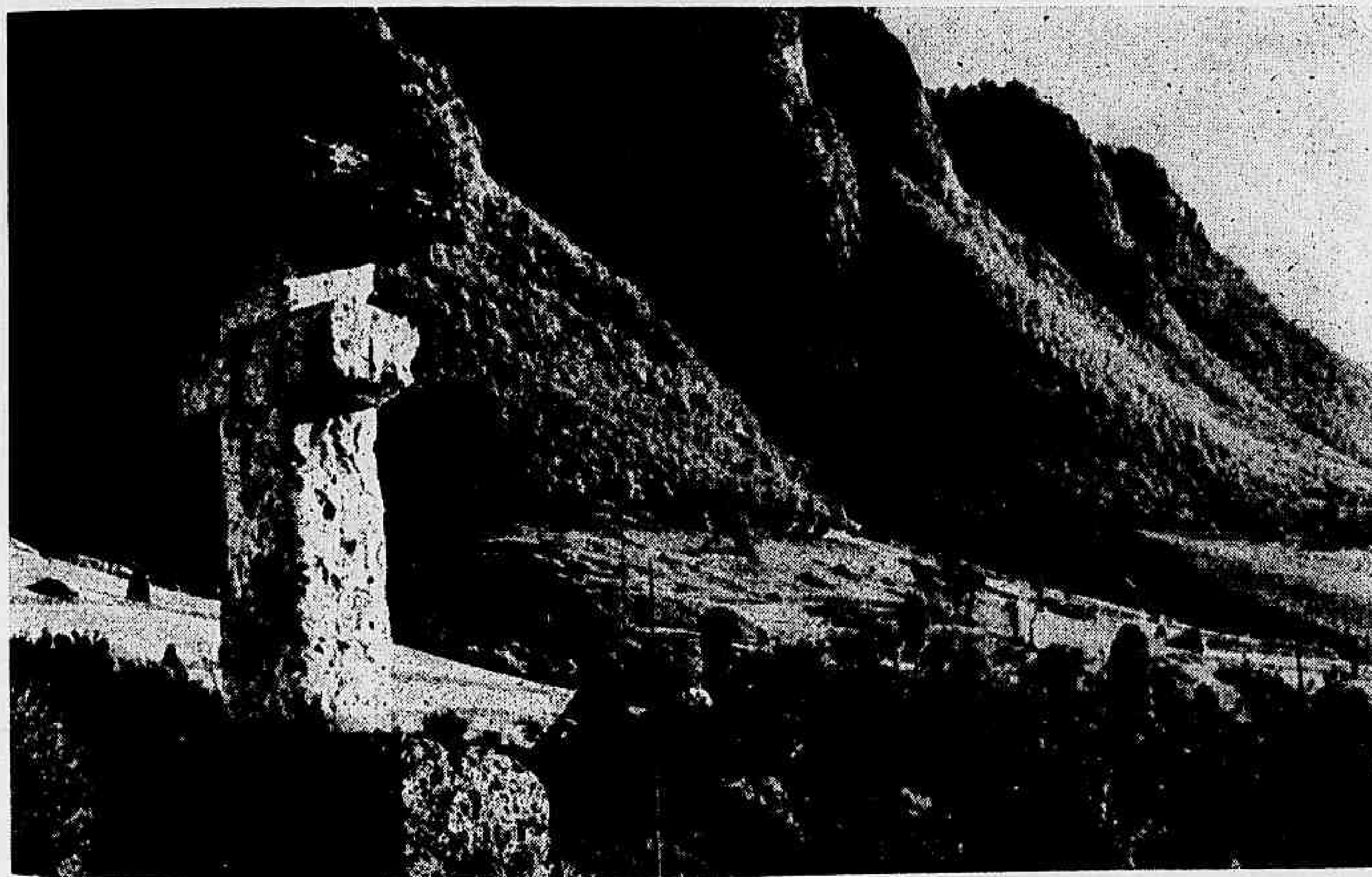
Encruzilhada de povos e de destinos, tôdas as tempestades da história haviam de fazê-la estremecer. Pequeno país repleto de riquezas, teve de sofrer a cobiça dos vizinhos desde os longínquos dias nos quais o ouro dos Carpatos ocidentais atraiu as legiões dos Césares romanos que, em mais de cem anos de lutas implacáveis, conseguiram conquistar a orgulhosa Dácia, cujos guerreiros ferozes e corajosos eram tão conhecidos no mundo antigo pelo seu selvagem desprêzo da morte como o eram suas mulheres pela sua deslumbrante beleza e seu inflexível coração.

E foi da mescla dêstes dois povos valiosos e tão diferentes que nasceu o rumeno, povo de pastores e de camponeses, sereno como os cumes cintilantes das suas montanhas, trabalhador e faminto de aventuras e de progresso como seus ancestrais romanos, misticamente artista e sonhador como os velhos dacos, cuja fé na vida do além não tinha limites.

O rumeno vive mais no sonho que na realidade, realidade que sempre lhe mostrou o que tinha de mais cruel e de mais dolorosamente adverso. Com os séculos choveram as invasões e as guerras. Sua história é uma interminável cadeia de lutas sangrentas e desiguais, de esforços super-humanos mantidos até ao máximo das suas fôrças esgotadas, de sofrimentos agudos e de desenganos, de ídolos e ideais caídos, arrastando com êles as mortas e patéticas esperanças dêste povo em cujo coração meigo e generoso, infantilmente honesto, vive, eterna e eternamente amada, a deliciosa loucura duma grande ilusão.



O rumeno vive mais no sonho que na realidade, refletindo um amor profundo à natureza, inclusive no modo de trajar.



Ao longe, a tempestade... e, à beira do caminho, enfrentando a tormenta, uma humilde cruz votiva abre seus braços de fé e esperança. Selvas infinitas, velhas montanhas, e uma cruz, alma das coisas, alma humana e dolorosa da natureza.

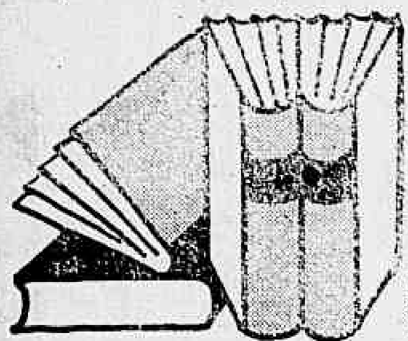


Ilusão de um mundo melhor e mais justo, dum paraíso perdido e novamente encontrado; ilusão da divindade como único e supremo confôrto do homem atormentado pela vida, divindade que se confunde no inconsciente dêstes homens simples da raça rumena com o próprio sentido da beleza, desta beleza a quem todo rumeno dedica um culto especial, sentindo-a vibrar e chamar dentro de si mesmo com a voz imperiosa duma predestinação.

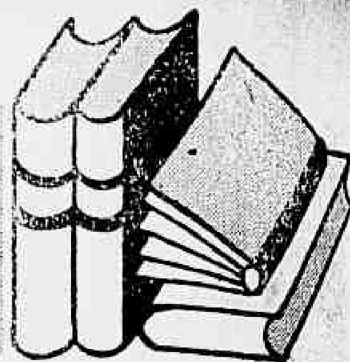
E os montes e os vales, as planícies e as praias, os rios e as colinas em redor dela parecem ter compreendido a sua angústia. Em poucas partes do mundo a natureza deu ao homem tanta profusão de selvagem e colorida beleza. A paisagem rumena tem algo de infinito e de infinitamente humano. Desde a lagoa serena, cujas ondas preguiçosas apenas respiram num delicado sôpro de crepúsculo até ao selvagem tormento do Mar Negro, que grita aos céus sua indomável paixão, a natureza rumena vive, vibra e sente com o seu povo, e êste integra-se no radiante e áspero esplendor dela, amando-a como amaria a personificação dum ideal sagrado, como amaria o supremo confôrto dos braços maternos. Vem, com a admirável e singela ingenuidade da sua alma de criança confiar-lhe suas penas, suas alegrias. Vem buscar nela a possível realização do seu mundo ideal, ou, melhor ainda, o caminho que há-de levá-lo às portas dêste mundo inatingível. Sente-se uma com êle — lhe pertence integralmente e a sente inteiramente sua, e, talvez, a confunde um pouco com a morte, se não a desintegração da personalidade individual como tal, sua volta irremediável para a natureza e a divindade, talvez essa mesma um símbolo abstrato da natureza, do eterno sublime da natureza?

Tôda a arte rumena reflete êste amor à natureza, esta identificação do homem com ela, desde os trajes típicos com os seus bordados altamente estilizados e as suas igrejinhas de madeira, cuja tôrre sobe como uma flecha para o céu que parece querer atingir, desde os maravilhosos tapêtes tecidos pela camponesa como os mesmos motivos geométricos que não são outra coisa senão a sublimação dalguma paisagem, até a meiga e empolgante tristeza que chora nos acordes da doina, da velha doina milenária, doce melodia de ternura, saudades e renúncia na qual vivem tôdas as mortas esperanças, tôdas as paixões vencidas, todos os sonhos desmoronados dêste povo de poetas e de pastores. Há nela o ritmo monótono e pa-

(Cont. na pág. 44)



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

CHIANG SING
Por GABRIELA DANTÉS



A poetisa Chiang-Sing, cujos versos, cujos livros, despertaram tanto interêsse e que nos promete para breve um novo relicário de poemas à feição do Oriente, aparece aqui ao lado de seu belo retrato feito por Gabriela Dantés.

Entre os grandes pintores estrangeiros que têm visitado o Brasil, destaca-se o nome de Gabriela Dantés, a pintora uruguaia que há tempos radicou-se no Rio. Gabriela Dantés é uma artista espontânea e intuitiva. Fêz seus primeiros estudos no Círculo de Belas Artes de Montevidéu, tendo depois embarcado para a Europa, a fim de aperfeiçoar a sua arte. Percorreu durante vários anos a Itália, França, Inglaterra e Espanha, pintando e observando a técnica dos grandes mestres. Sua pintura encanta e comove pela luminosidade e colorido. Possui a intuição alta do artista verdadeiro, oferecendo em seus quadros a óleo ou pastel, temas precisos, harmoniosos e impressionantes. Êste retrato de Chiang Sing, a suave poetisa do Celeste Império de há 4 mil anos, cuja personalidade exótica, Gabriela soube fixar na tela com rara percepção artística, bem demonstra o valor da pintora. Êste quadro figurará na exposição que Gabriela Dantés inaugurará em junho no Museu de Belas Artes, a qual inclui também motivos brasileiros, marinhas e retratos de pessoas da sociedade carioca.



A RESPEITO DA BIOGRAFIA

Um dos aspectos mais interessantes da biografia é a sua impossibilidade de exatidão. As vidas notáveis que lhe fornecem assuntos chegam-lhe desfiguradas e transfiguradas através de testemunhos tendenciosos que mil circunstâncias comprometem mais ainda.

A verdade biográfica... Em uma personagem de romance, por exemplo, de Balzac, da galeria da humaníssima «comédia humana», há maiores probabilidades de verdade que, suponhamos, em Napoleão, sobretudo no Napoleão «romancée», onde o autor não pode fugir à sedução da figura, nem ao seu propósito de «inventar», ainda que consiga manter seu centro de equilíbrio e tôda a necessária discrição de estilo. Como acontece na pura ficção, também na biografia, o autor é envolvido pelos acontecimentos, só podendo regê-los até certo ponto.

A respeito da verdade contingente da biografia e da capacidade convincente da ficção, há aquela anedota do mesmo Balzac que, interrompendo uma conversa sôbre os acontecimentos do dia, se voltou para Jules Sandeau, e disse:

— Muito bem, meu amigo, mas voltemos aos fatos, falemos de «Eugenia Grandet»...

A verdade biográfica. Em seu excelente livro, «Nova Concepção da História», o sr. Rodrigues Vale fornece-nos u mnotável estudo sôbre o que êle chama a influência do pragmatismo na história, êsse estado de espírito que conduz às extravagâncias do senso crítico:

«A história — diz êle — gravando as características de uma figura de destaque, comumente a modifica ao sabor do cérebro de cada historiador e, no correr dos tempos, os apanágios de tal figura, a princípio diversos, vão-se assemelhando, vão-se acordando, para formar uma personalidade completamente distinta da verdadeira» — ficando essa figura, por fim, com algo de cada um que a descreve.

Anatole France, aliás, era cético quanto à verdade histórica e, sentindo-se incapaz de fazer uma descrição completa de fatos passados às suas vistas, concluía que os historiadores, de Suetonio a Michelet, são puros contadores de fábulas. Fábulas: quem de resto tem razão é mesmo o fabulista, é La-Fontaine, mostrando-nos como o êrro vai tomando vulto à medida que passa adiante.

A MORTE DE HAROLD LASKI

Faleceu em Londres, a 24 de março, o famoso teórico do socialismo inglês, Harold Laski, um dos grandes líderes do pensamento político de nossa época, e o dirigente intelectual do Partido Trabalhista britânico. Harold Laski nasceu em Oxford, em 1893, e descendia de uma família de origem húngara. Estudou na Universidade de Oxford, ingressando em 1920 na Universidade de Londres como reitor. Lecionou Ciências Políticas na mesma Universidade e ainda nas de Mogill, no Canadá, e nas de Harvard e Yale, nos Estados Unidos. Iniciou sua carreira política como liberal, mas ao regressar de sua viagem à América, filiou-se ao movimento «fabiano» inglês e dedicou-se de corpo e alma ao socialismo democrático. Colaborador de vários jornais inglêses(entre os quais o «Manchester Guardian», o «Dailly Herald», e o «New Statesman and Nation» deixou também vários livros publicados, entre os quais citaremos: «Gramática Política», «Os Direitos do Homem», «O Liberalismo Europeu», «Reflexos sôbre a Revolução de Nossa Época» e «Fé, Razão, Civilização» de 1943, êste último traduzido e publicado no Brasil.

Laski desaparece aos 56 anos, após uma carreira intelectual e política das mais fecundas e brilhantes.

O RELOJOEIRO DO CORAÇÃO



«Les Nouvelles Litteraires» está publicando uma série de caricaturas de escritores célebres sob a epigrafe — «A legenda das letras». Dessa série é o Marivaux que vemos acima, numa «charge» de Ren, apresentado como — «o pequeno relojoeiro do coração».

PROXIMAS EDIÇÕES

Já estão anunciadas as próximas edições de «Fogo Morto», romance de José Lins do Rêgo, 3.ª edição; «Pequenos Poemas em Prosa», de Charles Baudelaire, tradução de Aurélio Buarque de Holanda, Coleção Rubaiyat; «A Grande Cidade», romance de Edmundo Amaral; «Sol Pôsto», romance de João Clímaco Bezerra; «Moby Dick», romance de Herman Melville, tradução de Berenice Xavier, Coleção Fogos Cruzados, o maior romance da literatura norte-americana, colocado por Somerset Maugham entre os dez maiores da literatura universal; «Cancioneiro do Amor», antologia da poesia amorosa brasileira, por Wilson Lousada — arcades, românticos parnasianos, simbolistas e contemporâneos. Coleção Rubaiyat; «Homens e Multidões», ensaios de Lourival Fontes.

GALERIA DE CELEBRIDADES



MAURICE MAETERLINCK, o grande poeta belga cuja obra permanecerá acima do tempo e dos figurinos. Esta é uma rara fotografia do poeta, cujos retratos geralmente conhecidos são apenas de busto. Aqui o vemos ao tempo triunfal de "Pelleas et Melissande", obra que basta para sua consagração, em que pese a revisão um pouco despeitada dos seus mais recentes necrologistas

ARTE DE ILUSTRAR



Uma sugestiva ilustração de Lasar Segall.

O CENTENARIO DE "A LETRA ESCARLATE"

Comemorou-se no mês de abril, nos Estados Unidos, o centenário da publicação de "A Letra Escarlate", de Nathaniel Hawthorne, um dos romances mais justamente célebres da literatura americana, traduzido e publicado já no Brasil.

Em abril de 1850, os editôres Ticknor & Field, apresentavam ao público "A Letra Escarlate", a primeira obra em que a literatura americana alcança um nível realmente universal, quer no plano artístico quer no plano simplesmente humano. "A Letra Escarlate" já representa a maturidade de uma literatura, o seu triunfo, a sua equiparação às demais do século XIX. Nos Estados Unidos, em comemoração a essa data profundamente significativa, foram programadas várias homenagens à memória de Hawthorne, a cargo de um comité no qual figuraram diversos escritores de renome, entre os quais Mark Van Doren e Van Wick Brooks; descendentes do próprio romancista — Hildegarde e Manning Hawthorne, jornalistas, professôres universitários, etc. As comemorações incluiram a dramatização televisionada do famoso romance, além de outros atos igualmente significativos para a glória e divulgação do nome do escritor.

No Brasil, "A Letra Escarlate" já se encontra em segunda edição, na excelente tradução de Sodré Viana, o saudoso escritor brasileiro.

POEMAS JAPONESES MODERNOS

(De *Namura Osiwa*)

Tua voz quanto mais baixinha
Mais desperta os sentidos.

★

Nasceste para ser chamada: filha.
Por isso és deliciosamente mãe.

★

A lua escondeu-se, acanhada de teu corpo:
Nunca a floresta se iluminou tanto.

★

Repousaste num velho e enodoado tapête
Passou um bonzo e o levou para o altar.

★

Teus lábios dizem tudo
Quando não se entreabrem.

★

Eu não sou bom, não.
Tenho ânsia de furar os olhos de todos
[os homens.

★

Não precisas ter mêdo.
A panóplia de teus dentes te torna in-
[vencível.

FORA DO PRELO

SOL NA MONTANHA

Oliveira Ribeiro Neto é já um poeta consagrado, cujo mérito seu mais recente livro, "Sol na Montanha" (Livraria Martins Editôra, São Paulo) vem abundantemente confirmar. Qualquer dos poemas dêste volume nos traz o consôlo de um novo encontro com o mistério da poesia. E, o que é mais, nos revela um cantor já seguro de sua personalidade, cuja forma atingiu àquele estado de depuração das palavras, no sentido da descoberta das expressões insubstituíveis — como na síntese da arte poética de que há pouco nos falou Paul Geraldy.

Oliveira Ribeiro Neto é um lírico, mas sua poesia não se volta sempre para o idílico. Nesta obra, sobretudo, êste amoroso alarga seus horizontes e percorre, na sua enternecida viagem, caminhos mais largos, encontrando na paisagem muitos motivos de enternecimento, menos subjetivo e menos romântico do que em seus poemas anteriores. Aqui é que êle se renova, com um repertório de motivos que o conduz a outras paragens do seu universo poético. Dir-se-ia que o poeta vai amadurecendo nêle e, sem nada perder de seus acentos de ternura, da delicadeza e do requinte com que nos falou de amor, em apaixonado e doce lirismo, descobre em redor, fora de seu coração, outros temas de inspiração. O mundo exterior não é mais apenas cenário de sua aventura lírica. Passa a conter sugestões precisas que comovem seus olhos. As criaturas, os acontecimentos se precisam diante dêle e, assim, abandona a encantada monotonia do culto mussetiano da dor amorosa dos "chants desesperées", que, aliás, nêle, nunca foram tão desesperados, antes sempre se repassaram de delicadeza e discreção, vasados em entretons mais gratos à sua maneira pessoal de versejar.

Embora em "Sol na Montanha" volte de vez em quando o tema idílico, o "lirismo namorador" certa vez abjurado por Manuel Bandeira — aqui, Oliveira Ribeiro Neto já denuncia a maturidade de seu espírito, pela segurança da forma, variada e pertinente a cada assunto, pelo acento filosófico que marca muitos de seus momentos líricos, como no primeiro poema do livro, onde êle se confessa:

"mas o céu no fulgor dos seus
[dedos de aragem
aponta no meu peito a paz in-
[terior."

E' essa paz interior a que o poeta atingiu, no alto da montanha, de onde pode descortinar um mais largo panorama, que encontramos nestes versos de beleza e de pensamento.

★

A CARICATURA, ARMA SECRETA DA LIBERDADE

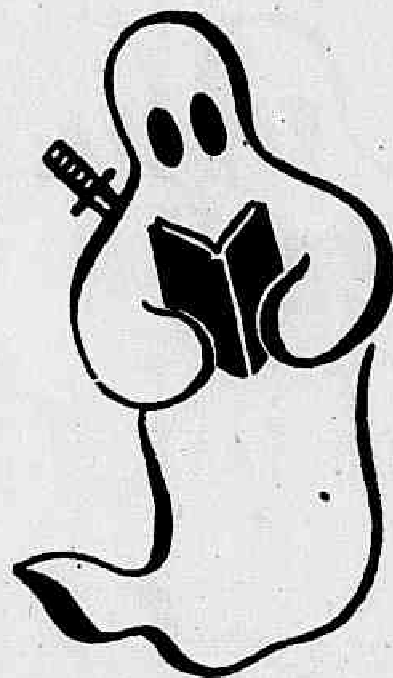
Vem de ser publicado, como separata da revista "Cultura", por iniciativa do Serviço de Documentação do M.E.S., em belo trabalho gráfico da Imprensa Nacional, o estudo que Herman Lima dedicou à caricatura — "A Caricatura, arma secreta da Liberdade". Todos os que não tiveram a oportunidade de ler êsse estudo na primorosa revista do Serviço de Documentação, agora podem conhecê-lo neste opúsculo, com ilustrações bem escolhidas que sobremaneira enriquecem o texto.

Herman Lima abre seu estudo com uma justificação de sua presença neste departamento artístico. Foi bem que o escritor já consagrado na nossa ficção, como dos mais fortes contistas do Brasil, que nos deu livros de viagem dos mais significativos no gênero, se considerasse obrigado a isso. Diz êle que tem se interessado pelos estudos da caricatura, por que, também, antes de se tornar escritor, foi caricaturista. Com isso, explica sua contribuição inestimável ao estudo da caricatura entre nós, onde tal assunto, à parte o que nos deram Alvarus e Rubem Gil, tem interessado muito pouco.



O fato de Herman Lima ser também caricaturista, embora tenha depois se afastado da atividade — é relevante em benefício dêsse tão abandonado setor das artes plásticas. Assim, êle junta à sua obra o conhecimento técnico do assunto a que o escritor serve com um sensível interêsse e, mais, com um amor confessado.

Êste estudo pode ser dividido em duas partes. Na primeira, onde Herman Lima explica suas ligações, seus "premiers amours" com o humorismo, dá-nos êle uma interessante e erudita notícia sôbre as atividades caricaturescas de escritores, desde Baudelaire e Musset, até nossos Raul Pompeia e Aluísio de Azevedo. Cita Herman Lima os desenhos de Victor Hugo, hoje reunidos na "Maison de Victor Hugo", naquela linda e silenciosa Place des Vosges, na casa em que o poeta residiu e onde pudemos admirá-los há pouco, entre tantas lembranças do poeta dos "Chatimants". Refere-se mesmo àquela impressionante "Tôrre dos Ratos" que "só um êmulo



de Claude Lorrain poderia assinar". Pois, ao lado dessa "Tôrre dos Ratos" lá encontramos uma verdadeira caricatura, assinada por Victor Hugo e com a legenda "Le Char de la Monarchie", o que vem provar não apenas a capacidade plástica do mestre, mas, ainda, seus pendores para o humorismo.

A segunda parte da obra de Herman Lima é a biografia da caricatura, através dos tempos, feita com documentação e brilho pelo escritor de estilo tão pessoal e vivo, numa admirável achega que é, desde já, indispensável a quantos queiram tratar dêste assunto. E, isso, no sentido de mostrar a fôrça social e humana da caricatura que, desde sûas origens, tem sido uma arma secreta e poderosa, na luta pela liberdade.

★

ACONTECEU EM NOSSA TERRA

Murilo Araújo vem de publicar "Aconteceu em Nossa Terra" (Pongetti, Rio), um belo volume de pequenos e lavorados estudos históricos, com ilustrações de Israel Cysneiros, a que o autor chama — "pequenos casos de grandes homens".

Murilo Araújo tem últimamente se dedicado à obra de educação da juventude, através seus livros mais recentes. Esta, que apresenta o grande Roquette Pinto, se destina, também, à informação e ao enriquecimento da cultura da mocidade. Dedicando-a a Vieira Fazenda, um pioneiro da investigação histórica entre nós, Murilo Araújo paga merecido tributo a quem, no convívio dos alfarrábios e na poeira dos arquivos procurou tão pacientemente reconstituir o passado brasileiro. Seu legado é tanto mais notável, porque inspirou a continuação da obra de tão alto merecimento, como no caso dêste poeta que, com a generosa lição, nos dá agora o resultado de seus esforços no sentido de apresentar fatos e figuras de nossa pátria, sob os ângulos atraentes da história romanceada, essa história anedótica e pitoresca que, diga-se de passagem — não merece o mal que dela se tem dito. A atração do romanesco e a síntese expressiva da anedota dão-nos, com a informação brilhante e com o traço caricatural e humano, o interêsse dos fatos e dos vultos da história. Obras dêsse gênero deviam mesmo ser mais abundantes, sobretudo num país como o nosso. Paulo Setúbal fêz muitíssimo pelo conhecimento de nosso passado, com seus belos romances históricos, agora justamente reeditados. O exemplo dos romancistas franceses, como Alexandre Dumas, não pode ser esquecido: "Os Três Mosqueteiros" têm feito muito pelo conhecimento da bela história da França. A André Maurois, com suas biografias romanceadas, de Byron, de Shelley, de Disraeli, quanto não devemos, no mais amplo conhecimento da Inglaterra, de sua cultura e de seu gênio?

A juventude entre nós tem sido deseducada pelo cinema e pelo rádio de maneira confrangedora. Principalmente porque essas técnicas de prodigiosa fôrça educativa não apenas lhes dão subprodutos da inteligência em escala gigantesca, mas, por que desabituam da leitura e do amor dos livros que as gerações anteriores, talvez mais felizes, conheceram. E, por isso, cada vez escasseiam mais obras de literatura para a juventude, sobretudo obras sérias, de sentido educativo, bem escritas por autores nossos e versando sôbre assuntos brasileiros. O *cocacolismo* não é apenas uma colonização econômica, mas, principalmente, intelectual e moral, criando o hábito do "drug store", sem as compensações que a organização do ensino, nos Estados Unidos, oferece à mocidade. Entre nós, êsse mal vem sòzinho, agravado por fatôres outros como o baixo nível da instrução, o desconfôrto domiciliar, a falta de bibliotecas e de museus, de colégios gratuitos, etc. Assim, o bar, entre nós, sob a égide das lindas garôtas dos cartazes de refrigerantes, é mais um caminho — e largo — para afastar a juventude do convívio dos livros, cada vez mais caros e inacessíveis.

Obras como esta de Murilo Araújo, onde cada fato é narrado com vivacidade, com verdade e com poesia, ajudam ao conhecimento da história e nos levam ao passado brasileiro de maneira amena e emocionante, trazendo-nos, vivos, nos seus traços essenciais, os grandes homens a que devemos nossa formação e nossa civilização. Murilo Araújo não se deteve no já esmiuçado. Êle também quis trazer sua contribuição pessoal à galeria de nossos antepassados e aí está o belo perfil que nos apresenta no artigo "O Bandeirante do Espírito" — sôbre Alexandre de Gusmão.

"Aconteceu em nossa terra" apresenta os homens através de breves e significativos episódios, de onde êles surgem vivos e inesquecíveis. São páginas curtas e bem escritas, claras e simples de estilo, que lemos com o interêsse que nos despertam as obras de ficção e, mau grado nem sempre possamos concluir de acôrdo com o autor, tôdas elas nos deixam uma impressão profunda, capaz de conduzir-nos ao mais largo conhecimento dos assuntos — traço ideal nas obras dêste gênero.



CINEMA INGLÊS

VERDUGOS

A Justiça, que encerra em si a ciência penal, criada pelos homens para corrigir e principalmente punir os erros dos próprios homens, numa tentativa de impor-lhes um caminho, a que chamamos Direito, é, desde remotas eras, um amontoado de regras, as leis, que vieram se aperfeiçoando através dos tempos, e, mais do que isso, se adaptando à evolução do pensamento. Tudo convencional feito para reger o que é humano, portanto imperfeito, e, como tal, sujeito também a errar. Sim, a Justiça também pode errar. Ela é cega, isto é, imparcial, não devendo tomar partido a favor de ninguém, a não ser do Direito, mas quanto julga vê através dos olhos dos homens,





que, por aceitarem só o que é compreensível pela natureza humana, podem ser sugestionados por circunstâncias agravantes, e cometer o êrro de condenar um inocente.

E' o caso de Masterick, cujos passos para o crime foram seguidos por várias testemunhas que viram a vítima desaparecer nas águas turvas do Tamisa. Condenado pelo júri, passou quinze anos na cadeia, enquanto sua suposta vítima retornava à vida com outro nome. Após cumprir integralmente a pena, Masterick leva à presença do juiz que o condenara o homem que deveria estar morto e por cujo assassínio êle pagou quinze anos de prisão. Portanto, se o fizer desaparecer de verdade, desta vez o tribunal não o poderia condenar uma segunda vez pelo mesmo crime. Mata o causador de tôda a sua tragédia e deixa a Justiça num dilema sem solução. Como deverá se comportar o tribunal? Deverá condenar o culpado por um crime pelo qual já pagou com quinze anos de sua existência?

Filme, sim, é a história de um filme; mais um trabalho inglês de psicologia. Ficção, mas bem poderia ser realidade, pois a vida nos conta vários fatos iguais na história do Direito dos homens. Impressionante desempenho de todo um elenco que deixará os espectadores presos a uma dúvida durante muito tempo. William Hertnell, no difícil papel de Tom Masterick, secundado por Maire O'Neill, Dinah Sheridan, Chili Bouchier, John Slater e Wylie Watson. Será uma das próximas distribuições da Telefilmes do Brasil.



WEEK-END NA LUA

"CHEGAMOS HOJE MANHÃ VENUS PT MANDEM OXIGENIO E COMBUSTIVEL PARA VOLTA"

Texto de WOLF KNEIP

HÁ muitos sábios sérios que consideram o problema das viagens interplanetárias verdadeira idiotice. Apesar disso os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França interessam-se pelos trabalhos das sociedades interplanetárias.

Assim os americanos conseguiram, no deserto do Novo México, aperfeiçoar consideràvelmente a técnica da V-2 alemã. Conseguiram, por meio de dois foguetes emparelhados, atingir a altura de 400 km com a velocidade incrivel de 8.000 km por hora. O próximo passo, livrar o foguete da fôrça de atração da terra, já está dentro das possibilidades da técnica humana. O plano para tal foguete está pronto.

Calculou-se que um objeto, para vencer a fôrça de atração da terra, terá que desenvolver a velocidade minima de 40.000 quilômetro por hora, ou seja, 11 km por segundo. 370 toneladas deverá pesar a nave, segundo cálculos cientificos, para furar a atmosfera que envolve nosso planeta. Êste veiculo utópico consiste de cinco foguetes, dos quais todos serão abandonados, logo que acabar seu combustivel. O último foguete, a nave pròpriamente dita, seria impelida através do espaço com o último impulso e continuaria a voar sem combustivel.

O VÔO PARA A LUA

A nave interplanetária será, depois da partida, dirigida para o ponto em que estará a lua dai a quatro dias. Êsses quatro dias representam o tempo previsto para vencer mais de 384.000 km, que é a distância entre a terra e a lua. Os problemas que se apresentam com a presença de pessoas a bordo, são muitos. Os passageiros precisarão ser protegidos contra a velocidade progressiva do foguete. E' que o foguete não precisa mais de 8 minutos para livrar-se da fôrça de atração da terra e de sua atmosfera. Só no fim dêsses 8 minutos o foguete atingirá a velocidade de 11 km por segundo. Essa viagem de 8 minutos através da atmosfera fará com que, pelo atrito, a camada exterior do foguete fique em brasa. Apresenta-se, então, aos engenheiros a necessidade de construir a cabine de passageiros de tal modo que lá continue uma temperatura suportável.

Mesmo que a pressão do ar permaneça a mesma no interior da cabine, os passageiros sofrerão consequências ainda não inteiramente conhecidas.

OS PASSAGEIROS FICARÃO COLADOS NO TETO

O viajante do espaço, caso não se amarre no seu assento, flutuará na cabine. Se quiser beber, a água não correrá. Agitando a garrafa d'água, o liquido formará pequenas bolas que flutuarão no ar como bôlhas de sabão. Querendo pegar um lápis e tocando-o com a mão, êste voará na direção do impulso, contra a parede da cabine. Desejando dormir, terá que se amarrar na cama. Qualquer movimento representará esfôrço considerável. Pròvàvelmente durará mais de 12 horas até que a fôrça de atração da lua se manifeste, fazendo com que lápis e água caiam no chão. Os engenheiros pensam enfrentar essa dificuldade, dotando o foguete de certa rotação. Meia tonelada de oxigênio deverá suprir as necessidades dos passageiros, mas, ter-se-á que inventar um sistema de ventilação para eliminar o ar espirado, senão êste ficará, por falta de fôrça de gravidade, flutuando ante os rostos dos passageiros.

A NAVE DO ESPAÇO SOB BOMBARDEIO DE METEOROS

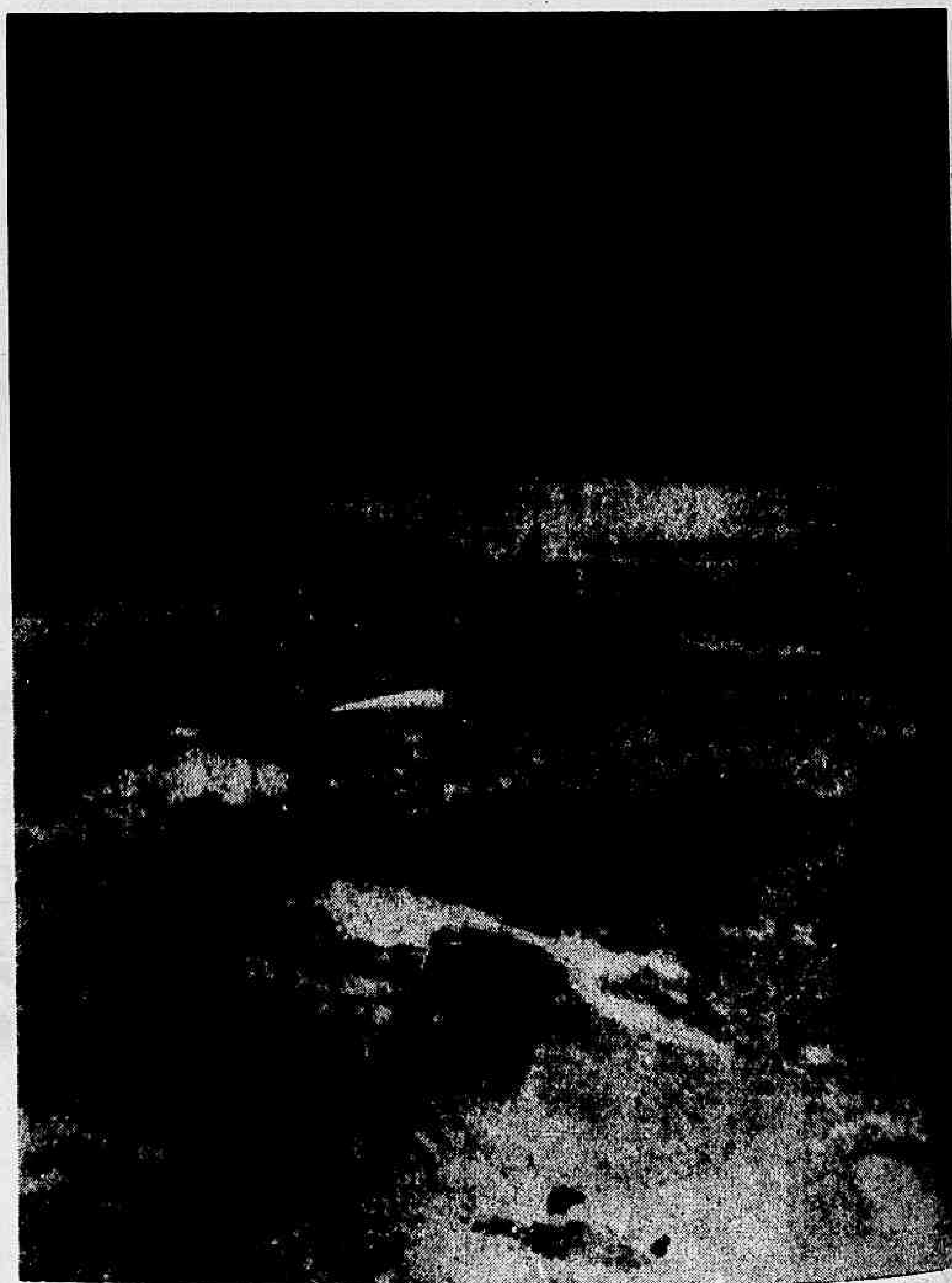
A necessidade de proteger o foguete contra os raios cósmicos, os quais no espaço não serão filtrados, como na terra, pela camada de ar; o risco de encontrar um dos milhões de diminutos meteoros que circulam no espaço, representam igualmente grandes dificuldades.

A aterrissagem na lua não é, por enquanto, projeto da navegação interplanetária. Pretende-se, primeiro, explorar o lado da lua que não foi visto ainda por nenhum ser humano. Viagens para outros planetas, Marte, Saturno ou Vênus são, ainda, um longinquo sonho. Para a viagem até Marte necessitar-se-ia cêrca de 200 dias, até Júpiter 2.000 dias e até Plutão, o mais afastado planeta do sistema solar, seriam precisos 60 a 70 anos. Talvez, um dia, o motor atômico permita reduzir as distâncias do nosso sistema planetário.

DIFICULDADES DE UM FOGUETE INTERPLANETÁRIO

Se fôsse possivel mandar um foguete tripulado, através do espaço, sua camada exterior ficaria em brasa e é duvidoso se será possivel isolar a cabine dêsse calor. Juntamente com êsse isolante, o foguete necessitaria de uma grossa camada metálica para proteger os viajantes do bombardeio mortal de raios cósmicos. Precisará ter defesa também contra os milhões de meteoros que percorrem o espaço com incrível velocidade e seriam capazes de esmagar o foguete. Como reagiria o organismo à falta da fôrça de gravidade?





FANTASIAS DA NAVEGAÇÃO INTERPLANETÁRIA

Segundo as mais diversas narrações desembarca-se do foguete na lua ou outro planeta qualquer, como se a viagem tivesse sido do Rio para São Paulo. Não se leva em conta as condições atmosféricas completamente diferentes. Ou a atmosfera é inexistente ou então é tão venenosa que a inspiração significará morte. Muitas toneladas de combustivel são necessárias para impulsionar o foguete na terra. Mas de onde o foguete obterá combustível suficiente para livrar-se da fôrça de atração exercida pelo planeta em que está? O planeta visitado deveria ter o mesmo tamanho da terra, ter idênticas condições atmosféricas e sobretudo possuir um pôsto de abastecimento para suprir do combustível necessário para a volta.

QUAL SERÁ A APARÊNCIA DOS PLANETAS VIZINHOS?

Seria temerário acreditar-se que nosso planeta seja o único no universo, com seus milhões de sistemas solares, a possuir sêres vivos. Como se a terra fôsse um produto ocasional da natureza, criado sob capricho de um momento favorável. Também a idéia de que a natureza move inúmeros sistemas planetários no espaço sem nenhum sentido, não pode mais ser aceita hoje em dia.

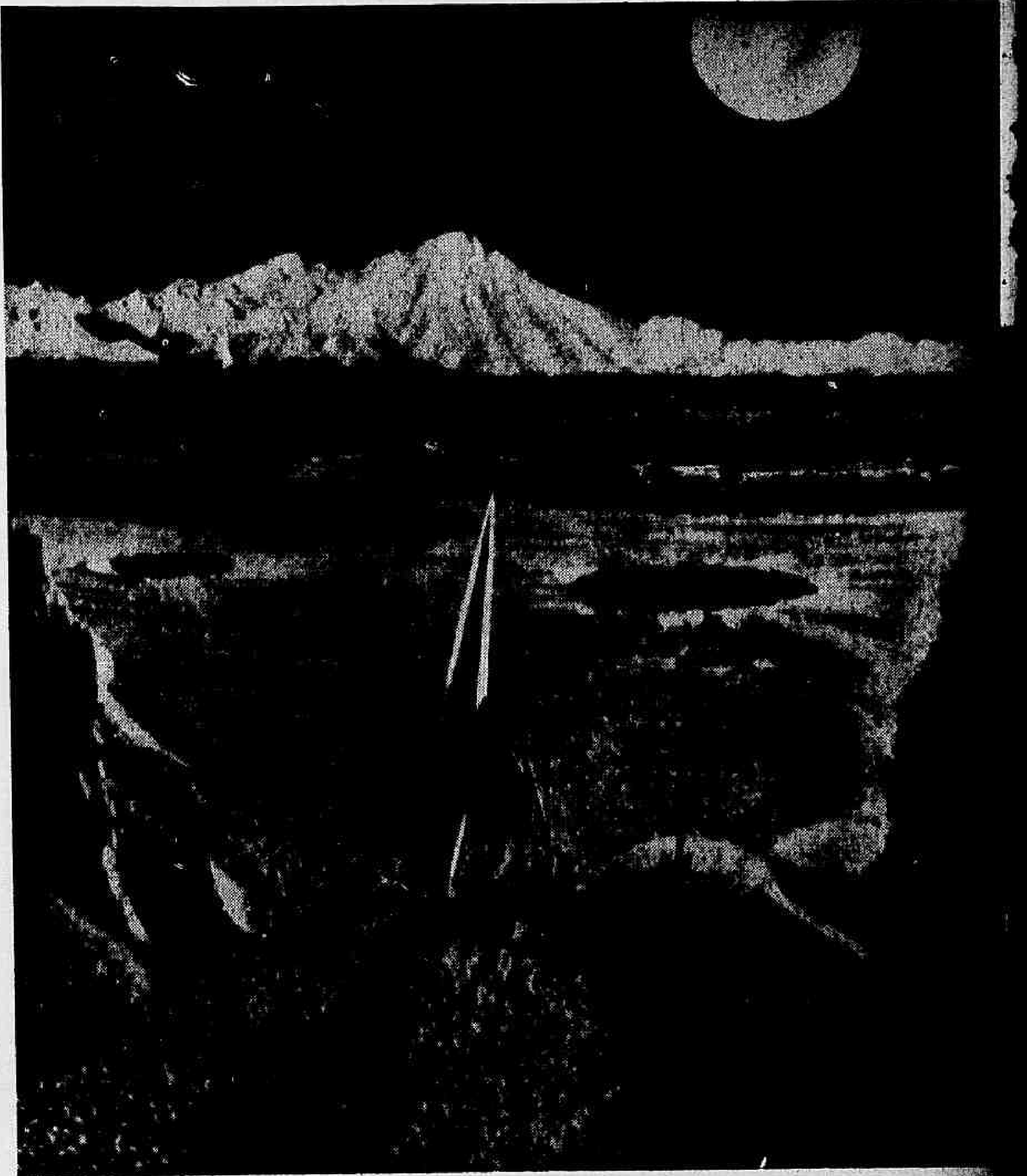
Se há sêres vivos nos planetas vizinhos não é assunto para ser resolvido só pelo astrônomo. Nisto o biólogo terá de dar também a sua opinião. E' sua obrigação aproveitar os dados fornecidos pelos observatórios. Quais são, por exemplo, as suposições para que haja vida orgânica no planeta **Vênus?**

Êle não necessita, como a terra, 365 dias para completar a volta em tôrno do sol, mas sòmente 224 dias. No entanto, o diâmetro de Vênus é pouca coisa menor que o da terra. Não admira que a fôrça de gravidade seja quase igual à da terra. Ela é para os sêres vivos um dos principais fatôres. Em virtude de sua pequenez podemos, na lua, dar pulos de seis metros, enquanto que em virtude da grande fôrça de atração de Júpiter, seríamos esmagados pelo próprio pêso de nosso corpo. Quem aqui pesa 70 kg, perderia em Vênus sòmente um décimo de seu pêso, isto é, a balança mostraria 63 kg. Em Vênus há, provàvelmente, tudo de que necessitam sêres vivos de nosso tipo. A maior proximidade do sol impede uma possível morte pelo frio e possibilita também a vida nos polos. Aí, porém, chegará a vez do biólogo fazer suas objeções. E' realmente verdade, como muitos estudiosos acreditavam até há pouco, que Vênus leva o mesmo tempo para girar em tôrno de seu eixo e em tôrno do sol? Então seu dia e ano seriam de igual duração. Porém, em virtude da possível maior lentidão da rotação de Vênus, fazendo com que seu dia seja muito mais longo que o nsso, haverá ensolação o dôbro maior que a nossa, enquanto a parte oposta ao sol gelaria em contacto com a temperatura de 273 graus do espaço.

Infelizmente, nossa Afrodite celeste impede, por meio de sua camada exterior, que se possa calcular exatamente sua velocidade de rotação.

Depois dessa primeira objeção contra a habitabilidade de Vênus seguem outras. Os componentes da atmosfera de Vênus apresentam principalmente gás carbônico, sendo que numa concentração 10.000 vêzes maior que na terra! Acrescente-se a isso o fato de ter êsse gás a propriedade de armazenar calor. Em virtude disso, provàvelmente, haverá uma temperatura de quase 100 graus na superfície de Vênus. As nuvens de Vênus não se compõem de vapor d'água que, como o oxigênio, não pode ser encontrado. Novamente é uma substância inútil de que se compõem as nuvens. Consiste de álcool metálico! Ao lado do gás carbônico representa veneno mortal para organismos animais ou humanos. Juntamente com a temperatura que faz com que tôda albumina coalhe imediatamente, as duas substâncias são obstáculos à vida em Vênus.

Na superfície de Vênus deve existir grande atividade de Vulcões, êstes constantemente produzem mais gás carbônico. Assim era nos primórdios de nossa terra, até que o gás excelente ficasse "prêso" nas montanhas, nas pedras calcáreas. Mas como os vegetais necessitam de gás carbônico para respirar, pode-se quase esperar que já haja uma flora primitiva. Então, aos poucos, aparecerá o necessário oxigênio. Não devemos esquecer que só podemos examinar o exterior de Vênus, talvez na superfície já haja até água em pequena quantidade. Quando os elementos carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio existirem nas quantidades necessárias e principalmente em relação certa, poderá Vênus, daqui a muitos milhões de anos, oferecer condições de vida para sêres animais. Saber com certeza se o belo e luminoso planeta vizinho possui sêres vivos parece ser impossível em nossos dias. Assim, a ciência rouba por enquanto a esperança de encontrarmos "irmãos" no espaço e corrige as narrações fantásticas dos romances. Em compensação deixa-nos a esperança de que Vênus mais tarde oferecerá condições para sêres vivos superiores.



LUA, ESCALA INTERMEDIÁRIA

Visão fantástica do que seriam os preparativos dos viajantes que desembarcassem na Lua para voltar á terra ou seguir viagem para outro planeta qualquer. Seria isso possível devido ao tamanho da Lua ser bem menor do que o da Terra, portanto a gravidade seria insignificante, facilitando depois a partida com outro rumo. Será isso uma antevisão do futuro?



A APARÊNCIA REAL DE VÊNUS SEGUNDO OS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS

Gigantescos vulcões lançam, permanentemente, gases venenosos na atmosfera saturada de metil e gás carbônico. Calcula-se que na superfície de Vênus haja uma temperatura média de 100 graus em virtude das nuvens compostas de gases venenosos conservarem o calor solar. A presença de bióxido de carbono em Vênus leva a crer que haja uma flora primitiva. Duvidoso é se já existem seres animais inferiores. Tudo leva a crer, portanto, que o planeta Vênus está ainda na fase de esfriamento, fase pela qual a Terra e todos os planetas habitados já passaram, há milênios. Possivelmente lá se repete o ciclo da vida, tal como aconteceu a cui no nosso planeta, desde os micro-organismos até o homem.

TUDO ISTO ACONTECEU

OS OLHOS DA GESTAPO

EM Paris acaba de acontecer um episódio digno de comentário pelo seu ineditismo. Estavam presos na capital da França vários criminosos de guerra, e, dentre os mesmos, quatro agentes da Gestapo de Hitler condenados à morte por fuzilamento.

Um deles, sabendo da sentença e do fim que os esperavam, dirigiu uma petição especial ao tribunal que o condenou, solicitando que, depois de fusilado fôssem retirados os seus olhos e oferecidos a um cego para que recuperasse a vista.

Na França, como em outros países da Europa, o enxêrto da córnea de olhos sãos extraídos de cadáveres, dá excelentes resultados em pessoas cegas. Uma grande reportagem já foi divulgada nas páginas desta REVISTA, mostrando a técnica e o modo de chegar-se a tal milagre. Desta forma, o requerimento de Mario Bay, o agente hitlerista que atuava na França contra os membros da Resistência Francesa foi deferido. Como, porém, os pelotões de fuzilamento mirem a cabeça dos candidatos à morte, foi dada permissão especial aos atiradores para que apontassem armas sôbre o coração do condenado que doara seus olhos a um cego francês.

E assim sucedeu. Enquanto os outros três companheiros de Bay eram atingidos no crânio e caíam com os miolos crivados de balas, Mario Bay morria com o coração trespassado. Mas os seus olhos ficaram incólumes.

Foram retirados os seus olhos em perfeito estado e conservados para a respectiva transplantação na cavidade ocular de algum cego. Para que o futuro dono dêsses olhos policiais e anti-democráticos não se desgoste, será conservado em segrêdo a origem dos mesmos. O diabo é se o cego começar a ver espiões por todo canto...

O IMORTAL CARLITOS



CHARLES Chaplin, o imortal Carlitos, tem um filho com o mesmo nome do pai. Poderia seguir a carreira diplomática, ser médico, bacharel em direito, banqueiro, diretor de cinema, magnata do aço ou do petróleo. Mas, que desejou ser o Carlitos Júnior?

Apenas isto: ator cômico de cinema. Muito bem; entretanto, o perigo não está nisso e sim em desejar tornar-se um novo Carlitos, o inimitável Carlitos, o maior dos artistas cômicos do cinema de todos os tempos. Não sabemos se êsse rebento do genial criador de «Luzes da Cidade» e «Tempos Modernos», julga que, para ser um outro Carlitos basta usar-lhe o bigodinho, calçar aquêles sapatões, meter o coquinho na cabeça e empunhar a famosa bengala cheia de complicações. E' provável que Carlitos Júnior se pareça com o pai, fisicamente, tenha dele traços fisionômicos, e, metido em seu indumento e acessórios teatrais, se torne muito parecido extremamente com o pai. Mas, terá êle o mesmo talento artístico, a mesma fôrça interpretativa, aquela performance inimitável que tornou Carlitos o maior de todos os astros do cinema, no seu gênero?

Se o filho do famoso astro conseguir êsse milagre, terá o mundo alcançado uma grande vitória: a perenidade de Carlitos diante das câmeras cinematográficas, continuando na pessoa do filho as glórias do seu genitor. E, se ao contrário do que espera Charles Chaplin Jr., sua capacidade de interpretação fôr muito inferior à daquele? Não seria preferível que êsse rapaz escolhesse uma outra profissão? Por exemplo: a de político, carreira que não exige nenhum talento artístico e sim, apenas, habilidade de trapézio...

BELA PUNIÇÃO

JÁ contamos num dêstes tópicos o que sucedeu com o Presidente da C.C.P. do Ceará, ao ser ludibriado por um leiteiro que lhe vendeu leite "beneficiado" com barro...

Mas ninguém sabia ainda o que determinara a autoridade furtada em relação àquele desaforo. Teria mandado para a cadeia o fraudador? Não se soube do fim. Entretanto, ao que parece, a Delegacia de Economia Popular tomou medidas absolutamente inéditas no país em relação a casos dessa natureza. De agora em diante, todo aquêle que vender leite "batizado" sofrerá a seguinte punição: terá a cabeça raspada a navalha!

Isso tem por fim identificar, perante o consumidor, aquêles que furtam no leite adicionando água de mais. Sim, porque, água de menos é o comum e já ninguém pode evitar a fraude.

Todo cidadão que andar pelas ruas de Fortaleza, de chapéu, boina ou boné, é suspeito. Cada um terá liberdade de mandar que êle se descubra. Se estiver com a cabeça raspada, já se sabe: leiteiro ladrão! Mas, ao que parece, a punição não vai ser eficiente, pois cabelo na cabeça cresce como sapé em capoeira queimada. E depois? Se um leiteiro furta no litro de leite deitando-lhe a metade d'água e ainda misturando um barrinho branco para engrosar e dar côr natural à mistura criminosa, e depois é pegado em flagrante e raspada a cabeça, não tardará muito que a marca registrada de sua ladroeira desapareça com o crescimento da cabeleira. E se o cidadão galuno fôr careca, coisa muito vulgar hoje? O efeito da navalha numa cabeça careca é inútil e o sinal da profissão de larápio não será visto por ninguém.

Seja como fôr, porém, acreditamos que o exemplo de Fortaleza devia ser adotado aqui no Rio. Como iam vender, as chapelarias!

VIDA DE CACHORRO

ATÉ bem pouco tempo, quando uma pessoa vivia a sofrer privações, era comparada a um cão. Por êsse motivo criaram a expressão: vida de cachorro.

Com o rolar dos tempos e o aumento do câmbio negro; com os novos-ricos e os apartamentos grã-finos; os modelos caríssimos de automóvel e as negociatas de todo gênero; a chegada e instalação nos bairros chiques de milhares de «emigrantes agricultores» de várias zonas da Europa e que saíram da Ilha das Flores para Copacabana, Leme ou Leblon, os cães tomaram outros rumos e passaram a viver vida de príncipes. Já se não pode mais dizer que uma pessoa leva vida de cachorro, como sinônimo de má vida. Os cães, excetuados os sem dono, os vira-latas pulguentos, passam hoje vida de nababos.

Os casais sem filhos, e que, hoje em dia, são a maioria nas grandes cidades, chamam aos seus cães, de «filhos» e «filhinhos». Êsses animais dispõem de amas, de dormitórios com todo confôrto, dão seus passeios à praia, de auto ou levados pelas «nurses» ou mesmo pelas donas. Já foi mesmo aprovada uma lei municipal no Distrito Federal, permitindo a residência de cães na morada de seus donos em apartamentos, coisa que não era permitido. Os cães passaram a residir legalmente em edifícios daquela natureza, mas os proprietários dêsses imóveis fazem restrições quanto a crianças... O caso está de tal maneira a crescer, que acaba de ser apresentado à Câmara dos Vereadores do Rio um projeto de lei regulamentando a existência de cães, dividindo-se os mesmos em duas classes: o vigia e o de luxo. O primeiro pagará Cr$ 20,00; o outro, cem. Mas se o de luxo viver em apartamento, Cr$ 200,00.

Como esta cidade tem progredido!

TOUREIRO X SINATRA



NÃO estava ainda esquecido o romance entre Ingrid Bergman e Rossellini, do que resultou num casamento comentadíssimo no mundo inteiro, quando estoura êste outro caso de amor à primeira vista: Ava Gardner e Don Cabre.

Ava Garder, como todos sabem é a linda estrêla de Hollywood, ex-espôsa de Mickey Rooney. Divorciada dêste, convolou novas núpcias com um outro astro, e êste do rádio: Frank Sinatra.

Ava e o "crooner" norte-americano iam muito bem, até que foi ela à Espanha, a fim de tomar parte principal num filme daquelas terras encantadoras e românticas.

Ava Gardner, ou melhor, Mrs. Sinatra, se embriagou diante das maravilhas mouriscas de Sevilha, com o olhar negro e sombrio de andalusas fascinantes e se encantou com a abilidade e elegância dos toureiros. Jamais a estrêla de Los Angeles vira coisa igual. Que belo país! Que gente amável e cavalheiresca!

Seria um sonho que estava vendo e sentindo? Ava se entregava a transportes líricos e emotivos. Comparecia a festas regionais e, cada vez mais se convencia de que era na Espanha que morava a felicidade de viver.

Pediu que lhe ensinassem a manejar as castanholas, a dar o requebro excitante na coreografia nacional, a olhar com aquêle olhar sestroso das meninas de Espanha.

Tudo lhe foi ensinado. Ava era de origem anglo-saxã, fria, sem os ademanes das latinas, sem o "it" das espanholas deslumbrantes; mas estava disposta a transformar-se numa espanholita. E o conseguiu enamorando-se de um toureiro legítimo! A notícia intranquilizou Sinatra, que tomou um avião e se foi a "los toros" para enfrentar o rival. Mas... viva la gracia! Era tarde de mais! E Sinatra foi um boi manso para as farpas de Don Cabre!

UM NOVO DR JUNQUEIRA



O leitor está bem a par da famosa persoiagem que é o "dr" Junqueira. Trata-se de um cidadão de palavra fácil, de aspecto agradável, maneiroso e melífluo no falar E' capaz de iludir o mais astuto polícia da "Scotland Yard" e vender o Corcovado com o Redentor, elevadores, instalações elétricas e o trenzinho do Corcovado, se assim o desejar um dia. A polícia, de quando em quando lhe deita a mão; infelizmente, os recursos carcerários e regeneradores da nossa polícia são muito pequenos e todos os malandros, escroques e chantagistas capturados num dia são soltos no dia seguinte por falta de alojamento correcional.

Resulta de tudo isso que, não somente continua a agir o famigerado "dr." Junqueira, como também inspira outros indivíduos na prática de tais delinquências. Veja-se, por exemplo, o que acaba de suceder na capital paulista. Divulgam os jornais do Rio, através de telegramas vindos de S. Paulo, que foi prêso em Santos o "Prefeito de Maceió" e "candidato ao govêrno de Alagoas", sr. Osvaldo Moreira, também irmão do bispo de Petrolina... A história tem lances interessantes e dignos de uma crônica. Êsse Moreira traja negro, permanentemente, e diz que assim o faz porque jurou usar luto por alma de todos os seus parentes assassinados pelos inimigos políticos. Em sufrágio de suas almas, manda celebrar missas tôdas as semanas.

Em S. Paulo conseguiu infiltrar-se entre os altos meios sociais e políticos, tendo ainda impressionado bem os centros religiosos do alto clero pela simulação piedosa que sabe fingir. Desmascarado, fugiu para Santos em companhia de uma menor. Ao pretender embarcar com ela para o Rio, foi prêso e recambiado para a capital paulista. Um discípulo do "dr." Junqueira!

A TRAIÇÃO DA PONTE



O povo italiano é profundamente religioso, essencialmente católico. Suas festas religiosas têm fama por todo o mundo e arrastam multidões para apreciá-las em suas respectivas datas.

Há, em várias cidades italianas, as procissões formadas por centenas de crianças tôdas entregues ao seu fervor místico, sob as vistas dos pais que se comovem com a religiosidade dos filhos obedientes.

Nos arredores de Veneza há um dêsses festejos. Mas, infelizmente, não possui ainda o homem poderes de adivinhar as coisas, e, por falta dessa virtude, dessa inspiração privilégio de profetas e adivinhos, acaba de dar-se tremendo desastre nos arredores da famosa cidade dos doges e dos crimes tenebrosos. Uma procissão composta de crianças ia passando por sôbre um dos numerosos canais que cercam e invadem a cidade, quando a ponte cedeu e ruiu estrondosamente.

O pânico foi indescritível. Pais que gritavam pelos filhos tragados na catástrofe, crianças que pediam socorro sob os escombros ou debatendo-se nas águas do canal fatídico, formavam um conjunto de dia de juízo final. Cêrca de cinqüenta crianças foram atingidas pelo imenso e deplorável desastre, sendo encontrados mais de dez cadáveres de menores a boiar nas águas traiçoeiras, conseguindo-se salvar 38 crianças de uma morte certa e cruel. Isso nos serve de advertência. Nós, também no Brasil, cultivamos o espírito religioso e gostamos de integrar procissões e cortejos religiosos e de outro caráter. Pelo interior há pontes sôbre rios e riachos que não oferecem segurança em face do pêso anormal. Que as crianças brasileiras sejam defendidas pelos poderes públicos, evitando-se dessas pontes traiçoeiras.

MILIONARIA SEM TOSTÃO



MARY Catherine Reardom Gueci, tem um nome bastante grande e uma excelente fortuna em dólares que chega à casa dos 500 mil dólares. Mas essa milionária vive num "miserê" de fazer pena ao mais endurecido coração.

Mary é casada com Mr. Gabriel, um orento de marca maior. Vive também na pindaíba perpétua. Ela tem 18 anos e êle 19. Casaram-se por amor, ou melhor na esperança de melhores dias.

Perguntará o leitor intrigado com êsse mistério: mas... e a fortuna em dólares de Mrs. Gueci? Sim, essa bolada lhe pertence, é dela: mas o diabo é que sôbre essa jovem espôsa e o seu dinheiro há um drama que, em resumo é êste: Em 1945, mais ou menos, quando tinha apenas treze janeiros, foi acusada de haver assassinado o próprio pai, o milionário J. Vincent Reardon. O episódio foi largamente comentado em todo o país, dividindo-se as opiniões. Prêsa, foi julgada por um Tribunal de Delinquentes Menores de St. Louis, sendo absolvida por falta absoluta de provas contra ela.

Com a morte do pai entrou ela na herança de 500 mil dólares; mas, com a cabulosa circunstância de só poder lançar mão da riqueza quando completasse 21 anos. Casou-se agora com um rapaz sem vintém e os dois estão passando os maiores apertos desta vida. Terão que esperar que passem os três anos que ainda faltam para a posse da herança. Mrs. Gueco, porém, é dada a certas exibições e ama o belo e o bom. Acaba de ser acusada de um novo crime: o de ter furtado de uma loja do Wishire Boulevard de Los Angeles, um vestido de sêda! Foi prêsa e metida no xadrez, de onde só saiu porque um anônimo pagou a fiança de 500 dólares. Mas que vida!

O MAIS ESTRANHO CASO DE AMOR



LEITOR amigo ou gentilíssima leitora. O título acima parece mais com um dêsses romances medievais ou uma de nossas terríveis novelas radiofônicas. Entretanto, o caso se passou aqui mesmo na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro e constitui, na realidade, o mais estranho caso de amor. Há trinta e muitos anos que, na rua Jardim Botânico um caixeirinho de venda, menino pobre e órfão de pai, vivia inteiramente para sua mamãe. Todo o seu ordenado lhe era entregue; contudo, dotado de espírito sonhador, desejava cursar uma faculdade superior e ser gente, no futuro. Na mesma rua morava uma família muito rica e, dentre outros membros havia uma menina, filha do casal, mais jovem do que o nosso herói, uns três anos. Amaram-se. O mais vigoroso amor de que se pode ter memória depois daquele de Romeu e Julieta, mesmo com Rosalina no meio.

Logo que os pais da menina souberam do romance, declararam guerra a ambos e trataram de vedar a entrada de Cupido no seu palácio. Mas o amor é terrível e tem astúcias. Fugiram e se uniram pelo amor. Constituiram o lar. Vieram dois filhos. Lutaram heròicamente, jamais ocupando os que eram mais ricos e poderosos do que êles. Isso durou vinte e cinco anos. Fizeram bodas de prata... mesmo prata fora da lei, embora prata de lei consagrada pelo amor. Nunca tiveram uma rusga. Mar de felicidade. Mas, e os filhos? Decidiram então legalizar sua união pelo casamento. Compareceram ao Pretório e regressaram ao lar com a certidão probatória. Mas... Que surprêsa! Que decepção! Dali por diante não mais houve paz naquele lar. Brigas, rixas, ciumadas, o diabo todos os dias. Um inferno. E três meses após a legalização do casamento, compareceram ao juiz da Vara de Família para... desquitarem-se por incompatibilidade de gênios!



S. PIETRO REPARTO
INGRESSO SCALA BRASCHI

Sua Santità riceverà in udienza

Il Signor Silveira

nel giorno di domani

alle ore 12

Vaticano, 21 APR 1950

Il Maestro di Camera di S. S.



Signore: velo e rigorosamente accollato.
Ecclesiastici: abito piano.

AUDIENCIA PONTIFICIA E CANONIZAÇÃO

REPRODUZIMOS aqui os "fac-simile" de dois documentos que provam a presença da REVISTA DA SEMANA em Roma para tomar parte nos festejos do Ano Santo. Reproduzimo-los para autenticar a série de reportagens que estamos publicando e para orientar os leitores. Nosso enviado especial à Europa, sr. Celestino Silveira, redator-chefe da REVISTA, encontrou centenas de brasileiros peregrinando em terras italianas, e muitos outros quererão com certeza ir até lá na segunda metade dêste Ano Santo de 1950. Pois aí está o que é preciso obter para ser recebido em audiência pelo Papa, uma permissão especial e nominal, em que está marcado o dia, a hora e até o traje que deve ser observado. A outra gravura é o convite pessoal que serviu para assistir à Canonização da Beata Maria Guglielmina Emilia de Rodat, fundatriz da Congregação das Irmãs da Santa Família, a primeira a ser elevada à honra dos altares neste ano. O que foi a solenidade e as funções religiosas, os leitores poderão encontrar na reportagem de abertura do presente número, detalhadamente descrito pelo nosso enviado especial a Roma.



Nº 0055 Ingresso: FACCIATA della BASILICA
(CANCELLO CENTRALE)

23

GRATIS

Reparto S. Pietro

SOLENNE CANONIZZAZIONE
DELLA BEATA
MARIA GUGLIELMA EMILIA DE RODAT
FONDATRICE
DELLA CONGREGAZIONE DELLE SUORE DELLA SANTA FAMIGLIA

DOMENICA 23 APRILE 1950

BIGLIETTO PERSONALE D'INGRESSO NELLA BASILICA VATICANA

PER IL MAESTRO DI CAMERA DI SUA SANTITÀ
FEDERICO CALLORI DI VIGNALE

MAESTRO DI CAMERA DI SUA SANTITÀ

La Sacra Funzione incomincerà alle ore 8.
Ecclesiastici: abito piano.
Signori: abito nero, uniforme.
Signore: abito nero accollato e velo.
È vietato introdurre nella Basilica bandiere ed emblemi.
Il biglietto dovrà mostrarsi ad ogni richiesta.

Tip. Vaticana

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Canonização da Bemaventurada Emile de Rodat (Celestino Silveira) 3
Anna Magnani, artista e mulher (Sylvio Silveira) . 4/5
Flagrantes de Roma no Ano Santo (Celestino Silveira) 8/15
O Partido de Representação Popular (Carlos Duarte) 23/25
Yogi aplicado ao ballet (John Smith) 28/31
Jóias que os ladrões não roubam (João Alvarenga) 32/33

LITERATURA

Com uma rosa na mão (Dalton Trevisan) 27
O leque (Tomás Tavares) .. 34
Semana Literária (Edmundo Lys) 50/51

HUMORISMO

Bom humor 16
Véspera de eleição (Théo) . 22
Dicionário (Nicodemus) ... 26

FEMININAS

Várias — «Yins» e «Yangs» (Lyse) 35
Estampados elegantes 36
Em tafetá e renda 37
Quadriculados 38
Elegantes 39
Week-end na cozinha 40/41

ATUALIDADES

O caso da Irmandade do SS. Sacramento (Sabino Canalini) 17
Os militares fazem democracia 18/21
Alma rumena (Alexandre Hortopan) 49
Week-end na Lua (Wolf Kneip) 54/55

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em revista — Personagem da semana 6
Puxe pelo cérebro — Palavras cruzadas 7
A saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Fº.) 48
Tudo isto aconteceu 56/57

CINEMA

«Verdugos» 52/53

FOLHETIM

Romance na chuva 47

FOTOS

Arnaldo Vieira
Arnaldo Vieira Filho
Paolinifoto
New Press
Avulsas

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇÃO

Oswaldo da Cunha

★

NOSSA CAPA

Janie Page — RKO

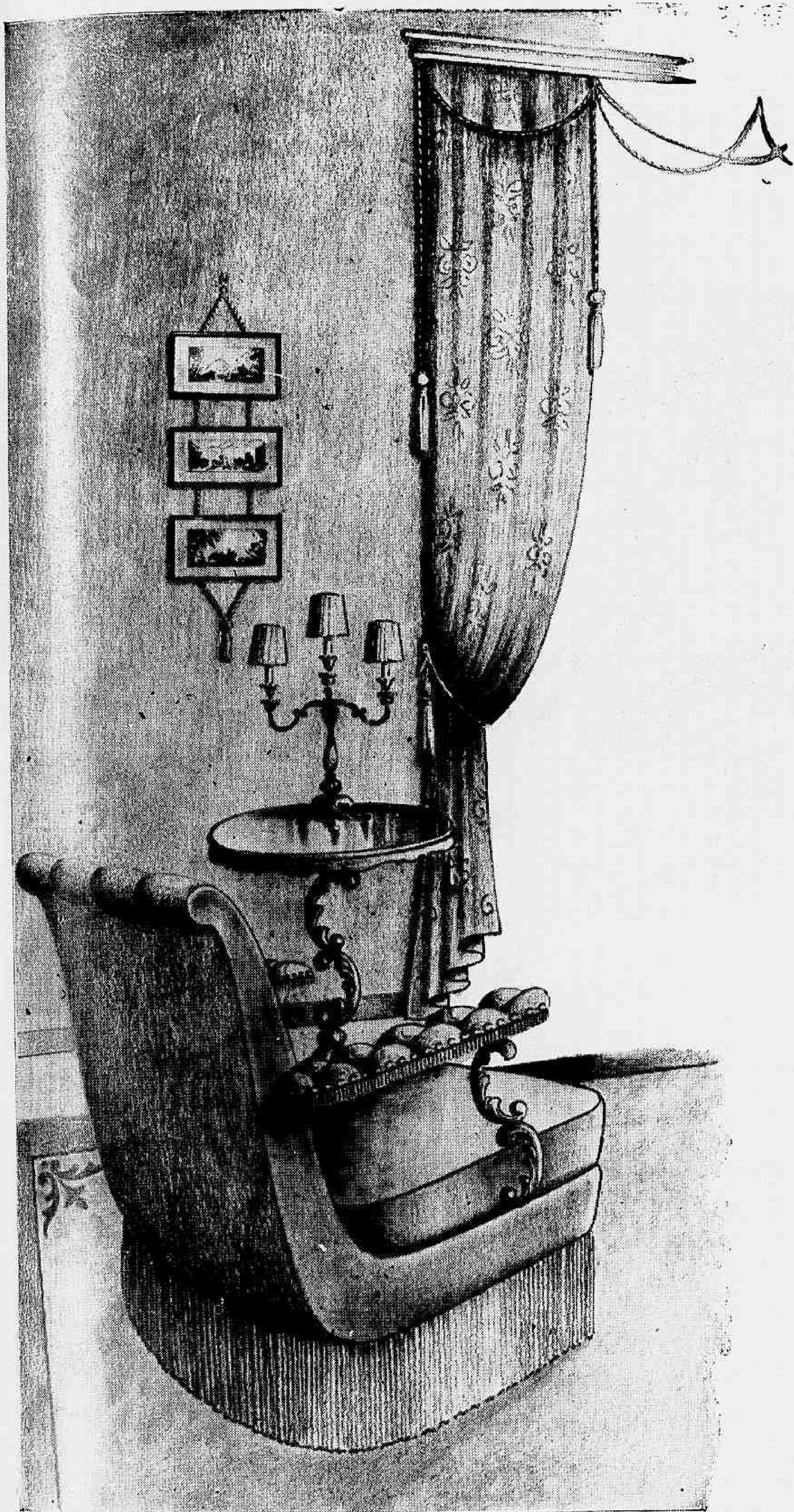
Puxe pelo cérebro

(Respostas ao Teste da pág. 7)

1 — Derrota dos Confederados na guerra de secessão
2 — Princesa
3 — Itália (Pisa)
4 — O ponto mais alto da cabeça
5 — No Hotel dos Estrangeiros (Praça José de Alencar)
6 — Aversão a novidades
7 — Rua da Imperatriz
8 — Na rua do Valongo (Camerino)
9 — Capitania
10 — Gás existente nas minas de carvão
11 — 1835
12 — Papel para copiar em mimeógrafo
13 — Corte abrupto de uma montanha sôbre o mar
14 — Na rua 13 de Maio
15 — Foi processado
16 — A Ultra-Romântica
17 — Estrofe de cinco versos
18 — Teodicéia
19 — Alvarenga Peixoto (Libertade ainda que tarde)
20 — Juvenal Galeno, Ceará (com 95 anos).

A REVISTA DA SEMANA EM FÁTIMA

POR ocasião da recente e tradicional solenidade da romaria a N. S. de Fátima, levada a efeito dia 13 de maio último, na Cova da Iria, arredores de Lisboa, lá estêve o nosso companheiro Celestino Silveira, que então regressava da viagem empreendida a Roma, onde fôra desincumbir-se das nossas grandes reportagens sôbre o Ano Santo. Pela primeira vez, um repórter brasileiro foi especialmente a Portugal com o propósito de assistir àquela imponente festividade religiosa. Em condução especial, com o seu equipamento fotográfico, nosso companheiro enfrentou o violento temporal desabado naquela memorável noite, da qual deram notícias os telegramas do dia imediato para o Rio, conseguindo, mesmo assim, recolher amplo material informativo e documentário fotográfico. Detalhes da procissão das velas, do "adeus à Virgem", da presença dos enfermos na grande nave de Fátima, flagrantes curiosos e absolutamente inéditos de como se expuseram os peregrinos chegados ali de todos os pontos de Portugal e mesmo do estrangeiro para receber a bênção divina, a aglomeração de quase meio milhão de almas no local das festividades — tudo isso, com resenha pormenorizada, será motivo da reportagem que a REVISTA DA SEMANA, no próximo número, oferecerá aos seus leitores. E' dêsse importante serviço, que requisitou, para uma eficaz realização, o concurso de transportes aéreos e terrestres, o aspecto fotográfico acima, em o qual pode ver-se uma enfêrma, já restabelecida, cumprindo a sua penitência, acompanhada de pessoas da família. Mais de trinta ilustrações de igual expressão estarão na próxima edição.



CORTINAS
TAPETES
PASSADEIRAS
TECIDOS

MOVEIS
DECORAÇÕES

GRANDE SORTIMENTO DE
TAPETES E PASSADEIRAS
DE TODO O MUNDO,
FABRICADOS ESPECIALMENTE
PARA A







65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO

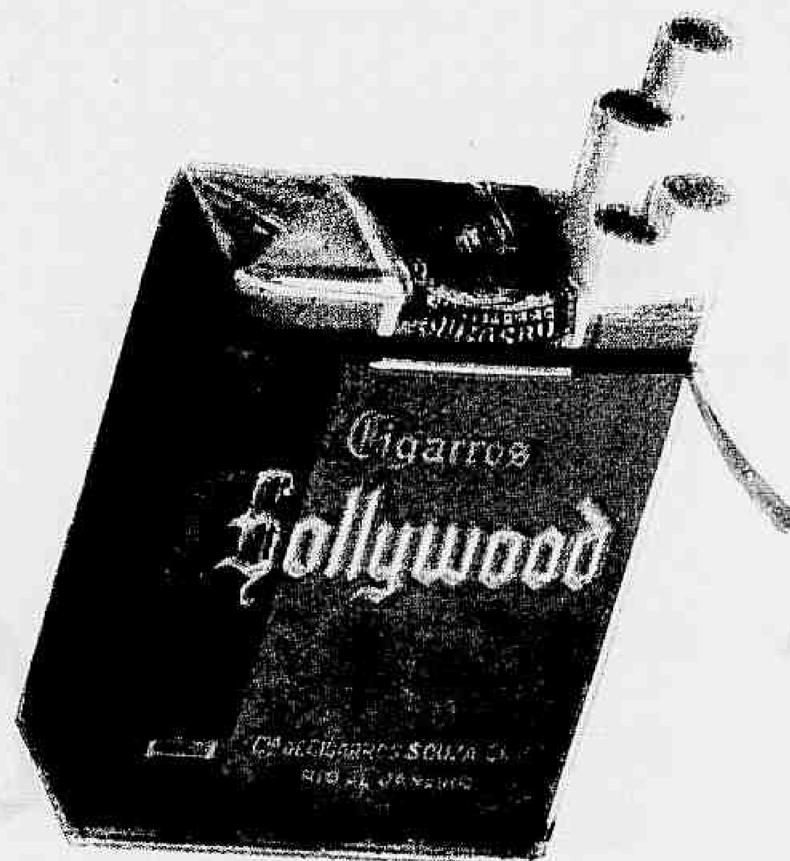


Onde se divertem pessoas de bom gosto...

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**